

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CAMPUS MATA NORTE – NAZARÉ DA MATA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

JOSÉ EDSON BENTZEN

**AUTOBIOGRAFIA: UMA PONTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA
ESCRITA NA EJA**

NAZARÉ DA MATA

2018

JOSÉ EDSON BENTZEN

**AUTOBIOGRAFIA: UMA PONTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA
ESCRITA NA EJA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS, da Universidade de
Pernambuco, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rossana Regina
Guimarães Ramos Henz

NAZARÉ DA MATA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Campus Mata Norte CMN/UPE
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa



B478a

Bentzen, José Edson.

Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA. / José Edson Bentzen. – Nazaré da Mata: o autor, 2018.

151p.: Il.

Orientador: Dr^a. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco. Campus Mata Norte. Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, 2018.

1. Autobiografia. 2. Metodologia. 3. EJA. I. Título. II. Henz, Rossana Regina Guimarães Ramos. (orient.).

CDD 20th ed. – 374
Rosa Cristina - CRB4/1841

JOSÉ EDSON BENTZEN

AUTOBIOGRAFIA: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 29 / Nov / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz – Orientadora
Universidade de Pernambuco – UPE

Profa. Dra. Anahy Samara Zamblano de Oliveira
Universidade de Pernambuco – UPE

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Nazaré da Mata

2018

A minha mãe, exemplo de mulher e de ser humano, e ao meu pai, que já não está entre nós, mas que sempre me incentivaram nos grandes desafios de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me concedeu a determinação para transpor os desafios apresentados, mas também a serenidade para encará-los como *constructo* de quem sou hoje.

À minha esposa, amor, amiga e companheira incondicional de todas as horas, pelo apoio e compreensão.

Ao meu filho, pela simples razão de existir e, dessa forma, me passar a esperança de um futuro melhor.

À professora Dra. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz, a quem o adjetivo “orientadora” tem significado único, refletido na condução dessa pesquisa, de forma terna e objetiva. Minha eterna admiração pelo comprometimento que possui com a Educação.

A todos os professores que ministraram aulas nesse Mestrado, minha gratidão e admiração.

À Prefeitura Municipal de Ipojuca, por ter acreditado e financiado parte da execução deste projeto.

Aos amigos do Mestrado, que tornaram as horas do café (intervalo) momentos de prazer e descontração, amenizando nossas angústias.

RESUMO

Nesta pesquisa, propomo-nos a apresentar uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, voltadas ao ensino-aprendizagem de um gênero, com ações pedagógicas alinhadas às práticas sociais dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Para isso, buscamos elencar quais características formais e funcionais do gênero autobiografia são necessárias para a elaboração de um modelo didático voltado a EJA e, baseado nesse modelo, elaborar oficinas de escrita que proporcionem a aprendizagem dessas características, além de organizar um livro coletivo com as autobiografias escritas, a ser disponibilizado na biblioteca da escola. Nesse sentido, fundamentamos nossos estudos em autores que tratam a concepção da linguagem escrita como forma de interação entre os sujeitos, tendo como base o gênero proposto. Assim, nos valem de vários teóricos, os quais destacamos, no que diz respeito a EJA, os estudos de Garbúggio e Pinto (2001), Mello (2005), Ribeiro (2009) e Coutinho (2010). Para discorrer sobre Letramento, recorremos as pesquisas de Kleiman (1995), Soares (2002 e 2009), Bazerman (2006, 2007, 2011), Tfouni (2010), e Street (2014). Em relação as Concepções de Escrita, Produção e Revisão Textual, contamos com os estudos de Geraldi (1995), Bakhtin (1997), Kato (1998), Soares (2001), Bagno (2002), Antunes (2003, 2014), Marcuschi (2008, 2010), Rojo (2009), Pereira (2010) e Koch (2012). Para tratarmos do Gênero Autobiografia, nos apoiamos nas pesquisas de Josso (2010), Souza (2011), Carvalho (2016), Gaspar (2014) e Passeggi (2017). Para caracterizar nossa pesquisa e análises, e ainda, fundamentar nossas oficinas, nos respaldamos nos estudos de Richardson (2003), Paviani e Fontana (2009), Thiollent (2011) e Rodrigues (2017). Este estudo foi desenvolvido com alunos da 4ª fase da EJA, da Escola Municipal Agro Urbana, Município de Ipojuca, cujos os resultados apontados no Sistema de Avaliação daquele Município revelaram a necessidade de propor uma metodologia de ensino que favorecesse o desenvolvimento da escrita e sua produção, com ações pedagógicas alinhadas às práticas sociais desses alunos. Esperamos com esse estudo, ampliar, no campo da pesquisa sobre ensino de língua, questões teórico-metodológicas, sobretudo no que diz respeito à produção textual na EJA, possibilitando a visibilidade de outras fontes e perspectivas de investigação.

Palavras-chave: Autobiografia. Metodologia. EJA.

ABSTRACT

In this research, we propose to present a teaching methodology that favors the development of writing and its production, geared to the teaching-learning of a genre, with pedagogical actions aligned with the social practices of students of Youth and Adult Education. For this, we seek to list which formal and functional characteristics of the autobiography genre are necessary for the elaboration of a didactic model directed to the EJA and, based on this model, to elaborate writing workshops that provide the learning of these characteristics, besides organizing a collective book with the written autobiographies to be made available in the school library. In this sense, we base our studies on authors who treat the concept of written language as a form of interaction between the subjects, based on the proposed gender. Thus, we use several theorists, which highlight, with regard to EJA, the studies of Garbúggio and Pinto (2001), Mello (2005), Ribeiro (2009) and Coutinho (2010). In order to discuss Letramento, we used the research of Kleiman (1995), Soares (2002 and 2009), Bazerman (2006, 2007, 2011), Tfouni (2010) and Street (2014). In relation to the Conceptions of Writing, Production and Textual Review, we have the studies of Geraldi (1995), Bakhtin (1997), Kato (1998), Soares (2001), Bagno (2002), Antunes (2003, 2014), Marcuschi (2008, 2010), Rojo (2009), Pereira (2010) and Koch (2012). To address the Autobiography genre, we rely on the research of Josso (2010), Souza (2011), Carvalho (2016), Gaspar (2014) and Passeggi (2017). In order to characterize our research and analyzes, and to base our workshops, we support the studies of Richardson (2003), Paviani and Fontana (2009), Thiollent (2011) and Rodrigues (2017). This study was developed with students from the fourth phase of EJA, from the Agro Urbana Municipal School, Municipality of Ipojuca, whose results pointed out in the Evaluation System of that Municipality revealed the need to propose a teaching methodology that favored the development of writing and its production, with pedagogical actions aligned with the social practices of these students. We hope with this study to expand, in the field of research on language teaching, theoretical-methodological issues, especially with regard to textual production in the EJA, allowing the visibility of other sources and research perspectives.

Keywords: Autobiography. Methodology. EJA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Avaliação por Situação de Competência - Revista Pedagógica SAEMI, 2014.....	15
Imagem 2	Fragments da Oficina 1 – Fomento.....	60
Imagem 3	Fragments da Oficina 1 – Fomento.....	61
Imagem 4	Produção inicial de Elina, Eli e Josy1.....	63
Imagem 5	Produção inicial de Josy1 e Val.....	64
Imagem 6	Produção inicial de Josy2 e Jo.....	64
Imagem 7	Produção inicial de Val e Lucy.....	65
Imagem 8	Produção inicial de Dany e Narcy.....	65
Imagem 9	Produção inicial de Jeff e Nay.....	66
Imagem 10	Fragments da Oficina 2 – Comentário.....	68
Imagem 11	Fragments da Oficina 3 – Apresentação.....	69
Imagem 12	Fragments da Oficina 3 – Apresentação.....	70
Imagem 13	Fragments da Oficina 3 – Apresentação.....	71
Imagem 14	Fragments da Oficina 3 – Apresentação.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Resultados da Escola Agro Urbana - Produção Textual - 4º fase da EJA – Revista Pedagógica SAEMI, 2014.....	15
Tabela 02	Percentual de estudantes por nível de proficiência e padrão de desempenho - Revista Pedagógica SAEMI, 2014.....	16
Tabela 03	Índice de analfabetismo para pessoas acima de 15 anos por locação geográfica – IBGE, 2005.....	24
Tabela 04	Modelo Didático do Gênero Autobiografia.....	57
Tabela 05	Categorias de Análise	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades do aluno Luca.....	81
Gráfico 02	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades da aluna Val.....	87
Gráfico 03	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades do aluno Josy2.....	96
Gráfico 04	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades do aluno Line.....	104
Gráfico 05	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades do aluno Nancy.....	110
Gráfico 06	Gráfico das Categorias de Análise e Quantidade de Improriedades do aluno San.....	116
Gráfico 07	Gráfico Geral das Categorias de Análise.....	118
Gráfico 08	Gráfico Geral das Quantidade de Improriedades.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CIPA	Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Inst. Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
SAEMI	Sistema de Avaliação do Município de Ipojuca
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
TECLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. DIVISÃO DOS CAPÍTULOS	17
CAPÍTULO 1	
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	20
3.1 Educação de Jovens e Adultos: perspectivas históricas.....	20
3.2 Letramento.....	26
3.3 Histórico do Ensino de Língua	32
3.4 Reescrita.....	44
3.5 Autobiografia	46
CAPÍTULO 2	
4. PERCURSO METODOLÓGICO	53
4.1 Pesquisa-ação.....	53
4.2 O <i>Lócus</i>	56
4.3 Os Sujeitos.....	56
4.4 O <i>Corpus</i>	56
4.5 Modelo Didático do Gênero Autobiografia.....	57
4.6 As Oficinas.....	57
CAPÍTULO 3	
5. EXECUÇÃO DO PROJETO.....	60
5.1 Oficina 1 - Fomento.....	60
5.2 Análise das Produções Iniciais.....	63
5.3 Categorias de Análise.....	66
5.4 Composição das Oficinas.....	67
5.5 Oficina 2 - Comentário.....	67
5.6 Oficina 3 - Apresentação.....	68
5.7 Oficina 4 - Proposição.....	73
CAPÍTULO 4	
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	75
6.1.1 Autobiografia de Luca.....	75
6.1.2 Análise da autobiografia de Luca.....	76
6.1.3 Autobiografia reescrita de Luca.....	77
6.1.4 Análise da autobiografia reescrita de Luca.....	78

6.1.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Luca.....	80
6.2.1 Autobiografia de Val.....	82
6.2.2 Análise da autobiografia de Val.....	83
6.2.3 Autobiografia reescrita de Val.....	84
6.2.4 Análise da autobiografia reescrita de Val.....	85
6.2.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Val.....	86
6.3.1 Autobiografia de Josy 2.....	88
6.3.2 Análise da autobiografia de Josy 2.....	89
6.3.3 Autobiografia reescrita de Josy 2.....	90
6.3.4 Análise da autobiografia reescrita de Josy 2.....	93
6.3.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Josy 2.....	95
6.4.1 Autobiografia de Line.....	97
6.4.2 Análise da autobiografia de Line.....	98
6.4.3 Autobiografia reescrita de Line.....	99
6.4.4 Análise da autobiografia reescrita de Line.....	101
6.4.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Line.....	103
6.5.1 Autobiografia de Narcy.....	104
6.5.2 Análise da autobiografia de Narcy.....	105
6.5.3 Autobiografia reescrita de Narcy.....	106
6.5.4 Análise da autobiografia reescrita de Narcy.....	107
6.5.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Narcy.....	108
6.6.1 Autobiografia de San.....	110
6.6.2 Análise da autobiografia de San.....	111
6.6.3 Autobiografia reescrito de San.....	112
6.6.4 Análise da autobiografia reescrita de San.....	113
6.6.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de San.....	115
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
8. REFERÊNCIAS.....	121
9. APÊNDICES.....	127
10. ANEXOS	133

"O que cada adulto culto – mesmo o mais culto – ignora é infinito." Pinto (1993)

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação soma-se aos diversos trabalhos que desenvolvem metodologias de ensino que favorecem o desenvolvimento da escrita e sua produção, voltadas ao ensino-aprendizagem de determinado gênero.

Sua especificidade está nos objetivos que aqui promovem ações pedagógicas alinhadas às práticas sociais dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA). Para isso, buscamos propor uma metodologia de aprendizagem, por meio da elaboração de oficinas de escrita, elencar quais características formais e funcionais do gênero autobiografia são necessárias para a elaboração de um modelo didático voltado a EJA; e organizar um livro coletivo com as autobiografias escritas, a ser disponibilizado na biblioteca da escola.

Nesse sentido, em se tratando de questões relacionadas à educação de jovens e adultos no Brasil, fez-se necessário conhecermos os caminhos percorridos por essa modalidade e o da apropriação da linguagem escrita, sobretudo, na perspectiva das práticas sociais.

Desde os tempos mais longínquos, o ser humano tem necessidade de se comunicar, seja por meio de gestos ou das formas iniciais de oralidade, seja por intermédio das primeiras comunicações escritas, as chamadas pinturas rupestres.

Com o passar do tempo, essas expressões visuais desenvolveram-se em direções distintas: o desenho como arte e o sistema pictográfico na comunicação escrita. Segundo Kato:

Esse sistema pictográfico não apresenta inicialmente uma relação direta com a fala; porém, encaminha-se, posteriormente, em direção à representação da fala, passando a ser um simbolismo de segunda ordem. (KATO, 1998, p.13)

Foi a partir desse sistema e de outros recursos de identificação mnemônicos (símbolos heráldicos e indígenas) que se deu o desenvolvimento da escrita através da história.

A comunicação tornou-se, então, uma das mais importantes necessidades humanas. É ela quem torna o homem um ser social e se materializa, entre outras formas, na escrita. Nessa perspectiva, a habilidade da escrita passou a ser exigida

em vários contextos sociais, logo, não há como desenvolver essa habilidade sem associá-la às práticas sociais em que os indivíduos estejam envolvidos.

Por esse motivo, os objetivos propostos pelo Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Língua Portuguesa reforçam essa necessidade, inclusive associada aos gêneros: “Redigir textos na modalidade escrita nos gêneros previstos para o ciclo, considerando as especificidades das condições de produção” (PCN vol. 2, 1998. p.97)

Aliado a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recentemente homologada, assume uma proposta centrada no texto como unidade de trabalho. Assim:

O texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. (BNCC, 2017, p.65)

Dessa forma, o eixo da produção de textos na BNCC compreende, além das práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria do texto escrito e oral, novos gêneros e textos multissemióticos, em razão das práticas de linguagem contemporâneas que envolvem, cada vez mais, esses tipos de gêneros textuais.

Portanto, entendemos que a produção textual, especialmente na Educação de Jovens e Adultos - EJA, é mais que uma habilidade a ser desenvolvida, é uma necessidade, resultante de um processo interacional, no qual os alunos devem dialogar com o texto como sujeitos para que possam fazer uso nas práticas sociais.

Nessa concepção interacional (dialógica) da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, sociais e interacionais (BEAUGRANDE, 1997, p.10 apud KOCH, 2012, p.37).

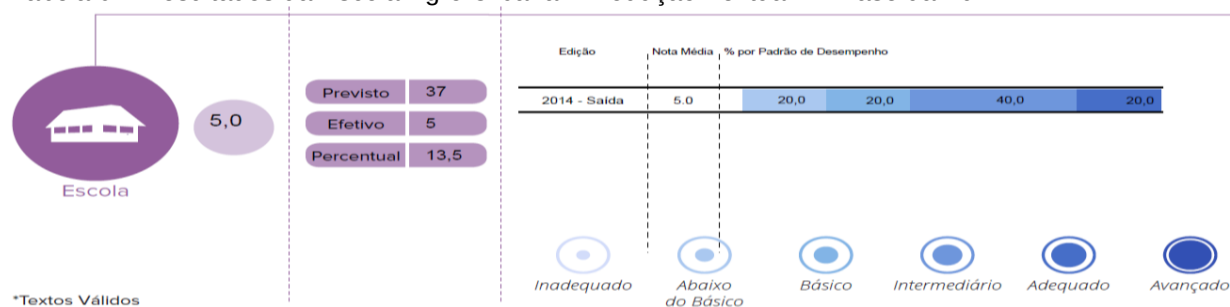
Além disso, apropriar-se da escrita como atividade de produção textual é um dos caminhos para inserção dos alunos no mundo letrado, pois a produção de textos, assim como a leitura possibilitam o registro do pensamento humano e a transmissão de conhecimento, características primordiais para o indivíduo em sociedade.

Assim, na escola, especificamente em nosso campo de atuação, os alunos de Educação de Jovens e Adultos devem ser estimulados a produzir textos, a escrever, o que só é possível por meio de um trabalho sistemático e planejado.

Dentro desse contexto, e diante dos resultados apontados no SAEMI – Sistema de Avaliação do Município de Ipojuca, que, ao contrário de outros exames em larga escala, avaliaram a EJA, inclusive na produção textual, pudemos constatar a necessidade dessa pesquisa

Entre esses resultados, podemos destacar o fato de que entre 37 textos previstos para avaliação na EJA fase IV, em 2014, apenas 5 efetivamente foram avaliados:

Tabela 01: Resultados da Escola Agro Urbana - Produção Textual - 4º fase da EJA



Fonte: Revista Pedagógica SAEMI, 2014.

Por conseguinte, 32 textos não foram considerados aptos em uma análise preliminar que determina o prosseguimento ou não do texto para a próxima etapa no sistema, conforme as seguintes situações abaixo:

Imagem 1 - Avaliação por Situação de Competência

- » NORMAL;
- » BRANCO;
- » NÃO ALFABÉTICO;
- » INSUFICIENTE;
- » CÓPIA;
- » ANULADO;
- » ESCRITA ILEGÍVEL;
- » FUGA AO TEMA;
- » FUGA À TIPOLOGIA.

Excetuando-se a situação NORMAL, único conceito que permitia enviar o texto para a análise por COMPETÊNCIA, em todas as outras ocorrências, a produção textual recebeu, automaticamente, a nota 0 (zero).

Fonte: Revista Pedagógica SAEMI, 2014

Podemos inferir, pelos dados expostos, que apenas 13,5% dos alunos da EJA IV produziram textos que puderam ser avaliados, e mesmo estes obtiveram, em sua maioria, o nível de desempenho básico e intermediário, conforme tabela abaixo:

Tabela 2: Percentual de Estudantes por nível de proficiência e padrão de desempenho

Escola ESCOLA MUNICIPAL AGRO URBANA

Competências	Níveis de Desempenho					
	Inadequado	Abaixo do Básico	Básico	Intermediário	Adequado	Avançado
	Nível 0	Nível I	Nível II	Nível III	Nível IV	Nível V
Registro	0,00	0,00	40,00	40,00	20,00	0,00
Tema/Tipologia Textual	0,00	20,00	20,00	40,00	20,00	0,00
Coerência	0,00	20,00	40,00	20,00	20,00	0,00
Coesão	20,00	0,00	40,00	20,00	20,00	0,00

Fonte: Revista Pedagógica SAEMI, 2014

Dessa forma, a relevância desta pesquisa está em desenvolver uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, com objetivos que promovam ações pedagógicas alinhadas às necessidades de alunos da EJA.

Por esse motivo, buscamos no gênero autobiografia o instrumento para desenvolver essa metodologia com objetivos alinhados às práticas sociais, as quais alunos da EJA fazem uso, pois entendemos que esse gênero favorece uma prática da escrita mais efetiva, proporcionando condições para uma aprendizagem significativa, por meio da reflexão sobre sua identidade e história de vida construída pelo Eu.

Entendemos que, nessa direção, cabe ao professor desenvolver metodologias específicas, a fim de que o desenvolvimento da escrita leve em conta aspectos sociais, no que diz respeito a sua funcionalidade.

Consequentemente, ressalta-se a importância de um planejamento que leve em conta o contexto social e cognitivo, as diferenças etárias, o tempo de escolarização e o trabalho pela sobrevivência, que, na maioria das vezes, provocam nesses alunos o afastamento da instituição escolar.

Além de que a discussão sobre autobiografia, como ponte para o desenvolvimento da escrita, possibilitará ampliar, no campo da pesquisa sobre ensino de língua, inclusive, questões teórico-metodológicas, sobretudo no que diz

respeito à produção textual, possibilitando a visibilidade de outras fontes e perspectivas de investigação.

Outrossim, acreditamos, que esse estudo contribuirá para a autoafirmação dos sujeitos envolvidos na pesquisa, visto que uma das características desse gênero é resgatar a história de vida dos indivíduos envolvidos, elevando-se, assim, sua autoestima.

Por fim, queremos possibilitar uma aproximação entre práticas de escrita do ambiente escolar e oriundas das práticas sociais, por meio da confecção de um livro de autobiografias dos alunos, que, após sua produção, será disponibilizado na biblioteca da escola, estabelecendo, assim, uma relação entre a prática e o objetivo funcional da escrita.

2. DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

O capítulo 1 foi iniciado por uma breve exposição sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, traçando uma linha temporal que se inicia com a colonização até institucionalização da EJA como política pública. Para essa primeira explanação, nos valem os escritos de Garbúggio e Pinto (2001), Mello (2005), Ribeiro (2009) e Coutinho (2010).

Em seguida, discorreremos sobre Letramento, seu conceito e sua distinção da alfabetização. Explanamos como os usos sociais da escrita também revelam uma prática ideológica, e, por fim, levantamos um outro aspecto relevante, que diz respeito à postura do professor em relação ao entendimento do que vem a ser “letramento”. Por consequência, serão referenciadas as pesquisas de Kleiman (1995), Soares (2002 e 2009), Garcia (2004), Bazerman (2006, 2007, 2011), Leal, Albuquerque e Moraes (2010), Tfouni (2010), Monteiro (2013) e Street (2014).

Posteriormente, tratamos das Concepções de Escrita e Produção Textual, abordamos como o texto tem sido adotado como a principal ferramenta de ensino, sobretudo associado a um gênero. Compreendemos o processo de escrita como elemento do trabalho docente, e, para isso, dialogamos com algumas concepções de escrita. Explanamos, ainda, como essa habilidade tem sido tratada, desde a escrita com o foco na língua ao seu entendimento como forma de interação. Além de tratar das relações de poder que a escrita instala, até chegarmos aos estudos contemporâneos que apontam a pluralidade de práticas pedagógicas. Nessa

perspectiva, trabalhamos com escritos de Geraldi (1995), Bakhtin (1997), Kato (1998), Soares (2001), Bagno (2002), Antunes (2003, 2014), Marcuschi (2008, 2010), Rojo (2009) e Koch (2012), entre outros.

Para que esse percurso de trabalho com a escrita possa ter consistência foi preciso invocarmos estratégias de revisão textual. Nesse sentido, trabalhamos com os pressupostos de Kato (1998), Antunes (2003) e Pereira (2010).

Por fim, falamos sobre o gênero autobiografia, o qual caracterizamos, apresentando os inúmeros recursos que possibilitam sua produção e determinamos quais características formais e funcionais desse gênero são necessárias para a elaboração de um modelo didático voltado à EJA. Além disso, ampliamos a visibilidade sobre questões teórico-metodológicas possibilitando a visibilidade de outras fontes e perspectivas de pesquisas. Para o êxito desse propósito foi utilizado o trabalho de Josso (2010), Souza (2011), Carvalho (2016), Gaspar (2014) e Passeggi (2017).

No capítulo 2, tratamos do percurso metodológico, em que situamos o contexto da pesquisa e abordamos de forma clara e precisa os métodos, técnicas, instrumentos, procedimentos, materiais e equipamentos utilizados. Caracterizamos os sujeitos envolvidos e a delimitação do *corpus*. Apresentamos também os procedimentos de análise e a descrição das oficinas que serão desenvolvidas. Para isso, faremos uso dos estudos de Chevallard (1991), Richardson (2003), Thiollent (2011), Paviani e Fontana (2009) e Rodrigues (2017).

No capítulo 3, descrevemos a execução do projeto, inicialmente com a Oficina 1, onde foi apresentado, em linhas gerais, o objetivo e a proposta deste trabalho, além da confecção da produção inicial que serviu de parâmetro para estabelecer a programação das oficinas posteriores, assim como determinar quais categorias de análises seriam avaliadas nesta pesquisa.

A partir desses parâmetros, foram compostas as oficinas e todos os procedimentos até chegarmos ao momento da reescrita. Embora essas oficinas tenham como aporte teórico os trabalhos de Paviani e Fontana (2009), incorporamos a elas todo arcabouço absorvido pelas teorias pesquisadas.

No capítulo 4, analisamos o corpus deste trabalho, a partir do modelo didático proposto, em consonância com percurso teórico. Esse momento possibilitou a constatação de progressos nos textos produzidos após a aplicação das oficinas.

Por fim, temos a conclusão desta pesquisa, em que apresentamos algumas considerações sobre o projeto, pontuamos os ganhos que os estudos proporcionaram, assim como os percalços encontrados.

CAPÍTULO 1

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Abordaremos, neste capítulo, a correlação entre os objetivos deste trabalho e a teoria existente que os fundamenta. Para isso, buscamos estudos de autores que tratam a concepção da linguagem escrita como forma de interação entre os sujeitos, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, e relacionamos esses estudos com o gênero proposto, com a finalidade de desenvolver a competência comunicativa da escrita nos alunos da EJA.

3.1 Educação de Jovens e adultos: perspectivas históricas

Ao longo do tempo, a educação de Jovens e Adultos passou por inúmeras mudanças e sua história tem relação direta com as transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram diferentes momentos do nosso país.

Os primeiros trabalhos iniciaram-se com a nossa colonização, quando padres jesuítas, da ordem católica Companhia de Jesus, chegaram ao Brasil, trazidos pelos portugueses, com o objetivo de catequizar os índios e, em seguida, ensinavam a escravos negros algumas palavras, com o objetivo específico de atendimento as ordens de trabalho.

No entanto, após a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, não foram mais evidenciadas ações educativas para essa modalidade. Coutinho (2010) declara que, mesmo com a afirmação da Constituição de 1824 acerca de uma instrução primária e gratuita para todos os cidadãos, pouco foi realizado nesse período. Há época, não havia interesse em se firmar uma educação voltada para adultos, de modo que esta foi se consolidando a partir da revolução de 30, com as mudanças econômicas e políticas.

O que também contribuiu fortemente para que isso acontecesse foi o processo de industrialização. Embora a década de 40 tenha alcançado avanços significativos na educação de adultos, não havia ainda uma política de formação de professores para trabalhar com esse público, e o ensino oferecido na época era semelhante ao das crianças. Coutinho (2010, p. 30) destaca que “em 1958, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, surge o educador Paulo Freire defendendo uma educação participativa e colaborativa que evidenciasse uma educação voltada para o social”. Nessa mesma época, intensificaram-se as atribuições relativas à educação de adultos, de modo que foram propostas ações

para qualificação para o trabalho, permitindo ao Brasil constituir-se como nação desenvolvida.

Tanto o processo de industrialização quanto os anos subsequentes exigiram do povo brasileiro melhor qualificação para o mercado de trabalho e um mínimo de escolaridade. Sendo assim, foi criado em 1967 o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), atendendo a demanda de analfabetos aliada aos interesses políticos do governo militar. De acordo com Coutinho (2010):

Tal movimento deixou marcas que percebemos nos dias atuais, já que criou analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que muitas vezes aprenderam somente a assinar o nome, e que não apresentam condições de participar de atividades de leitura e escrita no contexto social em que vivem (COUTINHO, 2010, p. 30).

Segundo Garbúggio e Pinto (2001), o MOBRAL, criado pela Lei 5.379/67, tinha como principal objetivo a alfabetização de jovens e adultos. O programa foi proposto e desenvolvido em pleno período de regime militar com a participação efetiva de militares nos quadros de técnicos. Os autores afirmam ainda que a finalidade dessa participação era garantir que os brasileiros tivessem uma formação limitada que permitisse conhecer o essencial, isto é, saber ler e escrever.

Dessa maneira, o MOBRAL foi um dos movimentos mais impactantes na educação de adultos na história do país tendo em vista o período político conturbado em que aconteceu. Segundo Libâneo (1976 apud GARBÚGGIO e PINTO, 2001) em 1974, após quatro anos de funcionamento, foi publicado um documento intitulado “4 anos de MOBRAL”. Nele afirmava-se que o programa possibilitaria um avanço na redução entre 5 a 10% do índice de analfabetos, se permanecesse no ritmo em que se encontrava. Para isso, era considerado alfabetizado, segundo um documento do MOBRAL (UNESCO, 1974 apud GARBÚGGIO e PINTO, 2001), o aluno que, com certa facilidade, fosse capaz de:

Ler e escrever seu nome e da família; escrever pequenas notas, redigir telegramas e recibos, assim como pedidos e solicitações; resolver pequenos problemas sobre os acontecimentos da vida diária; somar ou rever contas de compras; - Calcular os gêneros alimentícios que precisa comprar para a família; realizar trocas em moeda corrente (notas e moedas); calcular o tempo necessário para viagens e transportes em veículos; expressar-se, oralmente e por escrito, em forma simples, mas compreensível, comunicando suas ideias sobre diversos assuntos; ler e interpretar pequenos artigos escritos (jornais, revistas, cartas, etc.) assim

como consultar guias telefônicos ou de ruas; ler e executar ordens escritas (LIBÂNEO, 1976, p. 31 apud GARBÚGGIO e PINTO, 2001, p.3).

Entretanto, além do MOBRAL, desde 1947 várias iniciativas para resolver o problema do analfabetismo no Brasil têm sido verificadas. Segundo Peroni (2008), a atual conjuntura da sociedade capitalista tem sido marcada por parcerias entre instituições públicas e privadas, especialmente quanto à execução de ações sociais. Para a educação, essa relação público/privado promove a execução de políticas que visam à eficiência e à produtividade no sentido de construir uma gestão democrática.

Percebe-se, então, que, ao longo dos anos, a história da alfabetização no Brasil mantém uma relação direta com a própria história do país com base em seus contextos social, político e econômico. Isso porque cada período da história brasileira traz consigo uma postura diferente quanto aos modos e avanços relativos ao ensino da leitura e da escrita. De fato, a história dos processos de alfabetização no Brasil está centrada no histórico dos métodos da própria alfabetização. Desse modo, compreender como o processo se deu ao longo dos anos é compreender, antes de tudo, como os métodos de ensino da leitura e da escrita se desenvolveram em cada contexto sociocultural. A aplicação desses métodos e a disputa por sua eficácia produziram diversas teorizações e pesquisas a fim de investigar essa problemática.

Já as décadas finais do século XX foram marcadas por discussões acerca da alfabetização escolar. Segundo Ribeiro (2009), os questionamentos eram voltados para inúmeros pontos discordantes de ordem conceitual, paradigmática e didático-metodológica. Ainda segundo a autora, a partir da década de 1980, a abertura política no Brasil permitiu que a alfabetização fosse analisada de forma mais abrangente dentro dos aspectos político, econômico, social e pedagógico com pesquisas orientadas pela relação entre sociedade e educação.

Diante dessa nova perspectiva, a introdução do pensamento construtivista de alfabetização promovido pelas pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, no início dos anos 80, trouxeram contribuições significativas acerca da Psicogênese da Língua Escrita. Conforme aponta Mortatti (2000):

Nos anos de 1980 são divulgados, no Brasil, os resultados dos estudos realizados pela pesquisadora argentina, Emília Ferreiro, e seus colaboradores, contendo uma nova abordagem do processo de aquisição

da língua escrita. No caso brasileiro, essa nova abordagem passou a ser conhecida como — construtivista e se tornou a principal referência teórica do discurso educacional relacionado com alfabetização (MORTATTI, 2000 apud MELLO, 2005, p. 85-86).

Vale salientar que o Construtivismo não é um método, e sim uma desmetodização que propõe uma forma inovadora de ver a alfabetização. A partir dele, entendemos a alfabetização como um mecanismo tanto processual como construtivo e com etapas que sejam sucessivas e hipotéticas. Sendo assim, a pesquisadora argentina Emília Ferreiro ganhou prestígio por desenvolver, com seus colaboradores, um trabalho voltado para a formulação da teoria sobre a psicogênese da língua escrita, e que foi divulgado em vários países, dentre eles, o Brasil. De acordo com Mello (2005), a atuação profissional da pesquisadora revela, além de outros aspectos, o compromisso político em contribuir na busca de soluções para se enfrentar o problema do analfabetismo. Seus estudos chegaram ao Brasil durante o processo de redemocratização da sociedade brasileira após a ditadura militar.

Segundo Coutinho (2010), na década de 80, a educação de adultos se amplia para educação de jovens e adultos. Essa inclusão dos jovens deveu-se à crescente demanda pelo ensino de pessoas com idade entre 15 e 18 anos. Moura (2002 apud COUTINHO, 2010) explica que esse fato ocorreu pela inserção cada vez mais cedo dos jovens no mundo do trabalho, o que dificultava a ida à escola no período diurno.

Aliada a isso, temos a promulgação da Constituição Federal de 1988, que assegurou em seu artigo 208 a educação de jovens e adultos, inclusive no ensino noturno regular.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009);

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando. (BRASIL, 1988)

Em 1996, obtivemos um significativo avanço no que diz respeito à educação de jovens e adultos com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), a EJA ganhou força e passou a ser tratada como política de Estado, de modo que hoje o governo brasileiro passou a investir e incentivar essa

modalidade educacional como forma de se elevar o índice de ensino da população, principalmente, daqueles que não tiveram acesso na idade própria.

Contudo, dados de indicadores sociais, divulgados pelo IBGE em 2005, apontam que, principalmente na região rural do Nordeste, ainda persiste um alto índice de analfabetismo, sobretudo, entre pessoas com mais de 15 anos.

Tabela 03 – Índice de analfabetismo para pessoas acima de 15 anos por localização geográfica

Região	Total	Urbano	Rural
Brasil	11.4	8.7	25.8
Norte	12.7	9.7	22.2
Nordeste	22.4	16.8	37.7
Sudeste	6.6	5.8	16.7
Sul	6.3	5.4	10.4
Centro Oeste	9.2	8.0	16.9

Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais, 2005.

Antes mesmo da divulgação desses dados, foi criada pelo Decreto nº 5.159, de 28 de julho de 2004, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, que tem como objetivo implementar políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, entre outras. A criação dessa secretaria revela uma visível tentativa de desafiar as desigualdades encontradas na estrutura socioeconômica brasileira, a partir do momento que se busca consolidar e institucionalizar a EJA como política pública.

Política incluída, inclusive, no Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) aprovado dez anos após a criação do SECAD. O PNE determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos, contudo, a cada dois anos, ao longo do período de vigência, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP aferirá a evolução no cumprimento das metas, por meio de publicações de estudos. Entre as 20 metas previstas, destacamos uma, pela estreita relação com a EJA:

Meta 9 - elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional. (BRASIL, 2014, 68)

Em 2016, foi publicado o Relatório do 1º Ciclo de Monitoramento das Metas do PNE: Biênio 2014-2016. Esses relatórios trazem os resultados atualizados dos indicadores das metas do PNE, bem como análises sobre as tendências em cada indicador. Para a meta citada anteriormente, temos os seguintes resultados:

A Meta 9 - No período analisado (2004-2014), foi possível notar, em âmbito nacional, um crescimento na taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais, que passou de 88,5%, em 2004, para 91,7%, em 2014, o que posicionou o indicador 1,8 p.p. abaixo do proposto pela meta. Essa tendência de crescimento ocorreu em todas as grandes regiões do País. É preciso ressaltar, porém, que a região Nordeste apresentou, em 2014, uma taxa de 83,4%, o que a posicionava 8,3 p.p. abaixo da taxa nacional, no mesmo período. (INEP, 2016. p. 230)

É possível constatar que, assim como foi observado em 2005, o índice de analfabetismo, sobretudo na região nordeste, continua alarmante e que as políticas adotadas não alcançaram os mesmos resultados em todas regiões. É preciso, dessa forma, entender que assim como cada região de nosso país tem características próprias, alunos da EJA têm necessidades e objetivos diferentes e carecem, portanto, de trabalhos e materiais específicos, a fim de torná-los atrativos e pertinentes a cada público.

Para que isso ocorra, é preciso que o ensino na EJA seja pautado em alguns princípios já estabelecidos pela Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000.

Art. 5º...Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (BRASIL, 2000)

Considerando esses três aspectos da EJA, equidade, diferença e proporcionalidade, o trabalho do professor, seja no ensino da leitura quanto na produção textual, certamente, terá grande chance de obter resultados satisfatórios.

Da mesma forma, devemos entender que o processo de alfabetização consiste não apenas em uma etapa fundamental na vida social e escolar de cada indivíduo, esse processo tem efeitos e impactos enormes em nossa sociedade e, mais especificamente, nos rumos de nosso país.

Nesse sentido, a EJA tem sido objeto de preocupação de profissionais ligados à educação, principalmente quando o processo não se concretiza, isto é, quando não contempla o desenvolvimento cognitivo do indivíduo quanto à aquisição da escrita e da leitura.

Essa falha no processo deve-se a novas demandas sociais descritas por SOARES (2009) com relação ao uso da leitura e da escrita que exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova demanda social sobre os usos da linguagem trouxe a necessidade de uma nova palavra: Letramento. Desse modo, a próxima sessão discute e aprofunda o conceito de letramento com vistas à ampliar as reflexões construídas ao longo da pesquisa.

3.2 Letramento

Embora indissociáveis, escrita, alfabetização e letramento, são termos que não têm sido tratados, por muitos autores, como intercambiáveis. Para Tfouni (2010, p. 11) “a relação entre eles é aquela de produto e do processo: enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são os processos de aquisição de um sistema escrito.”

Dentro desse contexto, a escrita seria um produto cultural, resultante do processo de alfabetização, aqui definido como aquisição da escrita para habilidades de leitura e práticas de linguagem, e letramento, que ocupar-se-ia dos aspectos sócio-históricos dessa aquisição.

Segundo Soares (2009), o uso do termo Letramento, ainda não dicionarizado, foi utilizado pela primeira vez no Brasil, no livro de Mary kato (1986), apesar de não ter sido definido pela autora.

Já de acordo com Tfouni (2010), o termo “letramento”, bastante usado no meio acadêmico, é um neologismo recentemente dicionarizado e tem um campo heterogêneo de estudos. Ainda, segundo a autora, o letramento não estaria voltado

apenas para aquisição da leitura e escrita, mas teria ainda implicações políticas e sociais de inclusão e justiça, sobretudo, por meio da escola.

Para Garcia (2004), muito se tem discutido sobre o significado do letramento na prática educativa de modo que muitos pesquisadores admitem que se trata de algo que é mais amplo que alfabetização, ou seja, que vai além do domínio da tecnologia da leitura e da escrita, já que nas sociedades grafocêntricas atuais, vem ocorrendo novas formas de uso social da leitura e da escrita, inclusive por aquelas pessoas consideradas analfabetas. Ainda segundo a autora:

Os analfabetos envolvem-se em práticas sociais diárias de leitura e de escrita, quer seja ao pedir alguém que leia o nome de um ônibus ou de uma rua, que leia uma carta que recebe, que veja o prazo de validade de um produto no supermercado, que anote um recado para alguém etc. Embora não saibam ler e escrever, essas pessoas, de certo modo já apresentam graus de letramento, uma vez que estão imersas num mundo letrado e fazem uso, de uma forma ou de outra, da leitura e da escrita (GARCIA, 2004, p. 3).

Esses usos sociais da escrita também revelam uma prática ideológica, intitulada por Street (2014) como “Novos Estudos do Letramento”, que caminham na direção de entendimentos mais concretos das práticas letradas em contextos sociais reais.

[...] as implicações dos Novo Estudos de Letramento para a Pedagogia estão na necessidade que temos de ir além de ensinar às crianças os aspectos técnicos das “funções” da linguagem para, bem mais, ajuda-las a adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos (STREET, 2014, p. 23)

Assim, os estudos do letramento destacam-se no meio acadêmico para compreender a distância entre os vários usos sociais da leitura e da escrita e as práticas de ensino de língua promovidas na escola, incluindo a alfabetização.

Embora se tenha alcançado alto nível de universalização do Ensino Fundamental no Brasil, o aprendizado da leitura e da escrita não tem sido considerado suficiente para garantir a plena inserção social das pessoas que concluem os cinco primeiros anos do ensino fundamental (Pelandré e Aguiar, 2009). Muito se deve à falta de avaliações que demonstrem a capacidade de produção

textual nessa fase. Na verdade, pouco são os exames que avaliam além das capacidades de textualização. Rojo (2009) já destacava:

Poucos exames e avaliações para medir analfabetismo enfocam as capacidades de produção de textos e, quando o fazem, poucos vão além das capacidades envolvidas na textualização. Pode-se dizer que exames e avaliações trabalham com base nos achados da década de 1980. (ROJO, 2009, p. 90)

Ademais, as práticas pedagógicas tradicionais desvinculadas da realidade não atendem à real necessidade do indivíduo que precisa interferir na sua própria realidade social. Segundo Soares (2009, p. 72) “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”.

Bazerman (2007) já destacava que o mais importante não é entendermos as consequências que o letramento provoca na sociedade, mas como ele tem contribuído para a formação social:

A tarefa dos estudiosos, então, não é de encontrar as consequências sociais universais do letramento, mas de compreender como cada sociedade tem elaborado um modo de vida a partir da matriz do letramento, com a consequência de que cada membro da sociedade, até certo grau, participa no sistema letrado particularizado independentemente de se eles mesmos leem ou escrevem. (BAZERMAN, 2007, p. 17).

No dia a dia, é comum encontrar pessoas não alfabetizadas que fazem uso da leitura e da escrita. Mesmo não dominando tal prática, elas conseguem reconhecer a importância e necessidade dessas habilidades, uma vez que não querem sofrer prejuízos relativos a sua exclusão, buscando, assim, por meio da EJA, a dignidade social que lhes é usurpada por não serem indivíduos alfabetizados nos padrões convencionais.

O aluno da EJA que domina a leitura e escrita procura o segundo segmento especialmente para inserir-se no mundo do trabalho e na sociedade letrada. Essa modalidade de ensino é direito de todo cidadão e fundamental para sua plena participação como cidadão na sociedade que exige o domínio das práticas sociais da leitura e da escrita. Entretanto, de acordo com o texto da UNESCO (2008), promover com sucesso a alfabetização dos jovens e adultos e superar o analfabetismo são desafios que o Brasil ainda está distante de equacionar, e

constituem temas que os governos e a sociedade devem enfrentar permanentemente.

Assim, cabe à escola promover o desenvolvimento do grau de letramento a cada indivíduo, proporcionando de modo efetivo o uso da leitura e da escrita envolvidas nas práticas sociais, isto é, promovendo o letramento dentro do ambiente escolar, pois o indivíduo depara-se constantemente com o uso delas na vida fora da escola. Cabe à escola preparar o indivíduo para viver em sociedade instrumentalizando-o para a convivência e cooperação social.

O direito a educação, especificamente voltado para a EJA é garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 1996 art. 4º inciso VII:

[...] oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

Contudo, assegurar a participação de jovens e adultos nas práticas sociais, que têm como eixo a língua escrita, tem sido cada vez mais difícil, devido as dificuldades de se trabalhar e encontrar materiais voltados especificamente para a EJA, agravando ainda mais a readaptação desses alunos à escola e não permitindo que sejam inseridos nessa modalidade de forma plena, causando, entre outros problemas, o fracasso escolar e profissional.

A sociedade está em dívida com essas pessoas que por vezes não conseguem sequer um emprego que exija um mínimo de escolarização. Dessa forma, observamos que o ensino fundamental de jovens e adultos no Brasil perde terreno como atendimento educacional público de caráter universal, e passa a ser compreendido como educação compensatória coadjuvante no combate às situações de extrema pobreza (COUTINHO, 2010, p. 32).

Considerando que a leitura e a escrita são instrumentos fundamentais para a inserção e a participação plena do indivíduo em uma sociedade letrada, e que nem sempre essas práticas são propiciadas a todos, busca-se ressaltar a importância do letramento como meio de inclusão do sujeito como agente transformador de sua realidade.

Um dos conceitos de Letramento é o uso que fazemos das habilidades de leitura e escrita em um determinado contexto e como relacionamos essas habilidades às nossas necessidades, valores e práticas sociais.

Nesse sentido, o letramento vai além do ato de ler e escrever. O indivíduo letrado, incluso em práticas sociais de leitura e escrita, deverá ser capaz de usar esse conhecimento em seu benefício e da sociedade, tomando uma atitude crítica em relação ao seu mundo e buscando formas de transformar a sociedade em que está inserido.

Contudo, é preciso entender que, ao tentar promover o grau de letramento de um indivíduo, estamos também tratando de questões ideológicas, que dizem respeito a seu contexto social e relações de poder.

Conforme aponta Street (2014), o letramento não é uma habilidade “neutra”, mas uma prática ideológica, aquilo que ele denomina de “Novos Estudos do Letramento”, em que o contexto social e as relações de poder têm papel determinantes.

As condições sociais e materiais afetam (se é que não determinam) a significação de uma dada forma de comunicação, e é inadequado (senão impossível) deduzir do mero canal quais serão os processos cognitivos empregados ou as funções que serão atribuídas à prática comunicativa. (STREET, 2014, p. 17)

Diante dessa afirmação, o autor nos encaminha em direção às práticas sociais mais concretas que devem ir além de ensinar as funções da linguagem, devem promover a consciência da natureza social e ideológica dos enunciados.

Nos anos 90, durante o Ano Internacional da Alfabetização (AIA), Street (2014) descreve que foram criados estereótipos, entre eles, que o letramento traria “grandes impactos em termos de habilidades sociais e cognitivas e de desenvolvimento”. O intuito, na verdade, era de atrair recursos financeiros e organizacionais, o que prejudicou sobremaneira esse campo de pesquisa, pois criou falsas expectativas sobre os resultados em desenvolver habilidades letradas.

Entre esses resultados, podemos destacar aquele que “desenvolvendo as habilidades letradas de um indivíduo, promoveria as perspectivas de trabalho, mobilidade social e realização pessoal”.

Estudos recentes têm mostrado, por exemplo, que quando se trata de conseguir emprego o nível de letramento é menos importante do que aspectos de classe social, gênero e etnia: o baixo letramento é mais provavelmente um sintoma de pobreza e de privação do que uma causa (GRAFF, 1979, apud. STREET, 2014, p. 34)

Segundo pesquisadores (Levine, 1986, apud. Street 2014), na verdade, o que foi demonstrado é que os testes de letramento aplicados a candidatos de emprego nada tinham a ver com as habilidades exigidas para suas funções, mas sim estabelecer um filtro de tipos sociais.

Da mesma forma, os conceitos/critérios de analfabetismo têm provocado em muitos adultos verdadeiros bloqueios que os prejudicam, tanto no momento da aprendizagem quanto na interação social.

Concepções errôneas sobre seu próprio “analfabetismo”, por exemplo, continuam a debilitar muitos adultos em situações onde o estigma deriva de uma associação equivocada de dificuldades de leitura e escrita com ignorância, atraso mental e incapacidade social (STREET, 2014, p. 40)

Na EJA, esse tipo de estigma costuma ser ainda mais evidente, pois diante das dificuldades de leitura e escrita, esses alunos sentem-se incapazes de participar e decidir por si mesmo nas diversas esferas da vida social.

Um outro aspecto que devemos observar diz respeito à postura do professor em relação ao entendimento do que vem a ser “letramento”. Assim como ocorreram equívocos com o construtivismo, entendido por muitos como método, o letramento também recebeu errôneas concepções:

Com a difusão do conceito de letramento e da perspectiva de que é preciso expor o aprendiz ao mundo dos textos, alguns educadores (e pesquisadores) passaram, infelizmente, a achar que os alunos se alfabetizam “espontaneamente”, sem uma ajuda sistemática para apropriar-se do sistema alfabético. (LEAL, ALBUQUERQUE e MORAES, 2010, p. 9).

Portanto, o letramento precisa ser discutido e pensado como uma edificação social, considerando que não se resume apenas à habilidade de ler e escrever, mas ao uso nas práticas sociais ligadas à leitura e à escrita, promovendo, por conseguinte, uma produção textual de significado, tornando o indivíduo mais crítico e consciente, e, conseqüentemente, transformador de sua realidade. Em continuidade

a essas questões, discutiremos a seguir os aspectos históricos que se apresentam no ensino de língua.

3.3 Histórico do ensino de língua

Hoje, no Brasil, o texto tem sido adotado como a principal ferramenta de ensino, sobretudo associado a um gênero, o que pode ser comprovado ao observarmos as orientações propostas nos PCN's e diversos documentos oficiais, como a recente homologada BNCC.

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, 2017, p. 67)

O fato da BNCC (2017) ter assumido uma proposta centrada no texto como unidade de trabalho, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero, demonstra a relevância de uma produção escrita correlacionada às práticas sociais.

No entanto, para compreendermos o processo de escrita como elemento do trabalho docente, é preciso dialogarmos com algumas concepções que, embora consideradas por muitos como ultrapassadas, ainda se fazem presentes, sobretudo, nas salas de aula da EJA. São elas:

3.3.1 A Escrita com foco na gramática

O ato de escrever não costuma ser uma tarefa fácil. Na verdade, para muitos alunos, é um momento de angústia e sofrimento. Isso acontece, principalmente, se a produção de texto for explorada como pretexto para o estudo da gramática e da ortografia, que, em sua correção, na maioria das vezes, não se leva em consideração o que foi produzido, e sim a quantidade de erros presentes nela.

Em muitas escolas não é abordada a compreensão dos fenômenos da interação por meio da linguagem, embora as diretrizes oficiais apontem para essa direção. Isso acontece, principalmente, porque muitos professores que estão nas salas de aula hoje, formaram-se há 20 anos e “aprenderam, na universidade, a considerar a língua como um fenômeno homogêneo, iniciando-se numa gramática formal (sobretudo estrutural), e tomando a sentença como seu território máximo de atuação.” (Castilho, 1998, p. 12). Em outras palavras, resultado de uma formação docente voltada a precisão gramatical como eixo primordial desse ensino.

Nessa perspectiva, as práticas de produção textual não respondem a um propósito funcional (atividade sociocomunicativa entre pessoas). Essa escrita tem fim em si mesma. Segundo Marcuschi (2010), essa concepção perdurou até o final dos anos oitenta:

Do início do século XX até o final dos anos oitenta, as aulas direcionadas para o ensino da língua portuguesa dedicavam, em maior ou menor grau, parte expressiva do seu tempo a questões voltadas para a escrita correta, compreendida como a escrita que primava pela observância das regras da gramática normativa e da ortografia. (MARCUSCHI, 2010, p. 66)

Essa visão tradicional da escrita, na qual a produção do texto é vista como uma atividade mecanicista feita a partir de treinos, está desvinculada do escrever para a vida, do escrever para as necessidades sociais, e atende a uma necessidade puramente escolar. A escrita passa a ser um depósito de regras gramaticais e ortográficas, a partir de modelos tomados isoladamente, e que não são suficientes para alcançar a proficiência na escrita.

Nesse período, segundo a autora, as aulas de português promoviam o aprendizado da escrita correta. Regras da gramática normativa e da ortografia eram combinadas a processos de análises morfológicas e sintáticas de palavras e frases isoladas. Esperava-se que a apropriação das regras, associada ao entendimento das funções sintáticas das palavras, fossem suficientes para que os alunos escrevessem bem.

Além disso, um outro aspecto relevante a promoção desse tipo de ensino diz respeito ao prestígio e o valor social que o domínio da norma provoca. Essa ideologia implícita na existência da norma linguística é velada pela própria constituição.

Segundo os princípios democráticos nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação (GNERRE, 2009, p. 25))

Daí, surgiu a necessidade de uma posição reflexiva, estabelecida pela linguística, segundo a qual todos as variantes têm valor equivalentes.

O ensino da escrita passa a ser entendido não apenas pelo seu valor prescritivo, mas também por seu objetivo maior que é o estabelecimento da

comunicação nas práticas sociais. Segundo Antunes (2003, p. 89), “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais do uso da língua”.

Nesse sentido, o ensino da escrita com foco na língua perde sua legitimidade, uma vez que se tornou uma atividade descontextualizada, com frases isoladas fabricadas pelos livros escolares.

3.3.2 A Escrita como interação

No final dos anos oitenta, surgem vários estudos que apontam para uma mudança de concepção quanto ao entendimento da língua como forma de interação. Destacam-se nesse período os estudos de Geraldi (1984), que, segundo Beth Marcuschi (2010, pag. 7): “associam a redação escolar a um não texto, na medida em que a entendem como um produto artificial desprovido das características interlocutivas próprias dos textos que circulam fora da sala de aula.”

Além disso, é nesse período que se institui a abordagem sociointeracionista para o ensino de produção de texto. Nessa relação com os estudos de Bakhtin, o texto passa a ser visto como o lugar da interação e da dialogia.

Ainda que as reflexões da década de 1980 já apontassem para a relevância de se explorar a escrita de modo contextualizado, na escola, a situacionalidade não chegou a se concretizar, pois os aspectos formais foram priorizados. Mesmo assim, pode-se dizer que as reflexões do período prepararam o terreno e foram fundamentais para que a perspectiva sociointeracionista da linguagem ganhasse força nas salas de aula de língua materna nos anos subsequentes, sobretudo a partir dos debates centrados nos estudos dos gêneros textuais. (MARCUSCHI, 2010, p. 75)

Contudo, as produções, dentro do contexto escolar, ainda acabam sendo influenciadas pelo posicionamento do professor e, não representam, na maior parte das vezes, a opinião do aluno. O que emerge desses textos são ideias e opiniões discutidas em sala, quando o primordial seria o posicionamento do aluno diante do texto.

Quando um estudante é conduzido a atividades que promovam a interação, ele inicia uma reconstrução de seu modo de pensar, visto que ele é convidado a dar sua opinião ou criticar o assunto. A interação social é um dos fatores que promove a reconstrução interna do indivíduo e esse amadurecimento do aluno como sujeito é observado na escrita, pois ele passa a ter uma inteligência prática, isto é, a ter um resultado rápido em suas atividades. Além disso, desenvolve sua atenção voluntária e sua memória, porque o aluno é conduzido a fazer seus trabalhos e refletir sobre

a atividade (discute o assunto) e, com isso, ele aprende a parar para pensar (reflexão) no que irá escrever (uso do conhecimento) de forma voluntária, sem necessidade de ter alguém para ajudar, construindo um processo interno de interação. (MENEGASSI, 2008, p. 3-4)

Para isso, temos que desenvolver, sobretudo, a autocrítica na escrita, capaz de promover o desenvolvimento do aluno como sujeito do discurso “capaz de assumir a sua palavra na interação com interlocutores que reconhece e com quem deseja interagir, para atingir objetivos e satisfazer desejos e necessidades de comunicação” (SOARES, 2001, p. 62).

Nesse contexto, a escola passou a ter um papel mais autônomo, pois coube a ela o papel de elencar quais textos seus alunos terão acesso, tendo em vista as práticas sociais do grupo e não somente aqueles propostos nos livros didáticos.

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30)

Diante do exposto, é de suma importância promover, além daqueles previstos para o ciclo, o acesso à produção de textos que façam parte do universo dos indivíduos envolvidos, como é o caso desta pesquisa, de modo que esse trabalho tenha relação com o cotidiano e práticas sociais desses sujeitos. Esse trabalho deve ser promovido pela escola, que deve admitir, entre outras, as culturas locais de alunos e professores.

Cabe, portanto, também à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e crítica. (ROJO, 2009, p. 115)

Assim, além de promover a produção dos mais diversos tipos de textos, estaremos partilhando interações, pois, ao trabalharmos com a produção de textos que fazem parte do universo de nossos alunos, fomentamos seu uso nas práticas sociais que eles fazem uso, dessa forma, dando sentido a sua escrita.

Considerando a escrita como uma atividade interativa de expressão, Antunes (2003) pressupõe o envolvimento entre duas ou mais pessoas:

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre os sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo (ANTUNES, 2003, p.45)

Essa visão interacionista, em que seja preciso estabelecer a comunhão entre indivíduos como ponto de partida para a escrita é essencial para Antunes (2003, p. 46): “Escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se.” Essa adequação passa também por um outro crivo que é o do gênero, o qual deve adequar-se aos objetivos pretendidos.

3.3.3 A Escrita com foco no gênero

A partir da segunda metade dos anos noventa, os estudos dos gêneros textuais ganham as salas de aula, mas ainda tratado apenas em seus aspectos formais e de nomeação.

Nos últimos 15 anos, mudanças significativas ocorreram no tratamento dispensado ao ensino da elaboração de texto no âmbito escolar. Na segunda metade dos anos 90, o estudo dos gêneros textuais assumiu espaço expressivo no contexto da sala de aula. De início, predominou o interesse pela nomeação e classificação dos gêneros textuais e, em decorrência, pela caracterização de seus aspectos formais, tratados como fixos. Nesse sentido, a abordagem com base nos gêneros textuais não se diferenciava muito dos estudos estruturais pleiteados pela gramática e a preocupação maior da escola e dos livros didáticos centrava-se no “ensino dos gêneros textuais” em si e por si mesmos, à revelia do processo sociointeracional. (MARCUSCHI, 2010, p. 75)

A partir da propagação, cada vez mais abundante, das ideias de Bakhtin (1992), autores como Schneuwly & Dolz (2004), Bazerman (2005), Marcuschi (2008), Rojo (2008), e Miller (2009), entre outros, destacaram o uso dos gêneros textuais correlacionados as práticas sociais.

[...] assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural. (MARCUSCHI, 2012, p. 19)

Dessa forma, Marcuschi (2012, p.20) ressalta a importância de um trabalho com gênero que leve em conta, entre outros, as práticas sociais, pois quando ensinamos a operá-lo, ensinamos também um modo de atuação sociodiscursiva em determinada cultura, e não apenas um modo de produção textual.

A partir de então, os discursos enquanto gêneros vão se firmando em sua associação às convenções sociais. Colaborando com essa premissa, Koch (2012), afirma que:

O como dizer o que se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes/reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação. (KOCH, 2012. p. 36).

Já Bazerman (2007) destaca como as experiências sociais comunicativas de uma pessoa são acionadas na construção de um texto, primeiramente na própria mente, considerando-se as experiências e conhecimentos adquiridos, assim como o acesso a procedimentos semelhantes que ajudariam a antever e a proceder em determinada situação comunicativa.

Na construção de um texto, as habilidades e recursos que são particularmente relevantes para a tarefa em mãos dependem da história de experiências sociais comunicativas de uma pessoa. Essas experiências, além de fornecer processos de escrita transmitidos socialmente e das compreensões das tarefas socialmente caracterizadas, também compõem a história pessoal de desafios comunicativos do escritor. (BAZERMAN, 2007, p. 61).

Além disso, a escolha do gênero, associado às práticas sociais dos indivíduos envolvidos, e um planejamento adequado, que leve em consideração aspectos como organização e revisão das ideias, facilitam sua produção, de forma a torná-lo adequado à proposta comunicativa.

3.3.4 A Escrita e as relações de poder

A palavra institui relações de poder, uma vez que as pessoas falam para serem ouvidas e, conseqüentemente, estabelecer sua posição na sociedade em que vive. Da mesma forma a palavra escrita instala essa mesma relação, pois segrega a sociedade em letrada e não letrada. Assim, as regras que orientam a produção escrita (norma culta) não consideram as relações sociais entre seus falantes.

O passo fundamental na afirmação de uma variedade sobre as outras é sua associação à escrita e, conseqüentemente, sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e “cultural. A diferenciação política é um elemento fundamental para favorecer a diferenciação linguística. (GNERRE, 2009, p. 7)

Nesse sentido, essa variação dominante seria capaz de delimitar o acesso a compreensão das informações de caráter político e social, por exemplo, perpetuando uma configuração social. Segundo Gnerre:

A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. Todos nós sabemos quanto pode ser entendido das notícias políticas de um Jornal Nacional por indivíduos de baixo nível de educação. (GNERRE, 2009, p. 21)

Para alunos adultos de EJA, provenientes do meio rural e portadores de uma variedade linguística desprestigiada, ser capaz de escrever é uma conquista que vai muito além do domínio dessa habilidade, é uma marca de ascensão social. Dessa forma, reconhecem o poder que a escrita instaura, e que sem ela são incapazes de mudar sua realidade.

(...) os estudantes, ao ingressarem (ou retornarem) à escola, esperam não apenas a aquisição de códigos (alfabéticos, numéricos, etc.), mas a inserção no mundo letrado, visando à lida com as condições concretas de existência – o que, pragmaticamente, pode traduzir-se em um emprego melhor, em acesso aos serviços básicos, em possibilidade de acompanhar os filhos nas tarefas de casa, enfim, em circunstâncias menos desumanas de vida. (NOGUEIRA, DALVI e SILVA, 2009, p.188).

Uma vez a associada à norma-culta, a língua escrita passou a ser usada como meio de “normatizar” a fala e, dessa forma, ser entendida como superior. Essa posição é assumida dentro da sala de aula, quando elegemos uma (escrita), em detrimento de outra (fala). Para Geraldi (1995, p.103), “a escrita populariza-se mais por necessidade da distinção do que pelo objetivo de humanização”.

Portanto, o professor, ao trabalhar com alunos da EJA, precisa reconhecer os aspectos sociais que abrangem os sujeitos envolvidos e, conseqüentemente, os benefícios que esse trabalho trará enquanto cidadãos, pois essa atividade apresenta funções sociais e pessoais.

Conforme aponta Bagno (2002, p.131), a escrita tem a função social de poder comunicar através do tempo e do espaço, e a função pessoal, cognitiva e reflexiva de organizar e estruturar as ideias de alguém. Segundo ele, “uma competência na língua escrita é claramente uma chave para o sucesso na educação e no sistema social. (...) é a escrita (mais do que a leitura) que confere poder às pessoas”.

Ainda segundo Bagno, não basta apenas querer dizer, é preciso poder dizer. É nesse momento que as relações de poder estão mais presentes, pois implicam uma rede de relações, muitas vezes, encoberta.

Quantos negros, homossexuais, cidadãos pobres, os falantes de variedades não-padrão, os oprimidos em geral, têm a cada momento seu direito de dizer negado ao mesmo tempo em que são explorados, ridicularizados, maltratados ou até mesmo assassinados? (BAGNO, 2000, p.308).

Quantos falantes não sabem dizer, mas gostariam? Ou melhor, quantos até sabem, mas devido à imposição da norma considerada gramaticalmente culta são amedrontados a fazê-lo.

Portanto, cabe ao professor oferecer, revelar, mostrar os recursos que permitam ao aluno poder dizer o que ele quer dizer. Pois:

A palavra escrita constrói leis e identidades nacionais, planeja programas modernizadores, organiza a compreensão do mundo em termos de inclusões e exclusões. Por isso o projeto fundacional da nação se leva a cabo mediante a implementação de instituições legitimadas pela letra (escolas, hospitais, oficinas, prisões) e de discursos hegemônicos (mapas, gramáticas, constituições, manuais, tratados de higiene) que regulamentam a conduta dos atores sociais, estabelecem fronteiras entre uns e outros. (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p.83)

Na autobiografia o poder da escrita apresenta-se como uma forma de mostrar o que o indivíduo viveu e como pretende ser visto, além de oportunizar a possibilidade de se fazer ouvir e de evidenciar seu grupo social. Semelhante a outras formas de relato pessoal, a autobiografia tem o poder de trazer à cena pessoas, linguagens, memórias e histórias invisibilizadas pelas instituições sociais. Em outras palavras, dar voz a quem foi calado pela própria escola.

3.3.5 A Escrita enquanto Produção Textual

Ao produzirmos um texto, segundo Koch (2012), ativamos várias áreas de conhecimentos que estão armazenados em nossa memória, entre elas: o

Conhecimento Linguístico, responsável pela correta grafia das palavras; adquirido em práticas comunicativas sociais e sistemáticas; o Conhecimento Enciclopédico, informações de mundo, adquiridos em leituras, vivências e experiências; o Conhecimento de Textos, no qual ativam-se “modelos” que possuímos sobre práticas comunicativas utilizadas; e, por fim, os Conhecimentos Interacionais, que serão utilizados para determinar nossa intenção (objetivo, informações, ajuste linguístico e gênero, entre outros).

Podemos inferir, a partir dessas premissas, que o indivíduo que não mobiliza essas áreas ao produzir um texto, ou pelo menos grande parte delas, terá enorme dificuldade para desenvolvê-lo.

Para Antunes (2003), a escrita é uma atividade interativa de expressão de ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém; dessa forma, não há como interagir sem que haja duas ou mais pessoas presentes ou co-presentes. Escrevemos para partilhar algo, dessa forma as ideias precedem ao próprio ato de escrever; ainda segundo Antunes (2003, p.45), “Ter o que dizer” é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”.

As palavras, nesse contexto, são a materialização das ideias, e quando essas ideias não surgem, somos bombardeados pela clássica fala dos alunos: “não sei o que escrever, professor! ”.

Geraldi (1995, p. 135) já prescrevia alguns requisitos básicos para que um trabalho com produção escrita pudesse obter êxito:

- 1) ter o que dizer;
- 2) ter a quem dizer;
- 3) ter razões para dizer;
- 4) constituir-se enquanto locutor/sujeito do dizer;
- 5) dispor dos mecanismos e estratégias do dizer.

Individualmente o homem tem a necessidade de expressar-se, mas é socialmente que sua necessidade de comunicar-se aflora. Daí o fato de a escrita ter fundamental importância nesse processo. Contudo, quando não se tem o que escrever, não se tem o que falar? Obviamente que não. Porém, o uso excessivo da oralidade em detrimento ao da escrita trará, a longo prazo, consequências na forma

de expressão do indivíduo, pois quer queira, quer não, a escrita tem um papel essencial no desenvolvimento da expressão oral.

Kato (1998) já nos alerta para essa possibilidade, inclusive no Brasil.

O que se está prevendo aqui é que, se nas sociedades altamente letradas as pessoas procuram simular a escrita na fala, em um país como o Brasil, a força da oralidade marca a própria escrita...havendo necessidade de um policiamento cada vez mais consciente por parte do escritor, se ele quiser seguir os padrões institucionalmente aceitos. (KATO, 1998, p. 40)

O policiamento de que Kato trata em sua citação acima revela também um dos bloqueios que surge ao escrever um texto, o fato de ele (o texto), necessariamente, estar de acordo com a norma culta. O aluno depara-se inicialmente com um obstáculo quase intransponível, inclusive para aqueles que se julgam letrados, a formalidade da língua. Nesse sentido, é salutar propor uma produção tolerante, no que diz respeito à gramática, com destaque à escrita e não à correção gramatical.

Fica evidente que, para que haja um trabalho com objetivo de desenvolver a fluência na escrita, o professor deve adotar uma nova postura em relação às práticas de produção textual, considerando, sobretudo, pelo menos na fase inicial dos trabalhos, a capacidade de produção, e não apenas a precisão escrita.

Outro obstáculo que permeia as salas de aula da EJA são as produções textuais sem um destinatário ou gênero definido, além daquele previsto no ambiente escolar: o aluno produz e o professor confere.

O uso da língua pressupõe cumprir sua função comunicativa, ou seja, transmitir algo a alguém. Quando esse alguém não é claramente identificado, o aluno não reconhece, por conseguinte, seu papel dentro do processo. Esse é um aspecto de suma importância, principalmente na EJA, em razão do público, composto essencialmente por jovens e adultos, que fazem uso dessa modalidade. Ao não reconhecer o objetivo daquilo que está sendo produzido por ele, o aluno não se vê como parte do processo, conseqüentemente, o fará de forma abstrata e sem a formalidade que o texto poderá requerer.

Por esse motivo, Antunes (2003) prescreve como ponto de partida para o texto, o estabelecimento do outro, porque essa falta de referência provoca, entre

outros, a incerteza sobre o que vai ser dito, pois, como não sabemos para quem estamos nos dirigindo, também não saberemos que palavras deverão ser utilizadas.

Se, segundo Koch (2012), ao produzirmos um texto ativamos várias áreas de conhecimentos; para Antunes (2003), temos que ultrapassar várias etapas, interdependentes e intercomplementares.

Produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. (ANTUNES, 2003, p. 54)

Na primeira etapa, o planejamento, Antunes (2003, p. 54-55) elenca alguns critérios que o escritor deve preocupar-se antes de escrever seu texto, são eles:

- a) Delimitar o tema de seu texto e aquilo que lhe dará unidade;
- b) Eleger os objetivos;
- c) Escolher o gênero;
- d) Delimitar os critérios de ordenação das ideias;
- e) Prever as condições de seus leitores e a forma linguística (mais formal ou menos formal) que o texto deve assumir.

A segunda etapa, a escrita, corresponde a pôr em prática aquilo que foi planejado anteriormente, garantindo sentido, coerência e relevância.

Por fim, temos a etapa da revisão e da reescrita, a qual destina-se à análise daquilo que foi produzido, considerando se os objetivos foram cumpridos, se a concentração temática é a desejada, se há coerência e clareza nas ideias, se há encadeamento entre as partes do texto, e se foi escrito dentro das regras de estrutura da língua. É nessa etapa que podemos decidir o que fica e o que sai.

3.3.6 A Escrita na escola hoje

Estudos contemporâneos apontam para práticas plurais, culturalmente sensíveis e significativas à formação de cidadãos críticos e protagonistas no espaço social (ROJO, 2008), em detrimento a conteúdos formais, homogêneos, unos e descontextualizados.

Passamos a compreender que o estudo da gramática, por exemplo, não deve ser descontextualizado, enfatizando apenas o conjunto de regras, mas sim, demonstrando seu uso numa reflexão na própria língua.

Para Antunes (2014, p.82) “a língua em uso está fora dessas atividades da escola; por isso mesmo, essa língua não provoca interesse e, muito menos, entusiasmo ou admiração”, portanto, é preciso fazer o aluno refletir sobre o papel que a língua desempenha na sociedade como um todo e em seu convívio social, em particular.

Nesse sentido, Antunes (2014) reitera o uso de textos (orais e escritos), sob os mais variados gêneros, como eixo do trabalho pedagógico.

De qualquer forma, reitero, esses conteúdos linguísticos não devem ser eixo, ou foco principal do ensino. Os textos, orais, escritos – em sua imensa variedade de gêneros, de propósitos comunicativos, de níveis de formalidade e de monitoração – é que devem ser o eixo do trabalho pedagógico em torno da língua (ANTUNES, 2014, p.116)

Embora essa concepção já estivesse prevista nos PCN's de Língua Portuguesa, inclusive associada aos gêneros, ainda se faz necessária a realização constante de um trabalho voltado às práticas sociais e dentro de contextos que o falante possa fazer uso, dando significado a sua produção.

Outro aspecto observado por Antunes (2014), diz respeito ao fato de não apreendermos aquilo que efetivamente não faremos uso. Muitos dos assuntos aplicados em sala de aula, nunca saíram dela. Motivo pelo qual nossos alunos sentem-se desmotivados e repudiam o ensino da língua

[...] Tudo parece perder sentido depois do dia da prova. É que os alunos – e nós também – rejeitamos o que contraria nossa experiência de linguagem, uma experiência que, entre outras coisas, promove nossa inserção nos grupos, satisfaz o nosso anseio de sermos acolhidos e aceitos (ANTUNES, 2014, p.112)

Podemos destacar também que ao escrever um texto, nos deparamos com vários obstáculos, entre eles, um quase intransponível, inclusive para aqueles que se julgam letrados, a formalidade da língua. Nesse sentido, é salutar propor uma produção inicial tolerante, no que diz respeito às regras gramaticais, para que a ênfase, nesse momento, seja dada a escrita.

O que proponho é que a iniciação à leitura se dê através de textos autênticos, escritos na norma-padrão, e a iniciação da escrita preveja um período inicial em que haja, por parte da escola, uma larga tolerância em relação aos desvios de ordem dialetal. A ênfase seria dada a fluência na

escrita, e não sobre a precisão gramatical ou ortográfica. (KATO, 1998, p. 123)

Diante da citação da autora, fica evidente que, para que haja um trabalho inicial, com objetivo de desenvolver a fluência na escrita, o professor deve adotar uma nova postura em relação às práticas análise textual, considerando, sobretudo, pelo menos na fase inicial dos trabalhos, a capacidade de produção, e não apenas a precisão escrita. Além disso, há outros aspectos posteriores à escrita que devem ser considerados e trabalhados, como por exemplo, a reescrita.

3.4. A Reescrita

A BNCC assumiu uma proposta centrada no texto como unidade de trabalho. Isso implica dizer que muitas das atividades desenvolvidas para apropriação da escrita terão como suporte a produção textual. Consequentemente, faz-se necessário um trabalho cada vez mais consistente, que abranja estratégias de organização, produção e revisão textual, sendo este último entendido como um procedimento mediado pelo professor, conforme apontam os PCN's.

Os procedimentos de refacção começam de maneira externa, pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organiza as atividades que permitem aos alunos sair do complexo (o texto), ir ao simples (as questões linguísticas e discursivas que estão sendo estudadas) e retornar ao complexo (o texto). Graças à mediação do professor, os alunos aprendem não só um conjunto de instrumentos linguístico-discursivos, como também técnicas de revisão (rasurar, substituir, desprezar). Por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam, progressivamente, das habilidades necessárias à autocorreção. (BRASIL, 1988, p. 78)

Kato (1998) afirma que durante o ato de escrever o redator está sozinho e sua intencionalidade e objetivos fica a cargo de sua escritura. Nesse sentido, ele também passa a ser leitor e confrontar seu produto com a sua intenção. Havendo inconsistências, haverá reescrita, até que haja correspondência entre o que escreveu e o que quis dizer.

Independentemente de ser um momento de mediação do professor ou de introspecção do aluno, o fato é que na reescrita há um posicionamento do escritor diante do seu texto, em que ele observa o que pode ser melhorado, alterado ou substituído, desenvolvendo sua escritura.

Por esse motivo, consideramos a reescrita como um dos fatores essenciais do processo de produção textual, sobretudo quando associado à um gênero, pois o

autor tem nele (gênero) os planos de estruturação necessários a sua execução, auxiliando-o nesse trabalho de reescrever.

Numa linha de produção textual orientada por gêneros (Pereira, 2008) – e não, como dissemos, ao acaso dos textos lidos e/ou escutados – a revisão textual processar-se-á de uma forma dirigida para os vários planos da estruturação do texto. Esta revisão é, portanto, orientada, desde logo, pelo formato de texto que se quer construir, socialmente relevante para a situação de comunicação em que o fazemos a intervir, e pela finalidade com que o queremos fazer, a que se pode acrescentar o “registro” de que o queremos eivar (PEREIRA, 2010, p. 58)

Essa concepção de reescrita, orientada pelos planos de estruturação do texto está vinculado ao gênero pretendido, uma vez que o “formato do texto” determinará os critérios dessa revisão.

Contudo, Fayol (2014, p.86) alerta que “modificações da versão inicial, frequentemente efetuadas sob estímulo, não melhoram em geral a qualidade do texto”, ou seja, é preciso que a atividade de revisão vá além dos aspectos superficiais do texto (pontuação, ortografia, etc.)

Assim, é preciso que o aluno passe a preocupar-se com a forma de como os leitores verão seu texto e, nessa perspectiva, realizar modificações a fim de torná-lo mais adequado aos interlocutores. Uma das formas de fazê-lo é o processo de reescrita em grupo ou duplas, em que um dos componentes atua como um leitor externo que percebe nuances que não são percebidas pelo autor do texto.

Para Bakhtin (1997, p. 332), “a reprodução do texto pelo sujeito [que se dá num processo de volta ao texto, releitura, nova redação] é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da comunicação verbal”. Nesse contexto, a medida em que o aluno percebe que o texto pode ser modificado e que não é um produto acabado, ele vai ganhando domínio da língua e internalizando as regras de composição do gênero.

Segundo Antunes, a reescrita é uma das várias etapas na construção de um texto que devemos ultrapassar para verificar se os objetivos foram cumpridos, se há coerência e clareza nas ideias, se há encadeamento entre as partes do texto, e se foi escrito dentro das regras de estrutura da língua. Esse é um momento de idas e vindas e de reestruturação.

A natureza interativa da escrita impõe esses diferentes momentos, esse vaivém de procedimentos, cada um implicando análises e diferentes decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer e de um fazer, para outro ou outros sujeitos, também ativos e cooperantes (ANTUNES, 2003, p.56)

A habilidade escrita requer esse momento de revisão, pois muito mais do que dominar técnicas ou regras gramaticais, o aluno deve ser capaz de autoavaliar-se e verificar se aquilo a que ele se propôs a dizer será entendido da mesma forma pelo leitor de seu texto.

Contudo, apesar de nós professores reconhecermos a revisão textual como etapa essencial do processo de construção do texto, e, dessa forma, compreendê-lo como um dos processos da escrita, essa atividade raramente ocorre em nossas salas de aulas.

a escola favorece a aceitação de um grande equívoco: o de que escrever um texto se faz numa primeira e única versão (...) o planejamento e a revisão do que escrevemos ainda parecem ser, na escola, um procedimento eventual e não uma prática sistemática, que já previsse, como coisa natural, o momento do planejamento e o momento da revisão (ANTUNES, 2006, p. 37-38).

Devemos, portanto, incorporar esse processo de reescrita como parte do planejamento para a elaboração de qualquer texto a ser produzido. Dessa forma, ao produzir uma autobiografia, o autor deve revisita-lo e colocar-se no lugar do interlocutor, só assim será capaz de tomar decisões em prol da coerência textual e da interação que todo texto requer.

Buscando o encadeamento das discussões levantadas, trataremos, na sessão seguinte, do gênero autobiografia.

3.5 Autobiografia

Discursos autonarrativos, autorreferentes, autobiográficos são algumas caracterizações desse tipo de escrita, cuja principal peculiaridade é a narrativa em primeira pessoa, a qual se identifica explicitamente como autor.

Nesse sentido, nosso nome é a marca de registro da autobiografia. É a impressão mais particular que é dada a esse tipo de discurso. Daí a afirmação de Lejeune (2008) que entende ser o nome próprio o tema profundo da autobiografia.

Segundo Gaspar (2014), esse tipo de discurso autorreferente se materializa em múltiplas manifestações (gênero), sobretudo na contemporaneidade.

O discurso autobiográfico ou autorreferente encontra na história da cultura ocidental, os diversos meios de expressão, mas é com a modernidade que a narrativa da trajetória de uma vida e a própria existência do sujeito histórico ganham valor em múltiplas manifestações: diários íntimos, cartas, ensaios, confissões, memórias. (GASPAR, 2014, p. 59)

Contudo, autobiografias são escritas muito antigas que remontam o fim do mundo antigo e o começo da Idade Média, período em que Santo Agostinho escreveu uma de suas obras mais importantes: *Confissões*, um dos primeiros relatos autonarrativos de que se tem conhecimento. Mas, foi com a obra de mesmo nome (confissões) que, no século XVIII, Jacques Rousseau escreveu aquela que seria reconhecida e qualificada, posteriormente, como um novo gênero literário da escrita sobre si: a autobiografia.

Lejeune, um dos maiores nomes dos estudos autobiográficos, preocupou-se em postular uma definição para o gênero, segundo ele, a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14)

No Brasil, Passeggi (2016) destaca dois momentos que caracterizam o movimento autobiográfico: sua emergência nos anos 90 e sua diversificação a partir dos anos 2000. Dessa forma, foi a partir de 2004, no I Congresso Internacional de Pesquisa autobiográfica (CIPA), que foram impulsionadas novas pesquisa e orientações teórico-metodológicas, pelo fato de este fórum internacional criar um espaço de debates que permitiu, entre outras questões, discutir os avanços e desafios do movimento autobiográfico neste país.

Essa busca pelo registro de sua vivência é inerente ao ser humano desde tempos mais longínquos, com a finalidade de deixar sua “impressão” na história. Ainda hoje, observamos essa necessidade, retratada na imensa produção de autobiografias de personalidades e pessoas anônimas, que, de algum modo, despertam o interesse do público.

Esse gênero, cuja característica é descrever a história e o percurso de vida de uma pessoa, apresenta inúmeros recursos que possibilitam esse trabalho, entre eles: cartas, fotos, filmagens, objetos, documentos pessoais, depoimentos etc.

Com a globalização e o intenso fluxo de informações disponíveis na era digital, as autobiografias tornaram-se cada vez mais acessíveis, facilitando a produção e propagação desse gênero, porém pouco estudado quando nos referimos a trabalhos acadêmicos, voltados a alunos da EJA.

Contudo, em 1983 G. Pineau, em colaboração com Marie-Michèle, escreveu: *Produire as vie: autoformation et autobiographie* (Produzindo-se a Vida: autoformação e autobiografia), livro que trata da autobiografia como instrumento no desenvolvimento de adultos, conforme destaca González Monteagudo (2011):

Nesta obra, Pineau trabalha os conceitos de autoformação e de histórias de vida, até então concebidos como não relacionados, e defende a necessidade de se desenvolver a educação de adultos fazendo uso das histórias de vida como instrumento de investigação e de formação. (GONZÁLEZ MONTEAGUDO, 2011, p. 68-69)

Nesse sentido, fica evidente a importância de se trabalhar com o gênero autobiografia na educação de jovens e adultos, não só pelo caráter cognitivo, mas também pelo fato de ele contribuir para a compreensão do modo como o indivíduo se construiu, pois, ao produzir um texto autobiográfico, o aluno não faz apenas um relato, ao falar de si, precisa distanciar-se dele mesmo e, assim, realizar um autoconhecimento de sua história.

[...] ao produzir um texto autobiográfico o agente produtor não faz um simples exercício de relatar algo, mas, ao falar de si, precisa distanciar-se para desenvolver a história do “eu” e, ao mesmo tempo, conhecer a própria história. Desse modo, a tematização da autobiografia dá-se na história de vida do agente produtor, cujo objetivo é apresentar um relato com fatos mais marcantes de sua vida (SILVA; CRISTOVÃO apud BEATO-CANATO, 2011, p. 5).

Essa importância também é refletida nos Parâmetros Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, elaborado pelo Ministério da Educação em 2012, pois no que diz respeito ao trabalho com textos escritos, a proposta já versava sobre a importância do trabalho com gêneros, embora não deixasse explícito como deveria ser feito.

A escola é o lugar privilegiado onde o aluno exercita os modos de abordar os textos e aprende a dialogar com o que está escrito. Resulta daí a necessidade de trabalhar textos pertencentes a diferentes gêneros,

explorando as possibilidades que todos eles deixam em aberto. (BRASIL, 2002, p.14)

Contudo, com relação a prática de produção de textos escritos, o documento deixa claro a necessidade de atender, entre outras, as condições de produção e de procedimentos para sua elaboração.

Elaboração de textos considerando suas condições de produção:

- finalidade;
- especificidade do gênero;
- lugares preferenciais de circulação;
- interlocutor eleito.

Utilização de procedimentos diferenciados para a elaboração do texto:

- estabelecimento de tema;
- levantamento de ideias e dados;
- planejamento;
- rascunho;
- revisão;
- versão final. (BRASIL, 2002, p.28)

Para Schneuwly (2004), os gêneros primários são aqueles com que as crianças se deparam nas práticas reais de linguagem, os quais as instrumentalizam ajudando-as em novas situações, daí o fato de entender o gênero como instrumento.

Já os gêneros secundários, diante da colocação de Bakhtin de que os primários partem da: “comunicação verbal espontânea”, não seriam espontâneos, ou seja, não teriam relação imediata a uma situação de comunicação e não resultam apenas das experiências vividas pelo indivíduo, mas de outras mais complexas e independente do contexto imediato.

Nessa perspectiva, o gênero autobiografia enquadra-se como secundário, uma vez que não tem relação imediata com uma situação comunicativa. Embora resulte das experiências do indivíduo, não se limita a elas, e sim ao encadeamento de vários outros processos, entre eles a memória.

Segundo Abrahão (2004):

A pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais. (...) A pesquisa (auto)biográfica embora se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do exercício da rememoração, por excelência. (ABRAHÃO, 2004, p.202)

Dentro desse “exercício de rememoração” da narrativa autobiográfica, os fatos que ganham relevância na memória são aqueles que provocaram uma mudança ou transformação na vida do autor/narrador. Se essa mudança não alterou significativamente a vida desse autor/narrador, conseqüentemente, não fará parte do grupo de memórias significantes e, por sua vez, não constituirá sua escrita.

Por esse motivo, Lejeune (2008) destaca que uma das características determinantes da autobiografia são os relatos da infância, pois eles dão legitimidade e identidade, uma vez que são próprios de cada pessoa. A partir desses fatos, segue-se uma ordem cronológica de acontecimentos que marcam a vida do autor.

São esses fatos que farão parte do plano de texto, que, segundo Bronckart (2003, p.120), “refere-se à organização de conjunto temático; que se mostra visível no processo de leitura e pode ser codificado em resumo”.

Para Bosi (2004), a única forma de conhecer as memórias predominantes de um indivíduo é fazê-lo produzir uma autobiografia. Nesse sentido, ela questiona:

Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da sua própria vida é o testemunho eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória. (BOSI, 2004, p. 68):

Em virtude desse resgate da memória estar sendo feito no momento presente, ou seja, posterior aos acontecimentos, devemos considerar a possibilidade desse momento interferir em nossas lembranças dos fatos, assim como a própria interpretação deles, visto que a nossa compreensão sobre esses episódios sofrerá influências de nosso estado atual. Bosi (1994) já nos alertava para isso:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

Nesse sentido, por mais detalhado que seja o relato autobiográfico sempre haverá a influência de elementos subjacentes ao momento atual.

No entanto, os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito são, sem dúvida, os tempos predominantes nesse tipo de relato.

Em relação ao tempo, na autobiografia predomina o uso dos tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito, já que o relato tem caráter retrospectivo, e é marcado com advérbios e locuções adverbiais temporais, como: passados alguns anos, em 1950, etc., marcas próprias do discurso de relato interativo denominadas de organizadores temporais, que, juntamente com os tempos verbais, realizam a coesão do texto. (CARVALHO, 2016, p. 112).

Além da predominância desses tempos verbais, o autor fará uso de expressões que marcam a passagem do tempo e especificam locais onde determinado evento ocorreu. Esses elementos nos auxiliam a compreender o contexto narrativo. Eles, os chamados marcadores temporais e espaciais, são essenciais na construção de um texto autonarrativo:

A exiguidade dos elementos como marcadores temporais e a situação espacial são fatores que, a nosso ver, adstringem a questão da noção do aluno autor sobre o que é escrever um texto que está enquadrado na ordem do narrar. A exigência de se organizar o texto com esses recursos coesivos e informação de espaço é precípua, a fim de dispor uma relação entre espaço e tempo. São essas informações que encadeiam as ações e tornam ao leitor o fato narrado mais inteligível, uma vez que o situa no contexto narrativo. (JACINTO, 2015, p. 80)

Segundo Bakhtin (2003), escrever uma autobiografia consiste em organizar as experiências vividas e de dar sentido à própria vida. Ainda segundo ele, conforme destaca Schneuwly (2004, p. 24), “a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor”.

Para Marcuschi (2002,), embora os gêneros textuais não se caracterizem apenas aspectos formais ou funcionais, em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções.

Foram a partir dessas concepções de Bakhtin e Marcuschi que buscamos fundamentar a escolha do gênero autobiografia e a criação do modelo didático elaborado, pois toda escolha deve estar fundamentada em função da definição dos parâmetros que nortearão a ação.

Há aqui uma relação entre o gênero e os objetivos deste trabalho, que é a estrutura base de qualquer atividade pedagógica. Nesse contexto, fica evidente a

escolha do gênero autobiografia como aporte da produção textual, considerando o público envolvido, suas características formais e funcionais e a relação com a ação que será desenvolvida ao longo deste trabalho.

Além do que oportunizar aos alunos da EJA a possibilidade de escreverem sua própria história é passá-los de expectadores a protagonistas. Estaremos estimulando, ainda, uma característica intrínseca do ser humano, o seu registro, além da elevação da autoestima, diante de histórias contadas e registradas por quem as viveu.

Para isso, teremos que discutir os aspectos metodológicos que envolvem esse tipo de abordagem. É o que faremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Pesquisa-ação

Antes de darmos início a este capítulo, faz-se necessário esclarecer o conceito de pesquisa-ação, pois, tal como o próprio nome implica, ela tem o objetivo de promover uma mudança (ação) e a compreensão de um problema (pesquisa), com vistas a sua solução, por meio da participação de seus agentes. Daí a colocação de Richardson (2003, p. 162), “portanto, um aspecto crucial da pesquisa-ação é a participação das pessoas que vivem na situação pesquisada ou que podem ser afetadas pelos resultados da ação”.

Além disso, esta foi uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, pois o estudo qualitativo estaurou o quantitativo. Ou seja, nossa pesquisa está fundamentada na solidez e coerência da análise da informação recolhida, mas também na mensuração dos dados. Dessa forma, uma abordagem puramente qualitativa não seria suficiente para dar conta da análise do *corpus*.

Assim, definimos que a pesquisa é quantitativa, quando traduz em números opiniões e informações para mensuração e classificação; e qualitativa quando considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e subjetivo como base para analisar os dados. Pode-se dizer que é muito significativa o número de estudos em educação que utiliza-se da abordagem qualitativa, ou combinando análise qualitativa com dados quantitativos. (RODRIGUES, 2016.p. 111)

Nossa pesquisa, ainda, é de caráter descritivo e intervencionista, porque iremos descrever uma situação e interferir na realidade estudada.

Ademais, na pesquisa-ação o professor pesquisador está envolvido no contexto da pesquisa e faz um trabalho de aplicação pedagógica na própria escola em que leciona, com o objetivo de intervir numa problemática observada, atributo primordial para que uma pesquisa possa ser caracterizada como tal.

Uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação não seja trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. (THIOLLENT, 2011, p. 21)

Houve, ainda, a participação, além do discente envolvido, de agentes da escola, como: técnicos e a gestão escolar, que deram suporte ao desenvolvimento desta pesquisa. Essa participação é fundamental e também faz parte das particularidades desse tipo de trabalho. É relevante destacar essa característica, em virtude de algumas pesquisas estarem utilizando-se de uma metodologia de observação participante, mas que nada tem a ver com pesquisa-ação.

A pesquisa-ação faz uma associação com a prática, ou seja, durante o processo da pesquisa serão feitas intervenções na prática educativa. Assim, não precisaremos esperar o resultado da pesquisa para iniciarmos o processo de intervenção.

Outro fator relevante, nos alerta Rodrigues (2017), tem a ver com o objetivo prático desta atividade: a contribuição:

Outro aspecto a recordar é que o objetivo prático desta modalidade de pesquisa, deve realizar um processo de mudança, ou seja, melhorar o contexto pesquisado a partir de mudanças na prática de seus atores, a ser construído pelo esforço colaborativo dos participantes. Esse é o objetivo central dessa modalidade de prática investigativa. (RODRIGUES, 2016.p. 109)

O primeiro aspecto que deve ser observado numa pesquisa-ação é o objetivo/problema, que deve estar alinhado com o escopo do trabalho. Em nosso caso, desenvolver uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, com objetivos que promovam ações pedagógicas alinhadas às necessidades de alunos da EJA. Portanto, será a partir dessa premissa que deverão ser formulados os objetivos da pesquisa, que poderão ser objetivos práticos e de conhecimento.

Os objetivos práticos são aqueles que contribuem de maneira objetiva para a solução do problema, ou pelo menos com o levantamento de soluções possíveis; enquanto que o objetivo de conhecimento visa obter informações que por outros tipos de pesquisas/trabalhos teríamos mais dificuldades em obtê-las.

Alguns autores como Richardson (2003) e Rodrigues (2016) enfatizam que antes de estabelecer os objetivos, deve haver a fase de diagnóstico, na qual o pesquisador define e confirma o problema e, partir daí, estabelece possíveis ações. Esta fase será desenvolvida com o objetivo não só de identificar/confirmar o problema, mas também servirá de parâmetro para estabelecer os resultados

alcançados, após a aplicação da proposta de intervenção, da qual trataremos mais adiante.

Após definido o objetivo, será preciso estabelecer a metodologia, ou melhor, no que diz respeito à pesquisa-ação, o método:

À luz do que precede, a pesquisa-ação não é considerada como metodologia. Trata-se de um método, ou uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação. (THIOLLENT, 2011, p. 21)

Esta definição deixa claro o motivo de nossa escolha, pois este tipo de pesquisa nos permite fazer uso de vários outros métodos ou técnicas que possibilitarão desenvolver nosso trabalho de maneira mais consistente e respaldado em outras formas de captação de informações.

A próxima etapa foi a definição dos princípios epistemológicos, os quais estão diretamente relacionados com a problemática estabelecida e as ações que foram tomadas para sua equalização. São as noções conceituais do quadro teórico da(s) área(s) em que se pretende desenvolver a pesquisa. Para esta pesquisa, nos valem do referencial teórico do capítulo 3.

Em seguida, definidas as teorias que deram sustentação a esta pesquisa, estabelecemos a ação que conduziu a investigação, em nosso caso as oficinas descritas no capítulo 4, seção 4.6. Foram elas que nos permitiram examinar, discutir, propor e tomar decisões acerca da investigação. No entanto, é preciso implementar essas oficinas de maneira eficaz, sob pena de que todo trabalho desenvolvido não resulte nos objetivos pretendidos.

A etapa seguinte foi a coleta de dados que consiste na extração das informações que foram analisadas e confrontadas com os objetivos da pesquisa. Ela foi materializada nas produções realizadas na oficina de escrita autobiográfica.

Por fim, tivemos a avaliação. Nessa etapa, analisamos, interpretamos e extraímos conclusões que permitiram considerar se os objetivos pretendidos foram alcançados. Nos valem das produções autobiográficas para realizar a análise e confronto das produções iniciais (anterior a oficina) e finais (após a execução da oficina autobiográfica). Foi nessa etapa também que pudemos analisar

procedimentos que não produziram o efeito desejado, assim como reformular hipóteses, baseadas nas análises dos resultados.

4.2 O Lócus

O local da pesquisa foi a Escola Municipal Agro Urbana de Ensino Infantil e Fundamental I e II, além da EJA (fases I, II, III e IV). Esta escola é um dos cinco estabelecimentos de ensino do distrito de Camela, fundada em 1986, que atende a uma comunidade formada, principalmente, por trabalhadores rurais.

A escolha dessa escola e da turma (EJA IV) para a execução do projeto se deu pelo fato dos resultados do SAEMI evidenciarem a necessidade de uma intervenção com relação ao trabalho com produção escrita.

4.3 Os Sujeitos

Os sujeitos participantes desta pesquisa estudam no período noturno, apresentam faixa etária bem diversificada, com idades que variam entre 18 a 58 anos, e buscam concluir o ensino fundamental por meio da EJA. A maior parte desses alunos é formado por adultos que não tiveram condições de concluir o ensino fundamental em idade própria. Todos residem em Camela e trabalham no comércio, usinas e/ou hotéis, e alguns encontram-se desempregados.

4.4 O Corpus

Fizeram parte do *corpus* desta pesquisa as produções autobiográficas produzidas durante a execução das oficinas. A turma é composta por 30 alunos e todos foram solicitados a participarem do projeto, contudo, apenas aqueles que cumpriram os requisitos abaixo fizeram parte das análises do *corpus*. São eles:

- a) Assiduidade - foram analisadas apenas as produções daqueles que participaram de todas as etapas do projeto;
- b) Aceitabilidade – após a apresentação do projeto, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; e
- c) Produtividade – produziram os textos solicitados durante a execução das oficinas.

Muito embora os alunos não tenham expressado restrições quanto à exibição de suas produções e identidades, ratificado pela assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, doravante TECLE, optamos por utilizar nomes próprios fictícios para identificar suas produções e assim resguardar suas

identidades. Além de manter, integralmente, suas produções ao transcrevê-las para esta pesquisa.

4.5 Modelo Didático do Gênero Autobiografia

Para Dolz e Schneuwly (2004), cada gênero necessita de um ensino adaptado, de acordo com suas características. Nesse sentido, para que fosse possível a análise do corpus, elaboramos um modelo didático que contemplasse as características formais e funcionais ensináveis ao gênero autobiografia, a partir do percurso teórico traçado.

Tabela 4 - Modelo Didático do Gênero Autobiografia

Modelo Didático do Gênero Autobiografia	
Aspectos Formais do Gênero	
Pessoa Predominante	1ª pessoa
Tempos Verbais Característicos	Pretérito perfeito e imperfeito
Marcadores Temporais	Localizar no tempo (quando)
Marcadores Espaciais	Localizar os fatos (onde)
Aspectos Funcionais do Gênero	
Finalidade (o que vou fazer)	Contar a própria história
Instância de Produção (onde vai circular)	Escola / Comunidade
Interlocutor (Para quem escrever)	Amigos e familiares
Estabelecimento de Tema	Percurso de vida
Discurso	Autonarrativo
Levantamento dos Fatos	Mais marcantes
Cronologia	Dos fatos mais remotos da infância aos dias atuais

Fonte: Pesquisador, a partir do percurso teórico.

No entanto, só após a análise das primeiras produções é que foram determinadas quais categorias de análise servirão de parâmetros para a análise das produções inicial e a final, uma vez que será a partir dessa produção que determinaremos quais características não foram compreendidas pelos alunos de forma satisfatória, subsidiando, inclusive, a programação das oficinas.

4.6 As Oficinas

Essas oficinas tiveram como aporte teórico trabalhos como o de Paviani e Fontana (2009), cujo postulado invoca que as oficinas extrapolam o foco tradicional da aprendizagem:

Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção

de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (PAVIANE, 2009, p.78)

Portanto, a escolha das oficinas como instrumento de trabalho deste projeto foi primordial, uma vez que possibilitou uma ação pedagógica ajustável e que pôde ser negociada em todos os encontros de forma pragmática.

A oficina, como qualquer ação pedagógica, pressupõe planejamento, mas é na execução que ela assume características diferenciadas das abordagens centradas no professor e no conhecimento racional apenas. O planejamento prévio caracteriza-se por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes, a partir de seus contextos reais de trabalho. (PAVIANE, 2009, p.79)

O grande desafio foi transformar o percurso teórico proposto nesta pesquisa em um conteúdo didático a ser ensinado, sem, no entanto, perder as características epistemológicas que garantem sua legitimidade. Essa atividade, segundo Chevallard (1991), recebe o nome de “transposição didática”.

Um conteúdo do saber, que é destinado ao saber a ser ensinado, sofre um conjunto de alterações no sentido de adaptar com mais eficiência seu lugar entre os objetos da educação. Esse ‘trabalho’ que acontece com o saber a ser ensinado é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 1991, p.39)

As oficinas foram concebidas a partir desse conceito e foram divididas em 4 momentos: Fomento, Comentário, Apresentação e Proposição. Cada um deles têm uma finalidade específica para o alcance do objetivo proposto.

Fomento – O momento em que é apresentado e motivado o uso do gênero, por meio da exposição de textos, livros, narrativas, ou reportagens que exponham as principais características do gênero proposto. Contudo, cabe ao professor, baseado no perfil de sua turma, promover essa motivação por meio de atividades que considere mais conveniente. Lembrando sempre de ter em mente as práticas sociais que seus alunos estão mais acostumados a participar.

Comentário – Nesse momento, é dada a oportunidade a todos de expressarem o que entendem e/ou o que não sobre o gênero proposto, além de promover um debate com objetivo de estimular as ideias e a melhor forma de registrar/transpor essas ideias para o papel. Nenhum comentário deve ser

descartado, inclusive aqueles que se referem ao uso da tecnologia, como é o exemplo de celular.

Apresentação – Talvez um dos momentos mais importantes da oficina, em que o gênero é reapresentado e, com base no modelo didático elaborado, os discentes localizam as características formais e funcionais (verbos do pretérito perfeito e imperfeito, marcadores temporais e espaciais, pronomes de 1º pessoa levantamento de fatos, cronologia, entre outras) nas autobiografias trabalhadas. Além de criarem um questionário, com o objetivo de fornecer um *check-list* as autobiografias reescritas.

Proposição – Momento em que, após explanação do gênero, apresentada sua estrutura/característica e trabalhado os aspectos ensináveis, de acordo com o modelo didático, propomos sua reescrita.

Nesse sentido, as oficinas foram concebidas a partir de uma transposição didática, em que os conteúdos sofreram alterações com o objetivo de adaptar-se aos objetos da educação (Chevallard, 1991). Assim, alguns textos trabalhados nessas oficinas passaram por adaptações, a fim de deixá-los com uma linguagem mais familiar a nossos alunos. Foi o caso dos textos autobiográficos de Patativa do Assaré, Monteiro Lobato e Rubem Alves, todos adaptados, sobretudo quanto à linguagem empregada, em que foram substituídas expressões em desuso e/ou bastante formais, assim como suprimidas algumas informações com o objetivo de torná-los mais compactos.

Além disso, as fontes utilizadas na confecção dos textos foram a *Arial*, tamanho 14 (as fontes geralmente usadas em textos são tamanho 12). Nossa prática tem mostrado que muitos alunos, principalmente aqueles acima de 40 anos (maioria em nossa turma) têm problemas de visão e, conseqüentemente, dificuldades para ler os textos.

Estabelecidos os momentos e a composição das oficinas, passamos para sua execução. É o que trataremos capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

5. EXECUÇÃO DO PROJETO

5.1 Oficina 1 (3h/a) – 21 de maio 2018

Fomento: Inicialmente, apresentamos a turma, em linhas gerais, o objetivo e a proposta deste trabalho, ressaltando todas as etapas a serem executadas durante as oficinas. Explicamos que a participação deveria ser voluntária e que, certamente, esse trabalho traria uma enorme contribuição para a vida escolar e social, pois compartilharíamos aprendizados e experiências de vida. Tentamos sanar todas as dúvidas para que os alunos pudessem estar confiantes e à vontade para participar do projeto.

Percebemos a empolgação de todos, principalmente, quando comentamos que suas produções fariam parte de um livro a ser disponibilizado na biblioteca da escola, comprovando a afirmação de Geraldi (1995), em que enfatiza que “ter razões para dizer” é um dos requisitos básicos para o trabalho com produção escrita. Afinal, a escola tem nosso histórico escolar, mas não a nossa história.

Logo após, solicitamos que assinassem TECLE (anexo L), documento exigido pelo Conselho de Ética para trabalhos que envolvam seres humanos, de acordo com as exigências da Resolução nº. 466/2012 CNS/CONEP. Nesse dia, apenas 22 alunos participaram da apresentação e assinaram o referido termo. Nessa explanação, utilizamos uma apresentação em *PowerPoint* (anexo D)

Nesse mesmo encontro, apresentamos aos alunos o significado da palavra “AUTOBIOGRAFIA”, detalhando, sistematicamente cada elemento da palavra: AUTO = EU, BIO = VIDA e GRAFIA = ESCRITA, até eles chegarem à seguinte definição: “HISTÓRIA DE SUA VIDA ESCRITA POR VOCÊ”. Digitamos essa definição na apresentação e, posteriormente, apresentamos os aspectos funcionais e formais do gênero autobiografia.

Imagem 2 - Fragmentos da Oficina 1

Autobiografia – o que é?

Auto = EU

bio = VIDA

grafia = ESCRITA

Autobiografia = A história de sua vida escrita por você

Características do Gênero:

- O tema é a vida individual e coletiva da própria pessoa;
- Predominam os pronomes da 1ª pessoa (eu e nós);
- Discurso Narrativo (relato/história);
- A ordem cronológica (da infância aos dias atuais);
- Verbos mais utilizados: pretérito perfeito e imperfeito;
- Marcadores temporais: “dois meses depois”, “naquela época”; e
- Marcadores espaciais: “no sítio”, “na escola” e etc.

Fonte: Oficina de Escrita 1 - Fomento

Em seguida, expusemos o texto autobiográfico de Patativa do Assaré (anexo C), o qual foi disponibilizado em papel A4, juntamente com toda apresentação para que os participantes pudessem acompanhar a leitura e observar as características ressaltadas durante a apresentação.

Realizamos a leitura do texto e, logo após, localizamos, nesse mesmo texto, exemplos das características apresentadas, explicando a finalidade de cada uma delas, conforme slides abaixo:

Imagem 3 - Fragmentos da Oficina 1

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Pronomes 1º de Pessoa Ordem Cronológica

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Verbs do Pretérito

Marcadores:
Temporais
Espaciais

Fonte: Oficina de Escrita 1 - Fomento

No momento seguinte, solicitamos a todos a confecção de uma autobiografia, a qual subsidiou as estratégias que utilizamos nas oficinas de escrita, assim como determinou a escolha das categorias de análise, a partir do modelo didático elaborado para o gênero.

Essa produção foi executada inicialmente na sala de aula, contudo, solicitamos que os discentes finalizassem em casa e as entregassem no dia posterior, para que se utilizassem de todas as informações possíveis e disponíveis em seu contexto familiar.

Por fim, solicitamos aos alunos que enviassem, via *whatsapp*, para serem apresentados na oficina 01, no dia 04 de junho de 2018, fotos de lugares, pessoas ou objetos que tivessem relação/importância com sua infância ou remetessem a ela. O objetivo dessas imagens era de criar um ambiente compartilhado de informações que remetessem à infância e as lembranças de suas vidas em família, pois embora a escrita autobiográfica se utilize de diversas fontes, a rememoração é, por excelência, seu recurso mais importante.

No dia seguinte (22 maio 18) recebemos 13 autobiografias, ou seja, 9 alunos não finalizaram a 1ª produção. A maioria desses alunos justificou a falta de tempo como fator preponderante para a não realização da tarefa. Para esses alunos foi dada a oportunidade de entregá-la no dia seguinte, mas apenas um deles entregou. Assim, até aquele momento, 14 produções foram entregues conforme solicitado. Essas produções foram analisadas para determinar quais categorias de análises fariam parte do *corpus* e quais atividades seriam desenvolvidas nas oficinas de escrita.

Conforme detalhado no item 4.4, os 8 alunos que não entregaram as produções solicitadas e aqueles que faltaram à apresentação do projeto continuam participando das oficinas, contudo, suas produções não farão parte do *corpus* deste projeto.

5.2 Análise das Produções iniciais

Para que pudéssemos estabelecer quais categorias de análises seriam avaliadas nesta pesquisa, analisamos as produções iniciais dos alunos, a partir do modelo didático elaborado, observando quais aspectos do gênero foram compreendidos e quais deveriam ser evidenciados nas oficinas de escrita.

Todas as produções atenderam aos aspectos formais, ou seja, os alunos contaram sua própria história, conscientes dos locais de circulação, dessa forma, utilizando a linguagem apropriada aos interlocutores.

Embora a análise estrutural dos textos, no que se refere à marcação de parágrafos e à organização das margens, não tenham sido elencadas no modelo didático, optamos por incorporar esse assunto às nossas oficinas, em virtude das produções iniciais apresentaram problemas, sobretudo, quanto a paragrafação.

Imagem 4 – Textos autobiográficos dos alunos Elina, Eli e Josy1



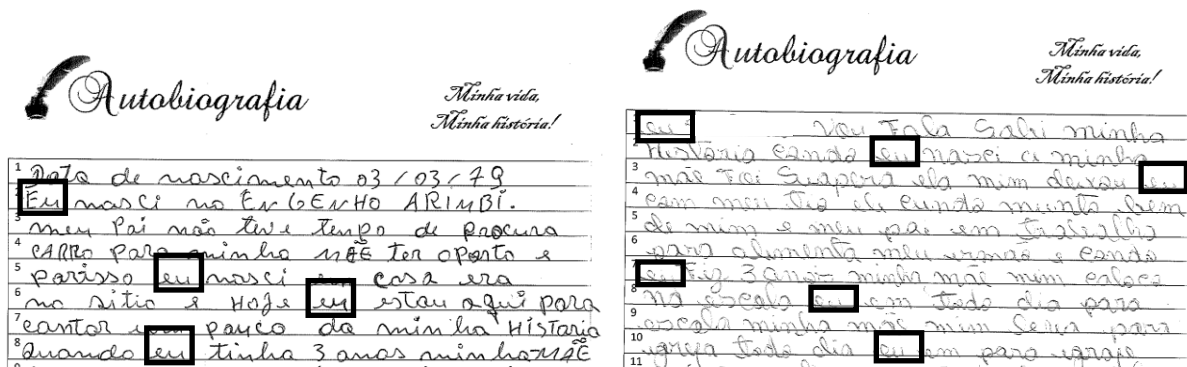
Fonte: Produção textual da Oficina 1

Entendemos que o trabalho com a paragrafação permitirá aos alunos organizar suas ideias no texto, como também estabelecer, de formar mais coerente, a cronologia de seus relatos, a partir de marcadores temporais e espaciais.

Quanto a presença de pronomes de 1º pessoa, ainda que seja uma das características de textos autobiográficos, percebemos o uso recorrente do pronome “EU”. A presença de anáforas formadas por sintagmas repetitivos contribuiu para a coesão nominal no texto, contudo, a repetição excessiva deve ser evitada, seja pela

a substituição ou, como nos casos apresentados, a supressão de termos, a fim de dar mais coesão ao texto.

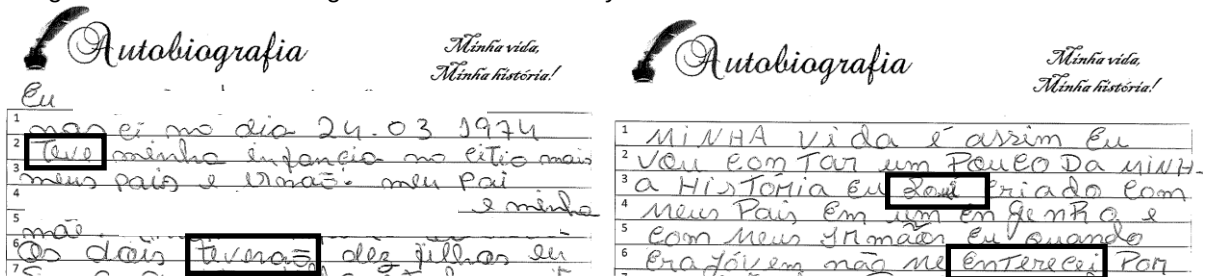
Imagem 5 – Textos autobiográficos dos alunos Josy1 e Val



Fonte: Produção textual da Oficina 1

Com relação à utilização dos verbos do pretérito perfeito e imperfeito, que no texto têm a o objetivo de marcar a temporalidade e, no caso do texto autobiográfico, também manter a distância entre o momento do registro e o fato ocorrido, observamos sua predominância, mas seu emprego apresentou algumas discrepâncias, seja com relação a sua conjugação, seja com relação à grafia. Essas reincidências nos levaram a inserir atividades que exercitassem seu emprego, assim como fizessem o aluno refletir sobre sua utilização.

Imagem 6 – Textos autobiográficos dos alunos Josy2 e Jo



Fonte: Produção textual da Oficina 1

Os marcadores temporais são responsáveis por estabelecer no texto a organização temporal e, no caso da autobiografia, essa organização se dá de forma cronológica, estruturada pelos fatos mais remotos da infância aos dias mais longínquos da vida adulta. Nos textos elaborados, após a apresentação do gênero,

essa característica foi bastante explorada, porém, em diversas situações sua utilização não foi diversificada.

Imagem 7 – Textos autobiográficos dos alunos Val e Lucy

1 Com meu tio e minha mãe, meu
2 pai e meu pai em 1961
3 para o trabalho meu pai e
4 meu pai e meu pai e meu pai
5 no dia 3 de maio de 1961
6 no dia 3 de maio de 1961
7 no dia 3 de maio de 1961
8 no dia 3 de maio de 1961
9 no dia 3 de maio de 1961
10 no dia 3 de maio de 1961
11 no dia 3 de maio de 1961
12 no dia 3 de maio de 1961
13 no dia 3 de maio de 1961
14 no dia 3 de maio de 1961
15 no dia 3 de maio de 1961
16 no dia 3 de maio de 1961
17 no dia 3 de maio de 1961

31 Com meu pai e minha mãe
32 Com meu pai e minha mãe
33 Com meu pai e minha mãe
34 Com meu pai e minha mãe
35 Com meu pai e minha mãe
36 Com meu pai e minha mãe
37 Com meu pai e minha mãe
38 Com meu pai e minha mãe
39 Com meu pai e minha mãe
40 Com meu pai e minha mãe
41 Com meu pai e minha mãe
42 Com meu pai e minha mãe

Fonte: Produção textual da Oficina 1

Os organizadores espaciais são mais comuns em sequências descritivas presentes em vários tipos de discurso, no caso do gênero autobiográfico, eles têm a função de especificar locais vividos pelo autor em diversos momentos de sua vida. Esses organizadores foram pouco explorados pelos discentes, motivo pelo qual fizemos uso desse assunto nas oficinas de escrita.

Imagem 8 – Textos autobiográficos dos alunos Dany e Narcy

Autobiografia
*Minha vida,
Minha história!*

1 Olá meu nome é
2 Dany e tenho 13 anos
3 sou filho único
4 meu pai e minha mãe
5 meu pai e minha mãe
6 meu pai e minha mãe
7 meu pai e minha mãe
8 meu pai e minha mãe
9 meu pai e minha mãe
10 meu pai e minha mãe
11 meu pai e minha mãe
12 meu pai e minha mãe
13 meu pai e minha mãe
14 meu pai e minha mãe
15 meu pai e minha mãe
16 meu pai e minha mãe
17 meu pai e minha mãe
18 meu pai e minha mãe
19 meu pai e minha mãe
20 meu pai e minha mãe
21 meu pai e minha mãe
22 meu pai e minha mãe
23 meu pai e minha mãe
24 meu pai e minha mãe
25 meu pai e minha mãe

Autobiografia
*Minha vida,
Minha história!*

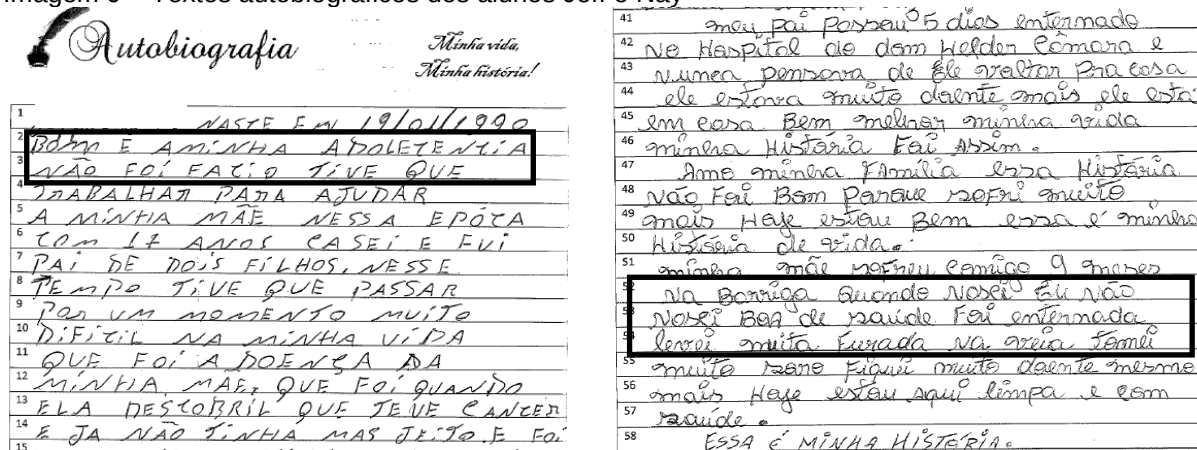
1 Olá meu nome é
2 Narcy e tenho 28 anos
3 sou filha única
4 meu pai e minha mãe
5 meu pai e minha mãe
6 meu pai e minha mãe
7 meu pai e minha mãe
8 meu pai e minha mãe
9 meu pai e minha mãe
10 meu pai e minha mãe
11 meu pai e minha mãe
12 meu pai e minha mãe
13 meu pai e minha mãe
14 meu pai e minha mãe
15 meu pai e minha mãe
16 meu pai e minha mãe
17 meu pai e minha mãe
18 meu pai e minha mãe
19 meu pai e minha mãe
20 meu pai e minha mãe
21 meu pai e minha mãe
22 meu pai e minha mãe
23 meu pai e minha mãe
24 meu pai e minha mãe
25 meu pai e minha mãe

Fonte: Produção textual da Oficina 1

No que se refere à cronologia dos fatos, algumas autobiografias não contemplaram a fase da infância, como no caso da produção de Jeff, que é iniciada

pela adolescência, ou não seguiram uma ordem cronológica, alternando fases ao longo da autobiografia, como no caso da produção de Nay, em que ao final da produção retoma fatos de seu nascimento.

Imagem 9 – Textos autobiográficos dos alunos Jeff e Nay



Fonte: Produção textual da Oficina 1

Por fim, todas as produções utilizaram o percurso de vida como estabelecimento de tema, assim como empregaram a autonarrativa como forma de discurso.

5.3 Categorias de Análise

Considerando que todas as autobiografias atenderam as condições de produção e ao estabelecimento do tema e discurso, elencamos abaixo, a partir do que foi observado nas produções iniciais, as categorias de análise que foram analisadas nos *corpus* desta pesquisa, são elas:

Tabela 5 - Categorias de Análise

Pessoa Predominante	1º pessoa
Tempos Verbais Característicos	Pretérito perfeito e imperfeito
Marcadores Temporais	Localizar o tempo (quando)
Marcadores Espaciais	Localizar o espaço (onde)
Levantamento dos Fatos	Mais marcantes
Cronologia dos Fatos	Dos mais remotos da infância aos dias atuais
Paragrafação	Delimitar fatos/ideias

Fonte: Pesquisador, a partir das análises das autobiografias iniciais.

5.4 Composição das Oficinas

Após a análise das produções iniciais, elencamos os trabalhos que serão desenvolvidos nas oficinas 2, 3 e 4, a partir das dificuldades apresentadas na confecção e compreensão do gênero, são eles:

- Resgatar memórias (por meio das fotos);
- Análise de dois textos autobiográficos;
- Atividades com o uso de marcadores temporais e espaciais, conjugação verbal (pretérito perfeito e imperfeito) e a substituição de termos repetidos excessivamente no texto;
- Caracterização do gênero autobiografia;
- Localizar essas características nos textos autobiográficos trabalhados;
- Paragrafação;
- Elaboração coletiva de um questionário com as principais informações necessárias a uma autobiografia;
- Análise em dupla da 1ª produção, considerando as informações adquiridas nas oficinas;
- Reescrita.

5.5 Oficina 2 (3h/a) – 04 de junho de 2018

Comentário: Inicialmente, solicitamos a todos os alunos que formassem um semicírculo e logo após expusemos em *powerpoint* as fotos enviadas por eles, via *whatsapp* (anexo H). Pedimos ao aluno que havia enviado a foto que a identificasse e explicasse o motivo de sua escolha.

Ao todo, foram 09 fotos. A partir delas, tivemos vários relatos empolgantes que trouxeram à tona lembranças da infância de todos os presentes, tais como: brincadeiras da infância, brinquedos preferidos, lugares que remetiam ao passado e pessoas queridas. Dessa forma, mesmo aqueles que não enviaram fotos, puderam partilhar, a partir das imagens exibidas, suas lembranças.

Com isso, criamos um ambiente compartilhado de informações e estímulos, resgatando histórias que serviram de fomento a várias outras de forma associativa.

O objetivo desse momento foi motivar os alunos a relatar fatos de parte de suas vidas, mas sobretudo, estimular a memória de todos os presentes por meio das histórias apresentadas. A escrita autobiográfica utiliza-se da memória

primordialmente e, nesse sentido, o uso de objetos, fotos e fatos que nos remetam ao passado são essenciais nesse trabalho.

Logo após, apresentamos em PowerPoint o texto autobiográfico de Monteiro Lobato (anexo A). A escolha dessa autobiografia deve-se ao fato dos alunos, sejam jovens ou adultos, conhecerem a sua obra mais popular, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, e, dessa forma, também estabelecer uma relação com o passado, ou seja, sua infância.

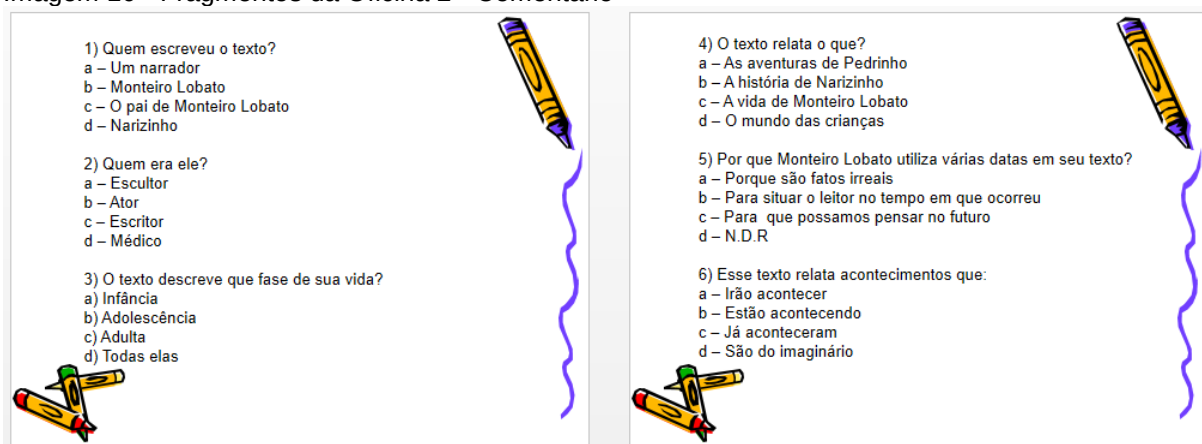
Durante essa 1ª leitura do texto não foram enfatizadas as características descritas no modelo didático, pois queríamos entender até que ponto eles puderam percebê-las no texto.

De forma similar apresentamos o texto autobiográfico de Rubem Alves intitulado: “Brinquedoteca” (anexo B).

Após esse momento, estimulamos perguntas, opiniões e comentários sobre os autores, mas, especialmente, sobre os textos, a fim de entender até que ponto os alunos conheciam as características do gênero.

Com o objetivo de aproximar os alunos dessas características descritas no modelo didático, elaboramos 6 perguntas para que cada texto que remetesse a essas características, tais como: autoria, descrição de fatos, tempo cronológico e marcadores temporais.

Imagem 10 - Fragmentos da Oficina 2 - Comentário



Fonte: Oficina de Escrita 2 - Comentário

Logo após, entregamos a atividade 01 (anexo I) para que fosse respondida em seguida. A atividade era composta de 3 questões que envolviam tarefas com

marcadores temporais, conjugação verbal (pretérito perfeito e imperfeito) e a substituição de termos repetidos no texto.

Durante a correção desse exercício, explicamos de forma detalhada as funções no texto dos marcadores temporais, utilizando os próprios exemplos da atividade. Além disso, pudemos explorar a paragrafação do texto, que utilizava esses marcadores como forma de demarcar os parágrafos.

Da mesma forma, aproveitamos as atividades de conjugação verbal para explicar e exemplificar as funções desses tempos verbais, valendo-nos da própria nomenclatura desses verbos (perfeito – acabado e imperfeito – inacabado).

Finalizando a atividade, realizamos um exercício com a substituição e a supressão de termos repetidos de forma excessiva. O objetivo era deixar o texto mais coeso.

Após a resolução da atividade, pedimos que buscassem mais informações sobre suas histórias de vida, por meio de conversas com familiares, fotos e documentos para subsidiar a produção final.

Participaram dessa oficina 22 alunos. Dos 14 alunos que participaram e produziram o texto autobiográfico na apresentação inicial, 4 faltaram, ou seja, apenas 10 textos, até a presente data, teriam suas produções analisadas nesta pesquisa.

5.6 Oficina 3 (3h/a) – 11 de junho de 2018

Apresentação: Inicialmente, entregamos aos alunos cópia dos textos autobiográficos de Monteiro Lobato e Rubem Alves, já vistos na oficina anterior, em papel A4.

Em seguida, apresentamos o gênero autobiografia de modo sistemático, com seus elementos formais e funcionais, e explicamos a finalidade de cada um desses aspectos do gênero, conforme modelo didático elaborado:

Imagem 11 - Fragmentos da Oficina 3 - Apresentação

Modelo Didático do Gênero Autobiografia	
Aspectos Formais do Gênero	
Pessoa Predominante	1ª pessoa
Tempos Verbais Característicos	Pretérito perfeito e imperfeito
Marcadores Temporais	Localizar no tempo (quando)
Marcadores Espaciais	Localizar os fatos (onde)
Aspectos Funcionais do Gênero	
Finalidade (o que vou fazer)	Contar a própria história
Instância de Produção (onde vai circular)	Escola / Comunidade
Interlocutor (Para quem escrever)	Amigos e familiares
Estabelecimento de Tema	Percurso de vida
Discurso	Autonarrativo
Levantamento dos Fatos	Mais marcantes
Cronologia	Dos fatos mais remotos da infância aos dias atuais

Fonte: Oficina de Escrita 3 - Apresentação

Pedimos, em seguida, que todos realizassem uma nova leitura dos textos circulando exemplos dessas características no material disponibilizado.

A partir dos exemplos identificados pelos alunos, preenchemos o quadro da apresentação “Especificidade do Gênero” e “Procedimentos para a Elaboração do Texto”, da seguinte forma:

Imagem 12 - Fragmentos da Oficina 3 – Apresentação

Aspectos Formais	Monteiro Lobato	Rubem Alves
Pessoa predominante (1ª pessoa)	Eu mesmo, por intermédio...	Eu nasci, faz muito tempo...
	Eu poderia ter escrito...	Eu não tinha talento...
	Eu precisava de ...	Eu sou também...
	(Eu) Nasci, Falei, etc.	(Eu) Mudei, tive, sou, etc.
Pretérito Perfeito (ei/i)	Nasci José Renato Monteiro	Eu nasci, faz muito tempo
	Falei tarde	perdeu tudo
	Sempre amei a leitura	Depois mudei para cidades
	Vivi no interior	sofri muito
Pretérito Imperfeito (ava/ia)	Eu queria	Não precisava de...
	Mas eu precisava de ...	Havia os cavalos...
	Precisava ter aprendido...	Me divertia fazendo....
	Surgia a primeira editora	Gostava de andar de...
Marcadores Temporais	Aos 9 anos resolvi mudar	Eu nasci, faz muito tempo
	Em maio de 1907 fui nomeado	no dia 15 de setembro de 1933
	Durante 10 anos, gritei essas	Ainda hoje não sei andar...
	Hoje aos 4 de julho de 1948	Depois nos mudamos
Marcadores Espaciais	Nasci,, em Taubaté-SP	numa cidade do sul de Minas
	nomeado promotor em Areias-SP	para cidades: Lambari...
	Formei-me...Universidade de SP	Morei e estudei nos EUA
	Vivi no interior, nascidades	Voltei para o Brasil

Aspectos Funcionais	Monteiro Lobato	Rubem Alves
Levantamento dos Fatos	Nasci,, em Taubaté-SP	Eu nasci...sul de Minas
	resolvi mudar meu nome	pai rico, mas perdeu tudo
	escrevi, para o jornal ...	morei numa fazenda velha
	Vivi no interior	mudei para cidades: Lambari, Três Corações, Varginha
	Formei-me em Direito	fazia seus brinquedos.
	fui nomeado promotor em...	No RJ zombavam dele
	Comprei a "Revista....	Fui ser pastor
Cronologia	Convites acadêmicos e políticos	Fui ser professor
	vítima de um colapso	Sou também psicanalista
	Infância – em Taubaté	Infância – Boa esperança – fazenda com animais
	Juventude – Lia e escrevia	Juventude – Rio de Janeiro – meninos zombavam
	Adulto – Direito, Promotor, Casou-se e Dono de Revista	Adulto – Casou, filhos
	Velho – Literatura Infantil - Colapso.	Velho – o que gosta

Fonte: Oficina de Escrita 3 - Apresentação

Após essa atividade, considerando o que foi observado na análise estrutural dos textos, em que todas as produções apresentaram problemas quanto à planificação textual, no que se refere à ausência de marcação de parágrafos, realizamos a explanação desse assunto, inicialmente com sua definição e, em seguida, com a realização de uma atividade na própria apresentação, utilizando um fragmento da autobiografia da aluna Lucy.

A atividade era composta da exibição em bloco único (sem parágrafos) do fragmento da autobiografia da aluna Lucy e, logo após, solicitamos aos alunos sugestões para sua paragrafação. O resultado dessa atividade consta nos slides abaixo.

Imagem 13 - Fragmentos da Oficina 3 - Apresentação

O que é um Parágrafo?

Parágrafo é um bloco de texto, cuja primeira linha inicia-se em margem maior do que a margem normal do texto. Nele, está concentrada uma ideia (central) relacionada ao tema que se quer desenvolver e ideias secundárias.

Parágrafo

Fui os pais porque queria cuidar das pensamentas e das sentimenças das pessoas porque é das que surgem coisas boas. De a gente tem pensamentas boas a gente faz coisas boas. De tem pensamentas mauz faz coisas ruins.

Exercício de Paragrafação

Texto Autobiográfico de Lucy

Minha História se resume em alegria e ao mesmo tempo em tristeza porque a vida no sítio, naquela época, era mais difícil. Quando eu tinha os meus 11 anos eu trabalhava bastante. Eu socinha lavava muitas roupas na cacimba para 11 pessoas da família. Quando eu terminava já era para cuidar, para ir pra escola. Com de 10 anos comecei a namorar e fugi com de 10 anos. Fui morar no sítio da minha sogra. Com 6 meses engravidei do meu primeiro filho, depois fui morar na casa da usina no engenho e quase 2 anos depois tive um outro filho. Meu pai me deu um terreno em camela para poder construir a minha casa, fui fazendo aos poucos e levei um bom tempo para deixar ela pronta. Depois veio Suape com um monte de serviços, aí meu esposo foi trabalhar lá. Ele passou a ganhar melhor do que antes, porque ele trabalhava no campo. Com um ano ele reformou a casa. Planei de estudar com 10 anos e voltei em 2017. Hoje tenho os meus dois filhos de 17 e 10 anos e tenho uma neta. Tenho mãe falecida há 9 anos e tenho pai vivo. Agradeço a Deus por ter saúde e por ele existir na minha vida.

Texto Autobiográfico de Lucy

Minha História se resume em alegria e ao mesmo tempo em tristeza porque a vida no sítio, naquela época, era mais difícil. Quando eu tinha os meus 11 anos eu trabalhava bastante. Eu socinha lavava muitas roupas na cacimba para 11 pessoas da família. Quando eu terminava já era para cuidar, para ir pra escola. Com de 10 anos comecei a namorar e fugi com de 10 anos. Fui morar no sítio da minha sogra. Com 6 meses engravidei do meu primeiro filho, depois fui morar na casa da usina no engenho e quase 2 anos depois tive um outro filho. Meu pai me deu um terreno em camela para poder construir a minha casa, fui fazendo aos poucos e levei um bom tempo para deixar ela pronta. Depois veio Suape com um monte de serviços, aí meu esposo foi trabalhar lá. Ele passou a ganhar melhor do que antes, porque ele trabalhava no campo. Com um ano ele reformou a casa. Planei de estudar com 10 anos e voltei em 2017. Hoje tenho os meus dois filhos de 17 e 10 anos e tenho uma neta. Tenho mãe falecida há 9 anos e tenho pai vivo. Agradeço a Deus por ter saúde e por ele existir na minha vida.

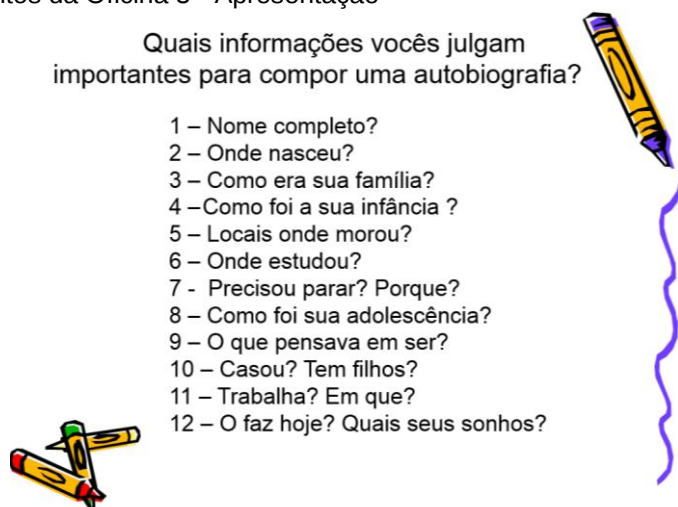
(O texto foi dividido em parágrafos a partir das faixas de vida do autor e/ou acontecimentos importantes, observados pelos alunos).

Fonte: Oficina de Escrita 3 - Apresentação

Baseado nos resultados das oficinas, e considerado as informações verificadas nos textos trabalhados, confeccionamos, juntamente com os alunos, um questionário com as informações mais relevantes incitadas pelo gênero.

O objetivo do questionário foi estabelecer um “norte” para que, a partir dele, os alunos pudessem perceber quais informações ainda não foram contempladas em sua autobiografia, além de estimular a produção daquelas não inseridas anteriormente.

Imagem 14 - Fragmentos da Oficina 3 - Apresentação



Fonte: Oficina de Escrita 3 - Apresentação

Logo após, entregamos a atividade 02 (anexo J) para que fosse respondida em seguida. A atividade foi composta por 3 questões que envolviam tarefas com marcadores espaciais, conjugação verbal (pretérito perfeito e imperfeito) e a substituição de pronomes (EU) repetidos no texto.

Durante a resolução desse exercício, explanamos as funções no texto dos marcadores espaciais, utilizando os exemplos da atividade para demonstrar como os autores utilizam-se desse recurso para especificar locais onde viveram e/ou registraram momentos marcantes de suas vidas.

Por perceber que a atividade de conjugação verbal realizada na oficina anterior havia deixado dúvidas, resolvi realizar mais uma atividade com esse assunto. Porém, para essa atividade, as respostas (verbos conjugados) seriam aplicadas em um texto intitulado “Um dia na feira”, o qual surtiu resultados mais satisfatórios.

Semelhante a atividade 01, finalizamos com um exercício de substituição e/ou supressão de termos repetidos de forma excessiva, mas nesse caso o pronome pessoal “eu”.

Finalizamos a oficina, informando a todos que o nosso próximo encontro reescreveríamos nossos textos, considerando tudo o que foi visto até a presente data.

Nesse encontro, contamos com a presença de 21 alunos, contudo, tivemos a abstenção de 2 discentes dentre aqueles 10 que haviam participado da apresentação inicial e oficina 1, ou seja, apenas 8 textos, até a presente data, fariam parte do *corpus* desta pesquisa.

5.7 Oficina 4 (3h/a) – 18 de junho de 2018

Proposição: Iniciamos a oficina (anexo G) entregando cópia da primeira produção aos respectivos autores, e deixamos exposto na tela o questionário elaborado por eles no encontro anterior. Solicitamos que formassem duplas e entreguei a cada uma delas um dicionário. Cada autor deveria ler a produção do outro e, em seguida corrigir e/ou circular aquelas palavras/frases/expressões que deveriam, segundo eles, modificar ou melhorar, inclusive, a formação dos parágrafos.

Depois, o autor deveria observar essas sugestões, acatá-las ou não, e reescrever o seu texto, primeiramente no caderno e/ou a grafite, para em seguida, passar para o formulário impresso da autobiografia.

Informamos, ainda, que as duplas poderiam interagir com outras, mas só após a atividade inicial ser realizada (verificação das inconsistências).

Por ser uma atividade que carecia de um tempo relativamente longo, e que poderia extrapolar o tempo das 3h/a aulas que tinha disponível, estipulamos a duração da atividade de revisão em 1h/a e a reescrita nas 2h/a finais.

Nessa atividade, estavam presentes 18 alunos e apenas 12 conseguiram realizar a tarefa em tempo hábil, contudo, informei que todos deveriam entregá-las em nossa próxima aula. Dos 12 alunos que realizaram a reescrita na oficina, apenas 5 participaram de todas as etapas do projeto. Desse modo, 5 produções fizeram parte da análise do *corpus* desta pesquisa.

Os seguintes alunos assinaram o TECLE, participaram da apresentação do projeto, das oficinas 1, 2 e 3, e realizaram as atividades propostas: LUCA, VAL,

LINE, NARCY e SAN. Consequentemente, suas produções serão analisadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

6. ANÁLISE DO DADOS

6.1.1 Autobiografia de Luca

Eu Luca XXX YYY Nasci em Aguas preta no dia 30 de julho de 1972, meus pais sempre foram exsistentes na nossa educação, o começo da escola foi muito bom era bem dedicado ao estudos, meo pai sempre fiz de tudo pra nos da o melhor, passamos á mora em engenho, não era muito bom foi dificil no começo, tinha que trabalhar e estudar mesmo cansado do dia tinha que enfrentar é não desistir, minha Mãe enxistia comigo e meus irmãos pra estudar, ela sempre queria o melhor para nos, numa dessas mudansas formos ao engenho saco isso atrapalhava tinha que fazer transferência meu pai era administrador da usina salgado era ameaçado e devido estas coisas resolvel entregar 24 anos de trabalho, viemos para Camela, eu abandonei os estudos não era fácil enfrentar serviço no campo e anoite estudar, após alguns mês eu conheci pessoas que passaram a sé meu amigo, foi uma amizade muito verdadeira que permaneci até hoje, conheci á mulher da minha vida nós casamos no dia 27 de novembro de 1998, na igreja evangelica assembleia de Deus, ela enxestia pra que eu voltasse á estudar, em 2005 voltei a escola e parei em 2007, hoje por incentivo de minha esposa estou terminando os estudos, agradezo a Deus e á esposa, está e aminha estória.

6.1.2 Análise da autobiografia de Luca

A autobiografia de Luca, com 217 palavras, foi escrita em bloco único (monobloco), com marcação de parágrafo apenas na primeira linha do texto. Ele não se identificou com o seu nome completo, há erros na grafia de palavras, utilização de acentos e sinais de pontuação.

Seu plano de texto seguiu uma cronologia que se iniciou pelo local e a data de nascimento. Em seguida, ressaltou a preocupação de seus pais em sua educação, embora sua vida e afazeres no engenho não permitissem que se dedicasse como gostaria.

Posteriormente, relatou que devido a ameaças no trabalho, seu pai pediu demissão e, por esse motivo, abandonou os estudos para ajudá-lo nos serviços do campo.

Logo depois, ressaltou suas amizades na adolescência e o encontro e casamento com sua esposa.

Finalizou informando que, devido à insistência de sua esposa, voltou a estudar novamente.

Com relação a utilização de 1º pessoa, característica predominante na escrita autobiográfica, constatamos 24 ocorrências, com 4 discrepâncias (“**meo** pai”, “melhor para **nos**”, “**nós** casamos no dia 27” e “está e **aminha** estória”).

Quanto à utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, verificamos 29 ocorrências, com 5 inconsistências (“meo pai sempre **fiz**”, “**enxistia** comigo”, “**formos** ao engenho”, “**resovel** entregar” e “ela **enxestia**”).

No que diz respeito aos marcadores temporais, que marcam a temporalidade no texto, encontramos a ocorrência de 11 marcadores (“**dia 30 de julho de 1972**”, “**sempre** foram”, “**sempre** fiz de tudo”, “ela **sempre** queria”, “**24 anos** de trabalho”, “**anoite** estudar”, “**após alguns mês**”, “**dia 27 de novembro de 1998**”, “**em 2005**”, “**em 2007**” e “**hoje** por incentivo”); entre eles, duas impropriedades (“**anoite** estudar” e “**após alguns mês**”).

Os marcadores espaciais têm a função de especificar na autobiografia locais em que o autor relata momentos de sua vida. No relato de Luca, eles foram utilizados 8 marcadores (“em **Agua**s **preta**”, “o começo da **escola**”, “mora em **engenho**”, “formos ao **engenho** **saco**”, “administrador da **usina** **salgado**”, “viemos para **Camela**”, “enfrentar serviço no **campo**”, “na **igreja** **evangelica** **assembleia** de

Deus” e “em 2005 voltei a **escola**”), com 4 impropriedades (“em **Aguas preta**”, “**formos ao engenho saco**”, “administrador da **usina salgado**”, “na igreja evangelica **assembleia** de Deus”)

Pudemos verificar a predominância do discurso autorreferente e foram expostos 9 fatos em sua autobiografia, são eles: o nascimento, o início da vida escolar, tempo em que morou no engenho, transferência e ameaça do pai, chegada a Camela, abandono da escola, amizades, namoro e casamento e volta aos estudos.

6.1.3 Autobiografia reescrita de Luca

Eu, Luca XXX YYY, nasci em Aguas Pretas, no dia 30 de julho de 1972, morei numa casa que não tinha conforto, a luz era de candeeiro a querosene, o fogão era a lenha, o banheiro do lado de fora da casa, tomava banho com água de cacimba.

Meu pai não tinha condição de compra brinquedo, eu fazia carro de lata de leite, brincava de bolinhas de gude, pião, lá no poço, de esconder para outro procura.

Depois nos mudamos para o engenho castelo, meu pai começar a trabalhar, de cabo, era muito esforçado para nos dar uma boa educação, morar no engenho não era muito bom, foi difícil no começo, tinha que trabalhar e estudar, mesmo cansado do dia tinha que enfrentar e não desistir. minha mãe insistiu comigo e meus irmãos para estudar, ela sempre queria o melhor para nos.

Depois nos mudamos para o engenho saco, isso atrapalhava pois tinha que fazer transferência, meu pai foi promovido para ser admini-strador da usina Salgado e

era ameaçado, devido estas coisas ele resolveu entregar 24 anos de trabalho.

Vimos para Camela, eu abandonei os estudos, não era fácil enfrentar o serviço no campo e a noite estudar, não tinha sonhos algum, para mim o trabalho do campo era o unico serviso.

Após alguns meses, eu conheci pessoas que passaram a ser meus amigos, foi uma amizade muito verdadeira que permanece até hoje.

Conheci a Maria nos casamos no dia 21 de novembro de 1998 na igreja evangelica Assembleia de Deus, não temos filhos, mas vivemos muito feliz.

Hoje por incentivo de minha esposa, estou terminando os estudos, não sei ainda o que quero fazer quando terminar, agradeço a Deus e a minha esposa.

6.1.4 Análise da autobiografia reescrita de Luca

A autobiografia reescrita de Luca tem 286 palavras. O que chamou a atenção, inicialmente, foi a paragrafação que não foi utilizada na 1º versão, assim como a acentuação de algumas palavras e a utilização da pontuação, principalmente a vírgula.

Ele identificou-se com o seu nome completo, atestando sua marca de autoria e de compreensão do contexto de produção, no que se refere ao interlocutor, diferenciando-se da 1º versão em que utilizou apenas o nome e primeiro sobrenome.

Descreveu nos dois primeiros parágrafos com detalhes, a casa em que viveu sua infância e os brinquedos que utilizava e fabricava. Esse acréscimo de informação, não descrita na produção anterior, muito se deve ao trabalho realizado na oficina 2, em que os discentes puderam partilhar várias fotos de objetos/lugares que remetessem a sua infância e, dessa forma, também trocar experiências sociais

comunicativas que, segundo Bazerman (2007), são acionadas na construção de um texto.

No terceiro parágrafo, Luca identificou o engenho em que viveu sua infância (Castelo), o que não ocorreu na escrita anterior, e exaltou a preocupação e esforço de seus pais para dar-lhe uma boa educação.

Em seguida, relatou as ameaças no trabalho que seu pai recebia e que o fez pedir demissão.

Logo após, expôs sua chegada a Camela, quando, por motivos de trabalho, abandonou os estudos. Nesse parágrafo, Luca especificou a função exercida do pai no engenho (cabo) para justificar os motivos das ameaças sofridas por ele.

No parágrafo seguinte, iniciado por um marcador temporal (Após alguns meses), ressaltou as amizades da adolescência e, no próximo parágrafo, relatou o encontro e o casamento com sua esposa, especificando a data. Fato este também relatado na escrita anterior, o que demonstra a importância do episódio para o autor.

Finalizou, agradecendo a Deus e a sua esposa pela volta aos estudos, e relatou que ainda não sabe o que fará quando terminá-los. Nesse momento o autor revela uma marca de subjetividade não presente no texto anterior, ao pensar (mesmo sem saber) no que fará ao final do ensino fundamental. Provavelmente reflexo da última pergunta elaborada por eles (discentes) no questionário confeccionado na oficina 2.

Observamos a predominância no uso de 1º pessoa em 31 ocorrências e não foram verificados erros nessa escrita. Verificamos o acréscimo de 7 ocorrências, em relação ao relato anterior, o que se justifica pelo acréscimo de informações.

Foram verificadas a escrituração de 32 verbos do pretérito perfeito e imperfeito, dos quais apenas 1 foi escrito de forma inadequada (“ele **resolveu**”).

Com relação aos marcadores temporais, constatamos a ocorrência de 12 marcadores (“no **dia 30 de julho de 1972**”, “**Depois** nos mudamos”, “foi difícil **no começo**”, “ela **sempre** queria”, “**Depois** nos mudamos”, “entregar **24 anos** de trabalho”, “campo e **a noite** estudar”, “**Após alguns meses**”, “**dia 21 de novembro de 1998**”, “**Hoje** por incentivo”, “não sei **ainda o**” e “**quando** terminar”), com uma impropriedade (**a** noite)

As palavras que têm a função de especificar locais vividos pelo autor, os chamados marcadores espaciais, foram utilizados 11 vezes (“em **Aguas preta**”,

“morei numa **casa**”, “o banheiro do **lado de fora da casa**”, “lá no poço “ **engenho castelo**”, “morar no **engenho** não era muito bom”, “para o **engenho saco**”, “**usina salgado**”, “viemos para **Camela**”, “serviço no **campo**” e “na **igreja evangelica assembleia de Deus**”). Foram observadas 5 impropriedades (“em **Aguas preta**”, “**engenho castelo**”, “para o **engenho saco**”, “**usina salgado**” e “na igreja evangelica **assembleia de Deus**”).

Não constatamos a presença de outros tipos de discurso, e foram expostos 11 fatos na autobiografia de Luca, em ordem cronológica, são eles: o nascimento, a descrição da casa, os brinquedos utilizados e fabricados, mudança para o engenho, transferência e ameaça do pai, chegada a Camela, abandono da escola, amizades, namoro e casamento, volta aos estudos e indecisão sobre o futuro.

6.1.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Luca

Inicialmente, o que chamou a atenção entre as produções foi a paragrafação, enquanto a primeira produção havia apenas a marcação do parágrafo inicial, a produção reescrita foi composta por 8 parágrafos, dos quais 4 deles foram iniciados por marcadores temporais, estabelecendo uma marca temporal aos fatos relatados.

A produção inicial de Luca foi escrita com 217 palavras, enquanto que a produção final foi confeccionada com 286, totalizando 69 palavras a mais que a inicial, o que reflete um avanço em relação a primeira produção, ocasionada pela inserção de novos fatos.

Além do incremento de palavras, percebemos um significativo avanço no que se refere à ortografia de algumas palavras, comprovada pela observação de apenas um erro na grafia de verbos do pretérito e a nenhum na utilização de pronomes de primeira pessoa.

O fato de Luca ter, no momento da reescrita, identifica-se com seu nome completo, revelou a compreensão do contexto de produção, no que se refere à instância de produção (onde vai circular) e, principalmente, aos interlocutores (para quem está escrevendo), pois só imprimindo seu registro, por meio do nome completo, é que seria possível identificar a quem pertence a autobiografia.

Na produção inicial de Luca, pudemos observar um plano de texto em que a infância foi associada a vida escolar e a lida com o pai, diferente da reescrita em que o autor não só descreve a casa onde morou com detalhes, mas também nos relata

os brinquedos que construía e gostava de usar na infância. Fatos acrescidos pelo estímulo da memória, durante os exercícios executados nas oficinas, em que pudemos compartilhar fotos sobre momentos da infância de alguns de nossos alunos e assim, de forma associativa, ativar a memória de todos.

Houve um acréscimo de 3 verbos do pretérito perfeito e imperfeito em relação à produção inicial, em que correram 4 erros de grafia/conjugação, enquanto que na produção final houve apenas uma inconsistência.

Quanto aos marcadores temporais e espaciais, observamos um enorme avanço na compreensão e utilização desses recursos.

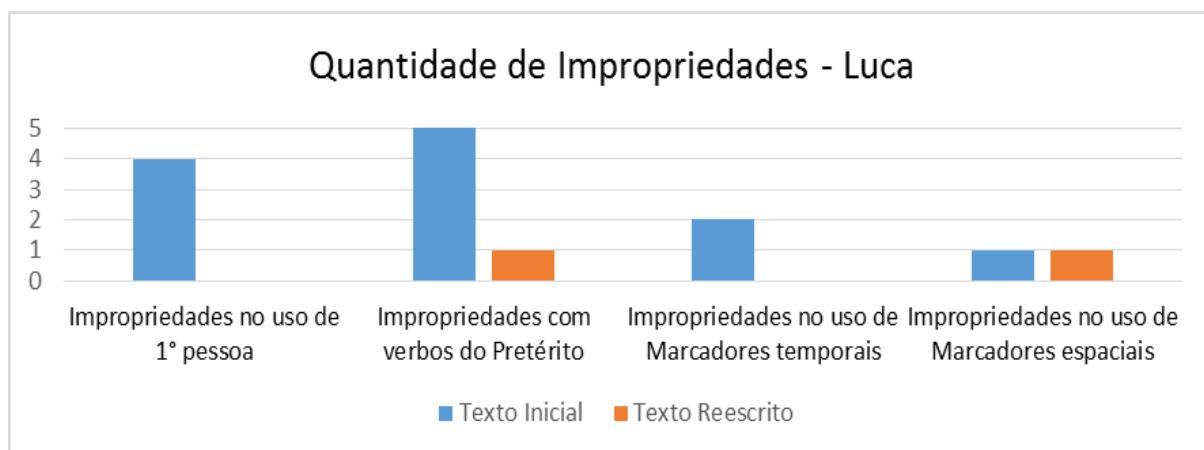
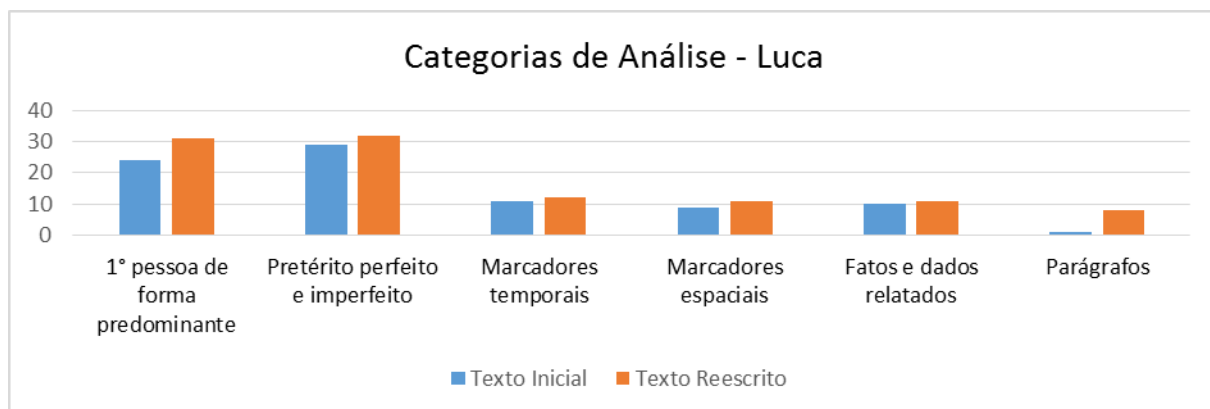
No caso dos marcadores temporais, houve o acréscimo apenas de um marcador, contudo, observamos, também, correções na escrita em duas situações de uso (campo e **a noite** estudar” e “Após alguns **meses**”), que embora não tenham recebido os acentos correspondentes, ainda representam uma evolução em relação à produção anterior.

Os marcadores espaciais também foram acrescidos na reescrita, totalizando 12 ocorrências, contra 8 da escrita inicial. Isso, muito se deve aos novos relatos incorporados a produção final, mas, sobretudo, a compreensão em localizar o leitor no ambiente vivenciado pelo autor.

Observamos o relato de 11 fatos na autobiografia final de Luca, dois a mais que a produção inicial. Um desses fatos, tratou da casa onde morou (“que não tinha conforto, a luz era de candeeiro a querosene, o fogão era a lenha, o banheiro do lado de fora da casa”). A forma detalhada que o discente descreveu sua casa assevera que houve um exercício de rememoração (Abrahão, 2004), aqui estimulado pela atividade com as fotos enviadas pelos alunos na oficina 01.

Por fim, houve, também, evoluções no que diz respeito à pontuação e acentuação gráfica, que embora não tenham sido objetos de ensino nas oficinas, foram assuntos abordados naquele bimestre em sala de aula e que puderam ser aplicados pelo aluno no processo de reescrita.

Gráfico 1 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropriedades do aluno Luca



Fonte: Produções autobiográficas de Luca

6.2.1 Autobiografia de Val

eu Val Vou Fala Sobi minha História condo eu nasci a minha mãe Foi Siapera ela mim deixou eu com meu tio ele cundo munto bem de mim e meu pai em trabalha para alimenta meu irmão e cando eu Fiz 3 anos minha mãe mim coloco na escola eu em todo dia para escola minha mãe leria para igreja todo dia eu em para igrage mas depois eu sair do evangélico cando eu fiz 13 anos eu Voltei de Novo para igreja eu Fazia Pante da nosindade mas depois Sair de Novo do evangélico condo eu fiz 15 anos eu Voltei de Novo para o evangélico e agrora eu teu 18 anos estou casada essa e minha historia.

6.2.2 Análise da autobiografia de Val

A autobiografia inicial de Val foi composta de 119 palavras e foi escrita em bloco único (monobloco), sem marcação de parágrafos. Ela identificou-se apenas pelo primeiro nome e há vários erros de grafia, principalmente, na inserção de letras maiúsculas em palavras que não são próprias ou não iniciam uma frase, após ponto final (“minha **História**”, “mãe **Foi Siapera**”, “ei **Fiz** 3 anos”, “eu **Fazia Pante**”, “depois **Sair de Novo** do” e “eu **Voltei de Novo** para”).

Seu plano de texto seguiu uma cronologia que se iniciou com seu nascimento, embora não informe onde e quando nasceu. Expôs apenas o fato da mãe ter a necessidade de operar-se e, por esse motivo, ter que deixá-la com seu tio.

Logo após, contou-nos que aos 3 anos iniciou sua vida escolar e informou que era evangélica e, entre idas e vindas, aos 15 anos retornou a essa religião.

Por fim, relatou que agora, aos 18 anos, está casada.

Na utilização de pronomes de 1º pessoa, constatamos 20 ocorrências, sem discrepâncias.

Quanto à utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, verificamos 16 ocorrências (“condo eu **nasci**”, “mãe **Foi** Seoperar”, “mim **deixou**”, “ele **cundo** de mim”, “Meu pai em **trabalha**”, “eu **Fiz** 3 anos”, “mim **coloco** na escola”, “minha mãe **leria**”, “Eu **sai**”, “Eu **Fiz** 13 anos”, “eu **sair** do evangélico”, “eu **Voltei de Novo**”, “**Sair de novo**”, “**Fiz** 15 anos”, “**Voltei de Novo**” e “**estou** casada”), com 6 discrepâncias (“ele **cundo** munto bem de mim”, meu pai em **trabalha** para alimenta”, “mim **coloco** na escola”, “minha mãe **leria** para igreja”, “eu **sair** do evangélico” e “**Sair de Novo** do evangélico”).

Com relação aos marcadores temporais, evidenciamos a utilização de 10 marcadores (“**condo** eu nasci”, “**cando** eu Fiz 3 anos”, “eu em **todo dia** para escola”, “**todo dia** eu em para igrage”, “**depois** eu sair do evanjélico”, “**cando** eu fiz 13 anos”, “Voltei **de Novo** para igreja”, “**depois** Sair de Novo do evanjélico”, “**condo eu fiz 15 anos**” e “**agora eu teu 18 anos**”), com erro de grafia em 5 deles (“condo eu nasci”, “**cando** eu Fiz 3 anos”, “**cando** eu fiz 13 anos”, “**condo** eu fiz 15 anos” e “**agora eu teu 18 anos**”).

No que diz respeito aos marcadores espaciais, pudemos constatar a ocorrência de 5 marcadores (“coloco na **escola**”, “todo dia para **escola**”, “leria para

igreja”, “eu em para **igraje**” e “Novo para **igreja**”) e uma impropriedade (“eu em para **igraje**”).

Não há presença de outros tipos de discursos e foram expostos 9 fatos em sua autobiografia, são eles: nascimento e operação da mãe, foi cuidada pelo tio, o trabalho do pai, início da vida escolar, mãe que lia na igreja, saída da religião, idas e vindas da religião aos 13 anos, aos 15 anos assume sua religião e aos 18 anos casa-se.

6.2.3 Autobiografia reescrita de Val

Eu Val XXX YYY.

Eu nasci Aqui em camela Faz muito tempo 19 de maio de 2001. cando eu nasci. A minha mãe Foi Seoperar, ela mim deixou com meu tio ele cuidou muito bem de mim.

Meu pai trabalhava para alimentar meu irmão, ele trabalhava muito. Quando ele chegava ele chegava muito cansado

Eu moro aqui em Camela.

Eu estudei no colégio Prefeito Luiz Manoel Nogueira e agora eu estudo na escola municipal Agro Urbana.

Eu Fiz muita amizade na escola e aonde eu moro.

O que penso em ser, O Que penso não O Que me vou ser delegada.

Dona de casa.

Casei com meus 15 anos e com 17 anos me separei.

Casei moro na casa de minha mãe e meus sonhos é Que eu mora na minha casa e tambem Quero trabalha e ser delegada.

6.2.4 Análise da autobiografia reescrita de Val

A autobiografia reescrita de Val foi composta de 141 palavras, escritas em 8 parágrafos. Ela, inicialmente, identificou-se com seu nome completo, o que difere da produção inicial em que a autora utilizou apenas seu 1º nome.

Os erros de grafia, com a inserção de letras maiúsculas em palavras que não são substantivos próprios ou não iniciam uma frase, ainda permanecem, mas com menor incidência.

Seu plano de texto seguiu uma cronologia mais definida, com a inclusão do local e data de nascimento.

Em seguida, expôs novamente o fato da mãe ter que se operar e, por esse motivo, deixá-la com seu tio.

Depois, descreveu, de forma mais detalhada, o trabalho do pai e ressaltou seu esforço.

Informa, posteriormente, o local onde mora hoje e a escola onde estudou e estuda. Informações que não foram incluídas na produção inicial. Assim como as amizades que fez nesses locais.

No 7º parágrafo, a autora revelou o desejo de ser delegada (“O Que penso não O Que me vou ser Delegada”).

No 9º parágrafo, iniciou informando que casou aos 15 anos e que aos 17 separou-se.

Finalizou, relatando que casou e que seus sonhos são ter uma casa, trabalhar e ser delegada.

Na utilização de pronomes de 1º pessoa, pudemos constatar 22 ocorrências, sem impropriedades, e quanto à utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, observamos 14 ocorrências, sem discrepâncias (“Eu **nasci** Aqui”, “cando eu **nasci**”, “mãe **Foi** Seoperar”, “mim **deixou**”, “ele **cuidou**”, “Meu pai **trabalhava**”, “, ele **trabalhava**”, “Quando ele **chegava**”, “ele **chegava** muito”, “Eu **estudei**”, “Eu **Fiz**”, “**Casei** com meus 15 anos”, “com 7 anos me **separei**” e “**Casei** moro na casa”).

Na utilização dos marcadores temporais, evidenciamos o emprego de 7 marcadores (“Faz **muito tempo**”, “**19 de maio de 2001**”, “cando eu nasci”, “Quando ele chegava”, “**agora** eu estudo”, “Casei com meus **15 anos**”, e “com **7 anos** me separei”), mas com apenas uma impropriedade (“cando eu nasci”). O que configura

um avanço em relação a escrita anterior, onde houve 5 discrepâncias em sua utilização.

No que diz respeito aos marcadores espaciais, pudemos constatar a ocorrência de 10 marcadores (“Eu nasci **Aqui**”, “em **camela**”, “Eu moro **aqui**”, “em **camela**”, “Eu estudei no **colégio Prefeito luiz manoel nogueira**”, “eu estudo **na escola municipal Agro Urbana**”, “amizade **na escola**”, “**aonde eu moro**”, “moro **na casa de minha mãe**” e “na **minha casa**”), com 4 impropriedades (“Eu nasci **Aqui**”, “em **camela**”, “Eu estudei no **colégio Prefeito luiz manoel nogueira**”, “**aonde eu moro**”),

Não foram observados a presença de outros tipos de discursos, além do autorreferente.

A autora expôs 12 fatos em sua autobiografia, são eles: o nascimento em Camela, operação da mãe, foi cuidada pelo tio, o trabalho do pai, mora atualmente em Camela, estudou em duas escolas, amizades no colégio e onde morou, o desejo de ser delegada, casamento aos 15, separação aos 17 anos, está casada, tem os sonhos de ter uma casa, trabalhar e ser delegada.

6.2.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Val

A produção final de Val foi escrita em 9 parágrafos, nem sempre usados adequadamente, mas que demonstraram sua preocupação em ordenar seu relato. A utilização dos parágrafos possibilitou a ordenação das ideias de forma cronológica, mas nem sempre seguidos de marcadores temporais.

Os erros de grafia, com a inserção de letras maiúsculas em algumas palavras, ainda permanecem, mas observamos uma melhora, pois foi constatada 13 ocorrências em relação as 15 ocorridas na produção inicial, sem considerar que foram escritas 22 palavras a mais, após a reescrita.

A autora apresentou-se com seu nome completo, acrescido do local e data de nascimento, denotando a compreensão do contexto de produção, no que se refere à instância de produção (onde vai circular) e interlocutores (para quem está escrevendo).

Podemos perceber um avanço na utilização de pronomes de 1º pessoa e marcadores temporais, mas, sobretudo, na correta utilização dos verbos do pretérito

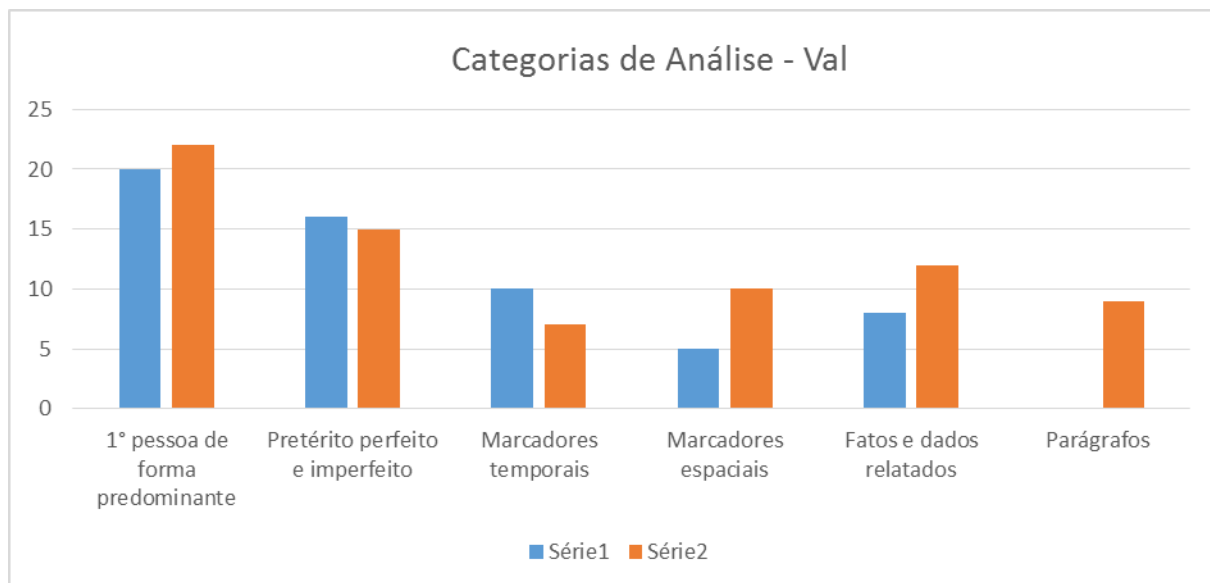
e dos marcadores espaciais. O que revelou a preocupação da autora em localizar temporalmente e espacialmente o interlocutor a sua produção.

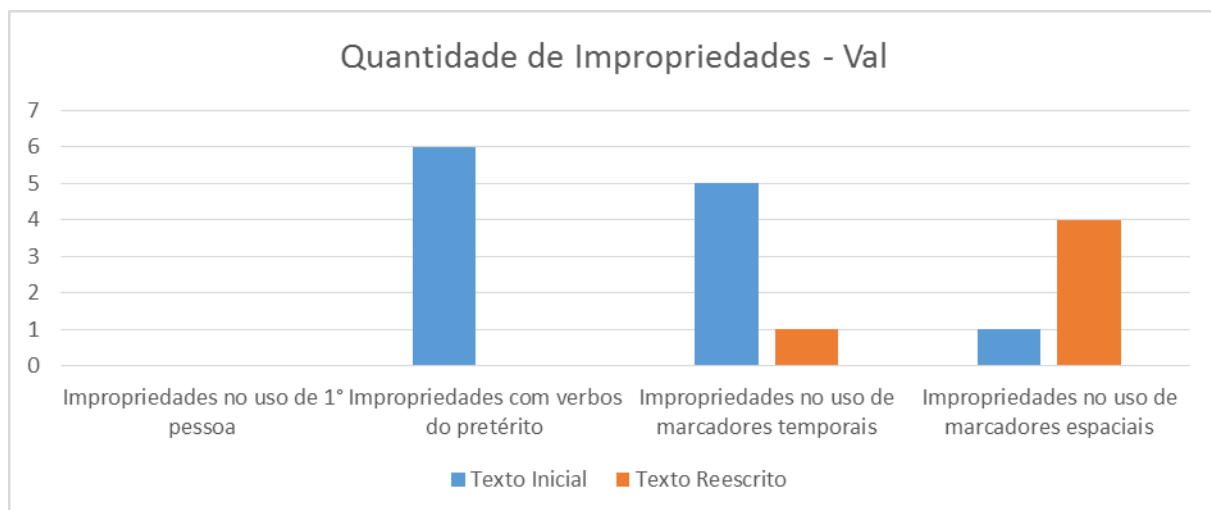
Embora não tenha havido acréscimo com relação à utilização no número de verbos, percebemos um desenvolvimento em relação à produção anterior, seja com relação a escrita, seja com relação a conjugação, uma vez que todos os verbos do pretérito perfeito e imperfeito foram utilizados de forma correta.

Já os marcadores espaciais foram aqueles que melhor resultado obteve, numericamente, uma vez que foram utilizados em dobro, em relação à produção anterior, em que houve o emprego de 5 marcadores, enquanto que na produção final, ele foi utilizado 10 vezes. Esse resultado, demonstrou a compreensão de localizar o leitor no espaço vivido pelo autor. Contudo, observamos, também, um aumento nas impropriedades desse tipo de marcador.

A autora expôs 12 fatos em sua autobiografia, três fatos a mais que a produção inicial. Os fatos acrescidos dizem respeito ao local de nascimento, informação muito presente na produção autobiográfica e locais onde estudou, reforçado pelo uso de marcadores espaciais (No Colégio Prefeito Luiz Manoel Nogueira e na Escola Municipal Agro Urbana). Por fim, a autora nos revelou os sonhos de ter uma casa, trabalhar e ser delegada, momento em que se desvelou para si e revelou-se para nós, assim como afirma ABRAHÃO (2004), pois é nesse contexto que o discurso autorreferente se diferencia dos demais.

Gráfico 2 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropriedades da aluna Val





Fonte: Produções autobiográficas de Val

6.3.1 Autobiografia de Josy 2

Eu Josy2 XXX YYY nasci no dia 24.03 1974 teve minha infancia no citio mais meus pais e irmão. meu pai Paulo XXX YYY e minha mãe. Antonia XXX YYYYY os dois tiveram dez filhos eu Sou a quarta filha e tenho muito orgulho de meus pais pois foram muito guerreiro desde cedo comecei. trabalhar na roça fazíamos farinham, andava a cavalo, tomava banho de rio, estudava. mais Eu era feliz e não sabia ao quinze anos sai de casa em busca de melhor um pouco a vida mais infelizmente só quebrei a cara a Unica coisa boa que restou foi meus dois filhos que são a razão de minha Vida. em noventa eu tive meu primeiro filho que se chama Valdinho no ano noventa e dois tive a minha filha Jessica no ano noventa e quatro eu me separei do pai dos meus filhos e começou a minha luta Voltei pra casa dos meus pais depois de um ano só em casa cuidado dele. fui trabalhar em casa de família, o pai deles nunca deu nada para as crianças, mais como

pobre eu fiz o que pude, por eles. Com o apoio de meu pai e minha mãe, eu teve muito apoio deles, até que em noventa e sete no acidente eu perdi meu pai, aí meu mundocaio, Voltei para casa e fiquei cuidando de meu filhos, e de minha mãe e meus irmão. ai então Voltei a estudar pois tinha parado na quarta-Serie. em dois mil Veio outro tormento. um barraco caio em cima da casa em que nós vivia e matou dois subrinhos meu que Eu cuidava junto com minha mãe e meus irmão, e meus dois filho Então nesse acidente saímos do citio com a roupa do coro. do engenho cabadé moramos lá de favor por dois anos mais deus e tão bondoso que o incla teve por lá e resolveu cortar o engenho em parcelas pra os moradores como a minha família estava na pior foram contemplada com duas parcela uma pra minha mãe e a outra pro meu irmão, hoje são parceiro.

6.3.2 Análise da autobiografia de Josy 2

A produção inicial de Josy 2 foi escrita com 351 palavras, em bloco único (monobloco), ou seja, sem a utilização de parágrafos. Havia uma séria de erros de grafia, de pontuação e acentuação.

Seu plano de texto seguiu uma cronologia iniciada pela aposição de seu nome completo e data de nascimento e, logo após, descreveu a composição familiar. Revelou o orgulho que tem de seus pais e que, desde cedo, começou a trabalhar na roça, embora também relate que era feliz.

Em seguida, contou-nos que aos quinze anos saiu de casa, em busca de uma vida melhor, mas sem sucesso. Relatou, em seguida, o nascimento de seus filhos e sua separação, momento em que precisou voltar para casa de seus pais e trabalhar em “casa de família”.

No ano de 1997, em um acidente, ela perdeu seu pai e, nesse período, volta para casa dos pais e retomou os estudos.

Em 2000, aconteceu um grave acidente em que faleceram seus dois sobrinhos, e precisaram sair da casa onde moravam “com a roupa do corpo”.

Por fim, nos relatou que o INCLA dividiu o engenho e seus familiares são contemplados.

A autora utilizou pronomes de 1º pessoa de forma predominante, constatada por 49 ocorrências, com 4 discrepâncias (“**menha** filha”, “eu **min** separei”, “cuidando de **meu** filhos” e “dois subrinhos **meu**”).

Quanto às marcas de temporalidade, verificadas pela utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, observamos 42 ocorrências, com 9 discrepâncias (“**teve** minha infância”, “os dois **teverão** dez filhos”, “fazíamos farinham, **andava** a cavalo, **tomava** banho de rio, **estudava**” “**teve** a menha filha”, “eu **teve** muito apoio deles”, “que nós **vivia**” e “**teve** por la”).

No que se refere aos marcadores temporais, encontramos a ocorrência de 13 marcadores (“no **dia 24.03 1974** “**desde cedo**”, “ao **quinze anos** sai”, “em **noventa** eu”, “**ano** noventa e dois”, “no **ano noventa e quatro**”, “**depois** de um”, “**nunca** deu nada”, “até que em **noventa e cete**”, “**ai então** Voltei”, “em **dois mil**”, “por **dois anos**” e “**hoje** são parceiro”), com 3 impropriedades entre esses marcadores (“no **dia 24.03 1974**”, “**minha infância**” e “até que em **noventa e cete**”)

O uso de marcadores espaciais foi verificado em 12 situações (“no **citio**”, “na **roça**”, “sai de **casa**”, “Voltei pra **casa**”, “em **casa**”, “em **casa** de família”, “um **barraco** caio”, “da **casa** em que”, “saímos do **citio**”, “**engenho cabadé**”, “teve por **la**”, “cortar o **engenho**”) e foram observadas impropriedades em 4 momentos (“no **citio**”, “saímos do **citio**”, “**engenho cabadé**”, “teve por **la**”)

Não foi observada a presença de outros tipos de discursos e foram expostos 13 fatos em sua autobiografia, são eles: o nascimento, a infância no sítio, trabalho na roça, saída de casa, o nascimento dos filhos, separação, volta para casa dos pais, o trabalho em casa de família, acidente com o pai, volta para casa, desmoronamento da casa, saída do sítio e o corte do engenho pelo INCRA.

6.3.3 Autobiografia reescrita de Josy 2

Eu, Josy 2 XXX YYY, nasci na cidade dos Palmares no dia 24 de março de 1974 no hospital Regional dos Palmares, tive toda minha infância no sítio com meus pais, Paulo XXX YYY e minha mãe. Antonia XXX YYY.

Tenho dez irmãos ao todo, são quatro irmãs e seis irmãos

Eu sou a filha quarta de meus pais e tenho muito orgulho, pois foram muito guerreiros.

Desde cedo comecei trabalhar na roça, fazíamos farinha, andávamos a cavalo, tomávamos banho de rio. Estudávamos no Engenho mãozinha E morava no Eng. Cabadé da Usina Santa Terezinha, município de água Preta Pe. eu era feliz e não sabia

Aos quinze anos, já no ano de 1985, comecei a minha vida fora de casa, fui viver com meu namorado, pensando em ter uma vida melhor mais foi só ilusão quebrei a cara ficamos juntos por a única coisa boa que ficou foi meus dois filhos Jessica XXX YYY, hoje com 25 anos e meu filho primogênito Valdenho XXX YYY, hoje com 27 anos. depois disso sair, passo a morar com meus pais, e trabalhar em Boa Viagem. deixei meus dois filhos com meus pais em Cabadé e sempre vinha toda quizesa vê-los, e saía pra se divertir com eles.

Eu não tive tudo que eu queria mais tentei fazer o melhor pelos meus filhos, fui trabalhar no ano de 1994.

No ano de 1997, meu mundo caio, perdi no acidente o meu rei meu pai que era o meu porto seguro, daí em diante começou minha luta. Voltei de Boa Viagem onde eu já residia na favela beira rio, próximo ao Shopping-Center e voltei novamente pra vida no sítio meses depois.

Passei a viver de lavar e consinhar para a minha família, minha mãe e seis irmão e dois subrinha e meus dois filhos.

Em dois mil, outro pesadelo, no dia 31 de julho do ano 2000 mil caiu um barranco em cima da casa e eu tive a infeliz sorte de vêr tudo sem poder fazer quase nada, estava em uma casimba cuidando pra não entrar água de chuva e vi quando o barraco desabou de ladeira abaixo, gritei muito até que minha mãe saiu de dentro da casa junto com apenas duas crianças onde avia sete crianças e elas a minha mãe.

Resumindo salvouse todos os meus irmãos e meus dois filho mais meus dois subrinhos que Era Cezar e Sergio de oito e nove anos não tiveram a mesma sorte. Pois Sergio correu pra o fundo da casa e ficou debaixo da porta da consinha e o outro correu pra frente da casa mais ficou preso nos paus, pois a casa e de taipa e quebrou o pescoso e eu assisti tudo tentando aguda-lo pois não consegui. Deus sabe o quanto sofri mais ainda fui proceçada por isto não só pela justiça mais alguns da

família não acreditava em mim pelo fato de meus dois filhos não terem morrido.

No dia 03 de agosto fiz o enterro e ficamos na pior com as roupas do corpo. a casa já não existia e nada que tíamos sobrou, ai fomos morar no barração do Engenho Cabadé.

Depois de uns dois meses o pai dos falecidos teria voltado pra São Paulo onde ele e alguns irmão meus viviam alguns anos mandou um baú de móveis, roupas e sexta-básicas, daí endiante as coisas melhorou.

Depois, no ano de 2002 dois mil e dois, o incra entrou no engenho cabade e Terezinha e cortou em paselas. Então eu lutei muito até fui pra debaixo da lona mais não fui contemplada por que na época Eu não era casada. mais fiquei feliz porque a minha mãe e meu irmão Daniel foram contemplado cada um tem uma parcela. Hoje sou casada, estudo, já criei cinco filhos do meu esposo e estou estudando para ter uma vida melhor no futuro.

6.3.4 Análise da autobiografia reescrita de Josy 2

A produção final de Josy foi escrita com 642 palavras, quase o dobro de palavras escritas em relação à produção inicial. Ela utilizou 13 parágrafos, quase todos iniciados por marcadores temporais, denotando sua preocupação em estabelecer uma ordem temporal aos períodos em que os fatos ocorreram.

Os erros de grafia, de pontuação e acentuação permanecem, porém, há uma relevante melhora, sobretudo no que diz respeito à pontuação, com o uso de vírgulas e ponto final, ao término dos parágrafos.

Seu plano de texto seguiu uma cronologia bem estabelecida pelos marcadores temporais e é iniciada pela aposição de seu nome, entre vírgulas, com o acréscimo do local e data de nascimento, informações não contempladas na produção inicial, mas que foram elencadas como necessárias no questionário elaborado pelos alunos durante a oficina 3.

Relatou o início de sua infância no sítio e, logo após, descreveu a composição de sua família.

Revelou o orgulho que tem de seus pais e que, desde cedo, começou a trabalhar na roça, embora também relate que era feliz por meio das atividades (andava a cavalo, tomava banho de rio) que praticava nos sítios, agora nomeados, na autobiografia final.

A autora passou a descrever os fatos de forma mais detalhada, motivo pelo qual houve o acréscimo de palavras e informações. Além disso, dos 13 parágrafos utilizados para produzir sua autobiografia reescrita, Josy iniciou 7 deles com marcadores temporais, demonstrando sua compreensão sobre o uso desse mecanismo.

Josy utilizou pronomes de 1ª pessoa de forma predominante, com 72 ocorrências, sem discrepâncias.

Na utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, verificamos 66 ocorrências, com apenas 2 discrepâncias (“**salvou**se todos” e “nada que **tiamos** sobrou”).

No uso de marcadores temporais, foram verificadas 22 ocorrências, sendo que sete deles utilizados no início de parágrafos. (“**24 de março de 1974**”, “**toda minha infância**”, “**Desde cedo** comecei”, “**Aos quinze anos**”, “já no **ano de 1985**”, “**hoje com 25 anos**”, “**hoje com 27 anos**”, “**depois** disso sair”, “**sempre** vinha”, “**toda quizena** vê-los”, “no **ano de 1994**”, “No **ano de 1997**”, “no **sítio meses depois**”, “Em **dois mil**”, “no **dia 31 de julho do ano 2000**”, “vi **quando o** barraco”, “No **dia 03 de agosto**”, “**Depois de uns dois meses**”, “viviam **alguns anos**”, “**Depois, no ano de 2002 dois mil e dois**, o **incra**”, “por que na **época**” e “**Hoje** sou casada”), com 3 impropriedades (toda **quizena** vê-los”, “no **sítio meses depois**” e “**Depois de uns dois meses**”).

A utilização de marcadores espaciais no texto foi observada em 20 situações, o que representa um aumento de 8 marcadores em relação a primeira produção.

Houve a predominância do discurso autonarrativo e foram expostos 16 fatos em sua autobiografia, são eles: o nascimento, a infância no sítio, a constituição da família, trabalho na roça, saída de casa aos 15 anos para morar com o namorado, o nascimento dos filhos, volta para casa dos pais, passa a trabalhar em Boa Viagem, acidente e morte do pai, volta para casa e passa a cuidar dos irmãos, desmoronamento da casa, saída do sítio, moram em um barracão, recebe ajuda de familiares, em 2002 o corte do engenho pelo INCRA e hoje casada e estudando.

6.3.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Josy 2

O que se destacou, inicialmente, na produção final de Josy 2 foi, sem dúvida, o acréscimo de palavras, justificadas pelo detalhamento de alguns episódios e o aumento no número de fatos/relatos.

O uso de parágrafo também mereceu destaque, uma vez que a autora não fez uso na primeira produção e na escrita final utilizou-se de 13 parágrafos, quase todos iniciados por marcadores temporais, estabelecendo uma relação entre o fato e o momento em que ocorreu, além de ordenar os fatos de forma cronológica.

Embora erros de grafia e de acentuação que não envolvam as categorias de análises não sejam ponderados, fica evidente uma melhora significativa no corpo geral do texto, principalmente no que diz respeito a pontuação e ao uso de vírgulas. Esses assuntos não foram contemplados nas oficinas, mas foram ministrados durante o bimestre em que ocorreu essa pesquisa.

Seu plano de texto, a partir do uso de marcadores temporais no início de 7 parágrafos, estabeleceu uma cronologia temporal bem definida.

Várias informações foram acrescentadas à produção final, das quais destacamos o local e data de nascimento, além de brincadeiras que participava na infância. Informações despertadas pela atividade de socialização na oficina 2, cujo um dos objetivos era, justamente, resgatar essas memórias.

Outro fato relevante, diz respeito ao episódio do desmoronamento da casa onde vivia, em que houve a morte de seus dois sobrinhos. Nessa nova versão, a autora expôs toda sua angústia no relato. Revelou como sofreu pela perda, pelo processo que teve que responder, mas, sobretudo, pelo julgamento de familiares.

A autora utilizou pronomes de 1º pessoa de forma predominante 72 vezes, sem impropriedades. São 23 acréscimos em relação a primeira produção, a qual se justificou pelo incremento de informações e seus detalhamentos.

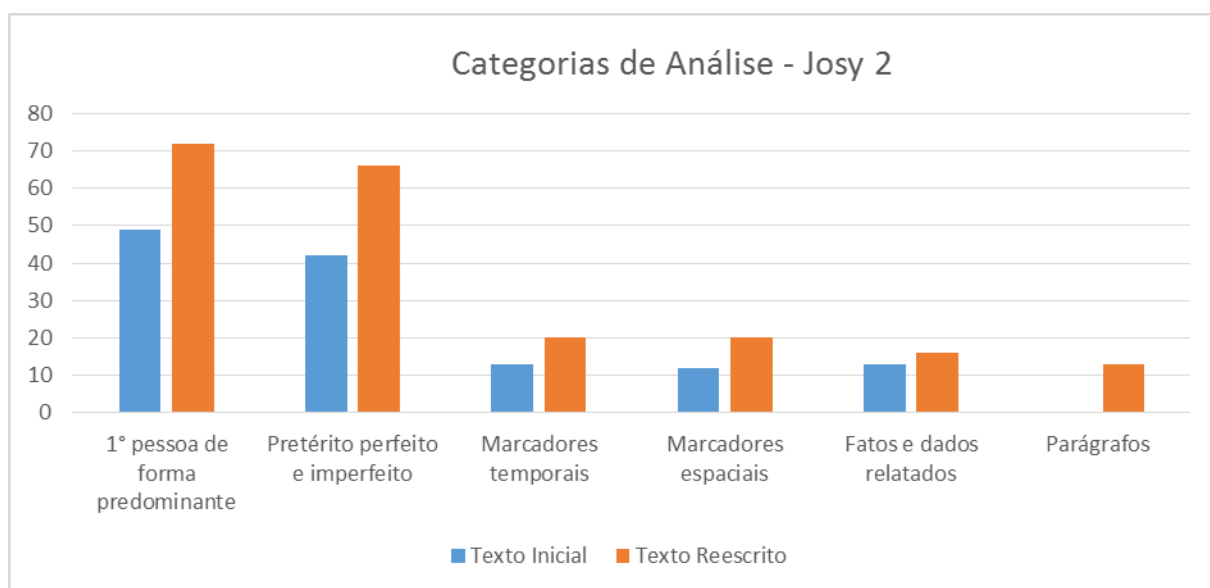
Assim como ocorreu no uso dos pronomes, os verbos do pretérito perfeito e imperfeito também sofreram acréscimos, verificamos 66 ocorrências, contra 42 da primeira produção, além de uma diminuição nos erros quanto à grafia e conjugação.

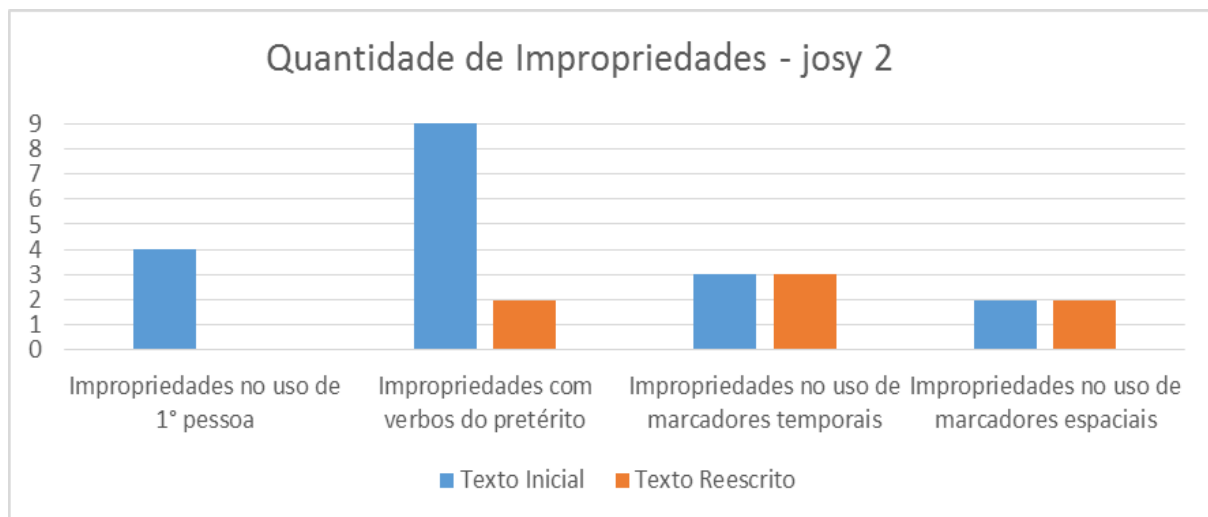
Tivemos um aumento de 10 ocorrências na utilização dos marcadores temporais da produção final do discente, e o número de impropriedades permaneceu o mesmo. No entanto, duas das impropriedades verificadas na reescrita dizem respeito à falta do acento circunflexo na palavra “meses” e não a erro de grafia, como constatado em duas situações da produção inicial, no que se refere a esse quesito.

Na utilização de marcadores espaciais ocorreu um aumento de 8 indicadores em relação à primeira produção, o que está diretamente relacionado com o incremento de fatos/relatos. Evidenciando-se a compreensão sobre uso desses marcadores, que têm a função de transportar o leitor ao local onde ocorreram os fatos.

Observamos a predominância do discurso autonarrativo e foram expostos 16 fatos em sua autobiografia, 3 a mais que a primeira versão.

Gráfico 3 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropriedades da aluna Josy 2





Fonte: Produções autobiográficas de Josy 2

6.4.1 Autobiografia Inicial de Line

Quem sou eu?

Eu sou: Line XXX YYY

Nasci no dia 04/01/1989 no centro de Saúde vereador Euclides da Cruz em camela.

Sou filha de Maria XXX YYY e Jailson XXX YYY

Sou a mais nova de 4 irmãos

Sempre morei aqui em camela com minha mãe e meus irmãos

Meus pais separaram-se quando eu tinha 2 anos e 7 meses

Comecei a Estudar com 7 anos no Educadario Boa Esperança onde fiz a alfabetização de lá fui para a Escola Agro Urbana onde fiz da 1ª a 4ª serie. Do Agro fui para o colégio Estadual Albertina da Costa Soares onde fiz 5ª e 6ª serie.

Nas minhas férias minha irmã e eu sempre vamos para o engenho monte de Ouro, para a casa de nossos

avós paternos. Lá nós nos divertíamos muito, tomávamos banho de rio, brincávamos muito.

sai do Estado e fui para a escola Jarbas passarinho, Onde fui fazer a 7ª e 8ª série do fundamental.

Só que no meio do ano eu desisti de estudar.

no ano seguinte refiz minha matrícula mais simplesmente desisti de novo nisso passaram-se 2 anos perdidos de matrículas e desistências.

vi que não queria estudar e passei 8 anos afastada da escola.

Mais neste ano de 2018 resolvi terminar Os estudos. Estou com 29 anos, gosto de lêr, não tenho filho e permaneço morando com minha mãe.

6.4.2 Análise da autobiografia de Line

A autobiografia de Line continha 227 palavras, escritas em 15 parágrafos. Embora a aluna tenha utilizado-se da paragrafação em todo seu texto, observamos a ausência do ponto final ao término de muitos desses parágrafos.

Ela iniciou seu texto com uma pergunta (Quem sou eu?), evidenciando a compreensão sobre o tipo de relato (autorreferente).

Identificou-se com o seu nome completo e inicia seu plano de texto com uma cronologia a partir da data e local de nascimento, informações características do gênero.

Em seguida, apresentou o nome de seus pais e sua composição familiar. De forma sutil, relatou que sempre morou em Camela apenas com sua mãe e irmãos, para, logo após, revelar a separação dos pais, quando ainda era criança.

Relatou seu percurso educacional no ensino fundamental, descrevendo as escolas onde estudou até a 6ª série (atual 5º ano), mas interrompe esse episódio para nos contar o que fazia nas férias com sua irmã.

Contudo, no parágrafo seguinte, retoma sua trajetória escolar, em que tenta concluir o ensino fundamental e, entre algumas desistências, retoma este ano, a fim de concluir o ensino fundamental.

Finalizou, informando sua idade, seu gosto pela leitura e que mora com sua mãe.

Line utilizou pronomes de 1ª pessoa em 33 ocorrências, sem discrepâncias. Usa verbos do pretérito perfeito e imperfeito em 27 situações com 4 inconsistências (“sempre **eamos** para o engenho” “nos **divertiamos** muito, **tomavamos** banho de rio, **brincavamos** muito”).

No que diz respeito aos marcadores temporais, que também marcam a temporalidade no texto, foi verificado 10 marcadores (“Nasci **no dia 04/01/1989**”, “**Sempre** morei aqui”, “**quando** eu tinha”, “Comecei a Estudar **com 7 anos**”, “**Nas minhas férias**”, “**no meio do ano** eu desisti”, “**no ano seguinte** refiz”, “**passaram-se 2 anos** perdidos”, “e **passei 8 anos** afastada” e “mais **neste ano de 2018** resolvi”), sem impropriedades em sua escrita.

Quanto aos marcadores espaciais, Line fez uso em 12 situações (“**centro de Saúde vereador Euclides da Cruz em camela**”, “morei **aqui em camela**”, “de lá fui”, “**Do Agro** fui”, “**Lá nós**”, “anos no **Educadario boa Esperança**”, “para a **Escola Agro Urbana**”, “para o **colégio Estadual Albertina da Costa Soares**”, “para o **engenho monte de Ouro**”, “para a **casa de nossos avós**”, “sai do **Estado**” e “fui para a **escola Jarbas passarinho**”), e ocorreram 9 impropriedades (“**centro de Saúde vereador** Euclides da Cruz em **camela**”, “morei aqui em **camela**”, “anos no **Educadario boa** Esperança”, “para o engenho **monte** de Ouro”, e “fui para a **escola Jarbas passarinho**”),

Foi verificada a presença de discurso direto apenas na primeira linha do texto (Quem sou eu?). Foram expostos 8 fatos na autobiografia, são eles: nome, local e data nascimento, nome dos pais, local onde mora com a mãe e os irmãos, início da vida escola, férias com a irmã, desistências da escola, retorno à escola e hoje mora com a mãe.

6.4.3 Autobiografia reescrita de Line

Quem sou eu?

Eu sou Line XXX YYY, nasci no dia 04 de janeiro de 1989, no Centro de Saúde vereador Euclides da Cruz em Camela.

Sou filha de Maria XXX YYY e Jailson XXX YYY.

Sou a mais nova de 4 irmãos.

Sempre morei aqui em Camela com minha mãe e meus irmãos.

Meus pais separaram-se quando eu tinha 2 anos e 7 meses.

Comecei a estudar com 7 anos no Educandário Boa Esperança onde fiz a alfabetização de lá fui para a Escola Agro Urbana, onde fiz da 1ª a 4ª série. Do Agro fui para o colégio Estadual Albertina da Costa Soares, onde fiz 5ª e 6ª série.

Nas minhas férias, minha irmã e eu sempre iam para o engenho monte de Ouro, para a casa de nossos avós paternos.

Lá nós nos divertíamos muito, tomávamos banho de rio, brincávamos muito.

Sai do Estado e fui para a escola Jarbas passarinho, onde fui fazer a 7ª e 8ª série do ensino fundamental, só que no meio do ano eu desisti de estudar.

No ano seguinte, refiz minha matrícula, mas eu simplesmente desisti de novo.

Nisso passaram-se 2 anos perdidos de matrículas e desistências.

Vi que não queria estudar e passei 8 anos afastada da escola.

Mas neste ano de 2018 resolvi terminar os estudos.

Durante minha adolescência fiz alguns amigos, que tenho contato até hoje.

Na minha adolescência tive duas grandes perdas que foi o falecimento do meu pai e no ano seguinte minha avó materna também faleceu.

Estou com 29 anos, gosto de ler, não estou trabalhando no momento, não tenho filho, estou solteira e permaneço morando com minha mãe.

6.4.4 Análise da autobiografia reescrita de Line

A autobiografia reescrita de Line continha 277 palavras, escritas em 17 parágrafos, todos demarcados com o ponto final.

Semelhando à primeira produção, a autora iniciou seu texto com uma pergunta (Quem sou eu?), evidenciando a compreensão sobre o tipo de relato (autorreferente).

Utilizou-se apenas de um parágrafo para identificar-se com o seu nome completo, data e local de nascimento.

Após esse parágrafo, seu plano de texto permaneceu o mesmo, em que apresentou o nome dos pais e sua composição familiar. Ainda, de forma sutil, revelou que sempre morou em Camela apenas com sua mãe e irmãos, para, logo após, relatou a separação dos pais, quando ainda era criança.

Continuou o relato com o seu percurso educacional no ensino fundamental e novamente descreveu suas férias com sua irmã.

No parágrafo seguinte, retomou sua trajetória escolar, descrevendo de forma mais detalhada e, novamente, após 8 anos afastada da vida escolar, retornou este ano, a fim de concluir o ensino fundamental.

A autora utilizou dois parágrafos para relatar momentos de sua juventude. Falou dos amigos e de uma grande perda, a morte do pai, não revelada na produção anterior.

Finalizou, informando sua idade, seu gosto pela leitura e que continua morando com sua mãe.

Line utilizou pronomes de 1ª pessoa em 43 ocorrências, sem discrepâncias. Usa de verbos do pretérito perfeito e imperfeito em 34 situações com 4 inconsistências (“sempre **íamos** para o engenho”, “nos **divertíamos** muito, **tomávamos** banho de rio, **brincávamos** muito”). Contudo, corrigiu a grafia do verbo “íamos”, mas, assim como os demais, esqueceu de acentuá-lo.

Quanto aos marcadores temporais verificamos 14 marcadores (“Nasci **no dia 04/01/1989**”, “**Sempre** morei aqui”, “**quando** eu tinha”, “Comecei a Estudar **com 7 anos**”, “**Nas minhas férias**”, “**no meio do ano** eu desisti”, “**no ano seguinte** refiz”, “**passaram-se 2 anos** perdidos”, “e **passei 8 anos** afastada”, “**mais neste ano de 2018** resolvi”, “**Durante minha adolescência** fiz”, “contato **até hoje**”, “**Na minha adolescência** tive” e “e **no ano seguinte** minha avó”), sem impropriedades em sua escrita.

Com relação aos marcadores espaciais, a autora fez uso em 12 situações (“**Centro de Saúde vereador Euclides da Cruz em Camela**”, “morei **aqui em Camela**”, “de lá fui”, “para a **Escola Agro Urbana**”, “no **Educadario boa Esperança**”, “Do **Agro**”, “para o **colégio Estadual Albertina da Costa Soares**”, “Lá nós”, “para o **engenho monte de Ouro**”, “para a **casa de nossos avós**”, “sai do **Estado**” e “fui para a **escola Jarbas passarinho**”), e ocorreram 6 impropriedades (“Centro de Saúde **vereador** Euclides da Cruz em Camela”, “no **Educadario boa Esperança**”, “para o engenho **monte** de Ouro”, e “fui para a **escola** Jarbas **passarinho**”),

Foi verificada a presença de discurso direto na primeira linha do texto (Quem sou eu?), mas que estabelece um diálogo com um outro, de forma interativa.

Foram expostos 9 fatos na autobiografia, são eles: o local de data nascimento, nome dos pais, local onde mora com a mãe e os irmãos, início da vida escolar, férias com a irmã, desistências da escola, retorno à escola, amigos da juventude, morte do pai e hoje mora com a mãe.

6.4.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Line

O uso da pontuação na produção final de Line mereceu destaque. Além do uso do ponto final ao término de todos os parágrafos, foi possível perceber uma evolução quanto ao uso da vírgula, permitindo uma leitura mais fluida do texto.

Além disso, a autora fez uso de letras maiúsculas no início de todos os parágrafos, o que se diferencia da primeira produção em que iniciou 3 parágrafos com letra minúscula. Essa atitude revelou que o momento da reescrita propiciou uma autocorreção de aspectos que, embora não tenham sido assuntos trabalhados nas oficinas, fazem parte dos conteúdos ministrados no bimestre em que aconteceu o projeto.

Line construiu seu plano de texto, demarcando-o a partir do uso de parágrafos curtos, em que relata momentos distintos de sua vida.

Foram acrescentadas duas informações em relação ao relato anterior: os amigos da juventude e a morte do pai. Esses episódios, que envolviam sua juventude, não foram relatados na 1ª produção, provavelmente, porque envolviam a perda do pai, mas que em razão da reescrita, momento que implica rememoração, análises e decisões, a autora optou por incluir.

A autora utilizou pronomes de 1ª pessoa de forma predominante 43 vezes, sem impropriedades. São 10 acréscimos em relação a primeira produção, a qual se justifica pelo incremento das informações referentes à juventude.

Os verbos do pretérito perfeito e imperfeito também sofreram acréscimos. Verificamos 34 ocorrências, contra 27 da primeira produção. Embora as quantidades de impropriedades tenham permanecidas as mesmas, verificamos a correção de um dos verbos (eamos/íamos), mas que, assim como os demais, não foi acentuado.

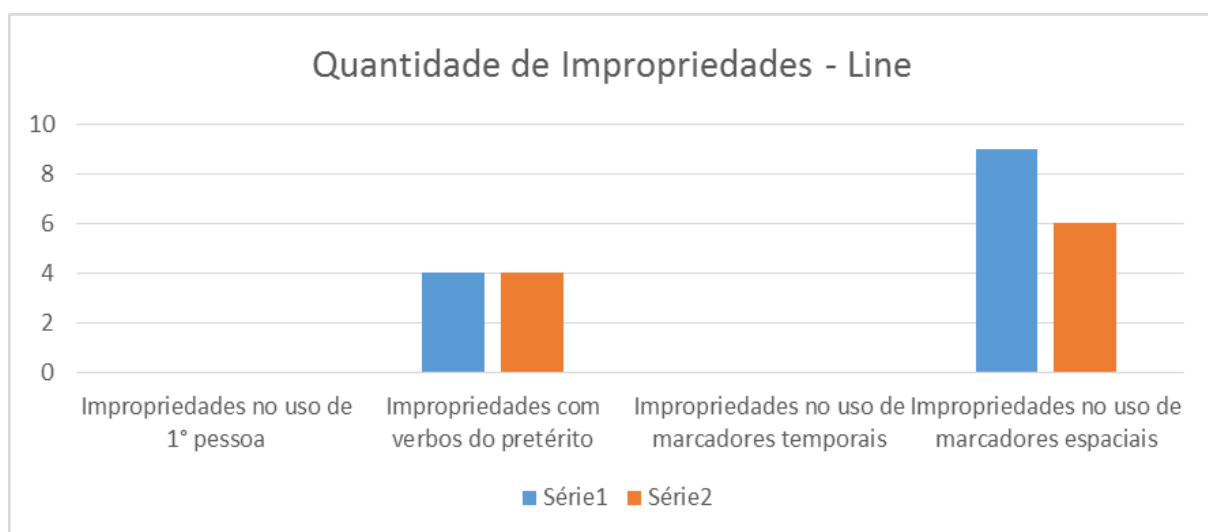
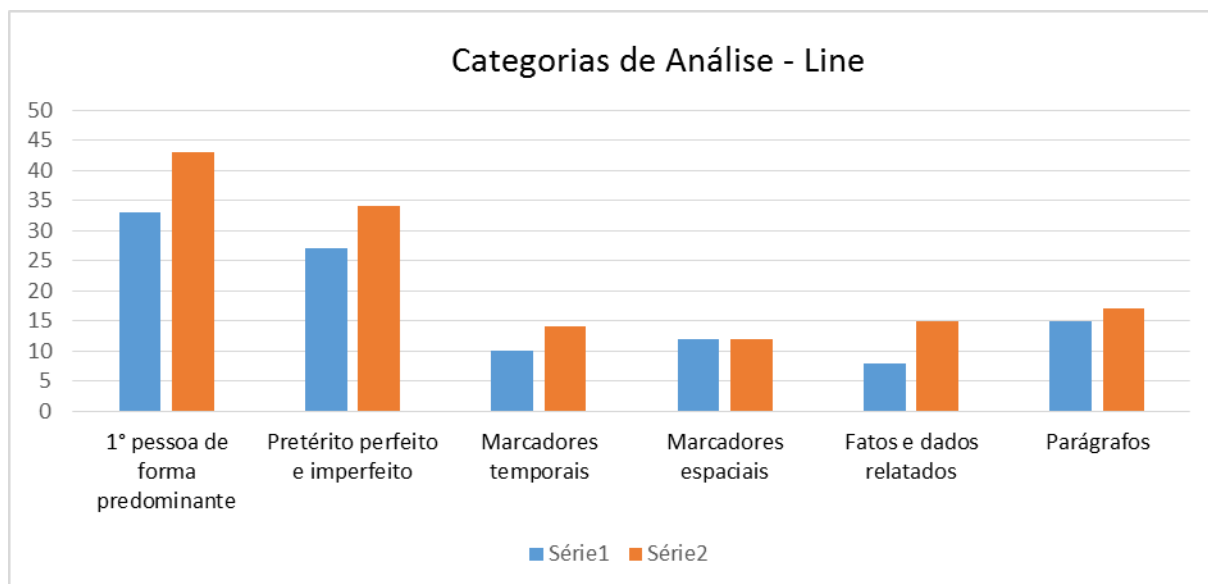
Nos marcadores temporais observamos um acréscimo de 4 inserções, todas encontradas nos relatos da juventude. Não houve impropriedades na utilização deste recurso, tanto na produção inicial quanto na final.

A autora utilizou esse recurso no início de parágrafos em 8 situações, denotando sua preocupação em interagir temporalmente os fatos com o interlocutor.

Não houve acréscimos na utilização de marcadores espaciais, contudo, foi preciso destacar a diminuição das impropriedades referentes a esse item. Na produção inicial tivemos a ocorrência de 10 impropriedades e na produção final apenas 7. Demonstrando a importância do momento da reescrita como um processo

na produção textual. Havendo inconsistências, haverá reescrita, até que haja correspondência entre o que o autor escreveu e o que quis dizer.

Gráfico 4 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropropriedades da aluna Line



Fonte: Produções autobiográficas de Line

6.5.1 Autobiografia de Narcy

Ola meu nome é Narcy XXX YYY, tenho 28 anos, sou filha unica. Quando eu era pequena minha mãe me deixou morando com minha avó não era facil uma criança crescer sem a companhia da mãe e do pai. minha Vida mudou

quando eu comecei a estudar porque conheci uma menina O nome dela também e Narcy ela se tornou minha irmã e amiga. Certo dia teve que parar de estudar porque fiquei grávida não dava para estudar com uma criança pequena passei 2 anos em nossa Senhora dó ó quando voltei pouco tempo minha avó faleceu, teve que aprender a superar a saudade que era grande. Ela sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Hoje sou casada novamente meu filho já está com 11 anos, voltei a estudar, estou feliz com tudo o que conquistei

Camela 06 de junho de 2018

6.5.2 Análise da autobiografia de Narcy

A autobiografia inicial de Narcy foi escrita com 146 palavras em bloco único (monobloco), sem a utilização de parágrafos.

Ela identificou-se com o seu nome completo e idade, e iniciou seu plano de texto, de forma cronológica, a partir de fatos da infância, época em que foi deixada para morar com a sua avó e, portanto, cresceu sem a companhia dos pais.

Em seguida relatou que sua vida mudou ao começar a estudar, pois, na escola, conheceu sua melhor amiga.

Sem precisar quando, abandonou os estudos em virtude de uma gravidez e mudou-se para Nossa Senhora do Ó. Relata que pouco tempo após retornar, sua avó faleceu e finaliza relatando que está casada com o filho e estudando.

Na utilização de pronomes de 1ª pessoa, constatamos 23 ocorrências, sem discrepâncias. A autora usou verbos do pretérito perfeito e imperfeito em 16 situações com 4 inconsistências (“**teve** que parar de estudar”, “**fique** grávida”, “**teve** que aprender” e “o que **conquistei**”)

No que se refere aos marcadores temporais, foram verificadas 7 ocorrências (“**Quando** eu era”, “**quando** eu comecei”, “**Certo dia** teve”, “**passei 2 anos** em nossa

Senhora do o”, “**pouco tempo** minha avó faleceu”, “Ela **sempre** esteve ão meu lado” e “**Hoje** sou casada”), sem impropriedades.

Quanto aos marcadores espaciais, Narcy fez uso em apenas 1 situação (“em **nossa Senhora dó ó**”), em que se observa uma impropriedade no uso de letra inicial minúscula para indicar nomes próprios.

Não foi verificada a presença de outros discursos e foram expostos 7 fatos na autobiografia, são eles: nome e idade, foi deixada para morar com a avó, na escola conhece sua melhor amiga, fica grávida, muda de distrito, falecimento da avó e hoje está casada, com filhos e estudando.

6.5.3 Texto reescrito de Narcy

MEU NOME É NARCY XXX YYY NASCI FAZ MUITO TEMPO, NO DIA 05 de MAIO DE 1989, NA CIDADE DO CABO de SANTO AGOSTINHO. QUANDO EU TINHA 5 ANOS MINHA MÃE ME DEIXOU MORANDO COM A MINHA AVO. MINHA INFÂNCIA NÃO FOI MUITO FACIL SEMPRE TIVE MUITAS DEFICULDADE. MINHA MÃE TEVE QUE TRABALHAR E NUNCA TINHA TEMPO PARA BRINCAR ou FICAR COMIGO, POIS AQUELE TEMPO ELA ERA MUITO NOVA E TINHASE SEPARADO DO MEU PAI. MESMO SABENDO QUE ERA PARA O MEU PROPRIO BEM, ELA PRECISAVA IR EU NÃO QUERIA ENTENDER POIS EU ERA MUITO PEQUENA, NÃO ERA FACIL UMA CRIANÇA CRENCER SEM A COMPANHIA DA MÃE EDO PAI. QUANDO COMPLETEI 14 ANOS, COMECEI A ESTUDAR E LÁ NA ESCOLA CONHECI UMA MENINA, O NOME DELA TAMBEM ERA NARCY. ELA SE TORNOU MINHA IRMÃ. ELA TEM 5 IRMA QUE SE CHAMA ELIANE, SELMA, SOLENE, NEIDE E A MÃE DELA DONA ALAIDE NÃO FAZIA DIFERENÇA ENTRE EU E AS FILHAS ELA SEMPRE ME TRATAVA IGUAL QUANDO ATE HOJE ELA ME CHAMA DE MINHA FILHA DE CRIAÇÃO E EU A CHAMO DE MÃE VIDA. EU ERA UM MENINA MUITO SO E GANHEI 6 IRMAS E TODAS ELAS TEM 2 FILHOS E ELE ME CHAMA DE TIA NARCISA.

HOJE SOU CASADA A 8 ANOS COM FABIANO DA SILVA, TENHO 1 FILHO DO MEU PREMEIRO CASAMENTO, ELE TEM 11 ANOS.

EU E MEU MARIDO TRABALHAMOS NO ENOTEL, PORTO DE GALINHAS.

SOU CAMAREIRA A 3 ANOS NO HOTEL, NÃO ERA BEM O MEU SONHO ESSA PROCISÃO MAS EU NÃO TIVE MUITA OPISÃO PORQUE EU NÃO TERMINEI MEU

ESTUDO TIVE QUE PARAR MAS AGORA TENHO QUE TERMINAR PARA TER UM EMPREGO MELHOR.

HOJE SEI COMO É IMPORTANTE TER ESTUDO MESMO MUITO CANSADA DO TRABALHO E MUITAS DAS VEZES COM MUITA DOR QUERO ME DEDICAR AS ESTUDO PORQUE É MUITO RUIM NÃO SABER. EU TENHO O MAIS IMPORTANTE É MEU ESPÍRITO JOVEM, MINHA CORAGEM DE TERMINAR.

COISAS QUE ME DÃO ALEGRIA É OUVIR MÚSICA, LER, CONVERSAR COM AMIGOS, ANDAR DE MOTO E OLHAR A NATUREZA, BRINCAR COM MEU FILHO, IR À IGREJA, FICAR COM MINHA FAMÍLIA.

EMFIM ESSA É UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA.

6.5.4 Análise da autobiografia reescrita de Narcy

A autobiografia reescrita de Narcy possui 359 palavras, escritas em 7 parágrafos. Ela identificou-se com o seu nome completo, data e local de nascimento, informações características desse gênero, mas que também demonstram a compreensão do contexto de produção, pois só identificando-se pela aposição do nome completo, local e data de nascimento é que os interlocutores poderão inferir informações preliminares sobre o autor.

O seu plano de texto transcorreu a partir da infância, fase em que sua mãe a deixa com sua avó, devido a separação com o marido e, por esse motivo, ter que trabalhar para sustentá-la. Fato não mencionado na produção anterior e que justifica tal atitude (de abandono).

Como na versão inicial, relatou que sua vida mudou ao começar a estudar, pois, na escola, conheceu sua melhor amiga. Contudo, acrescenta na reescrita detalhes dessa amizade que proporcionou conhecer não só as irmãs dessa amiga, como sua mãe, a quem chama de “mãe de criação”.

Em seguida relatou que está casada há 8 anos e com um filho. Acrescentou que trabalha junto com seu marido em um hotel em que é camareira, profissão que pretende “melhorar” com os estudos.

Reconheceu a importância dos estudos no parágrafo seguinte e conclui nos informando quais são as coisas que gosta de fazer.

Observamos a utilização de pronomes de 1º pessoa 45 vezes, sem impropriedades, e verbos do pretérito perfeito e imperfeito em 26 situações com apenas uma inconsistência (“**TINHASE** SEPARADO DO MEU PAI”)

No que se refere aos marcadores temporais, foram verificadas 14 ocorrências (“NASCI FAZ **MUITO TEMPO**”, “**NO DIA 05 DE MAIO DE 1989**”, “**QUANDO EU TINHA 5 ANOS**”, “**SEMPRE TIVE MUITAS**”, “**NUNCA TINHA TEMPO PARA BRINCAR**”, “**POIS AQUELE TEMPO ELA**”, “**QUANDO COMPLETEI 14 ANOS**”, “**ELA SEMPRE ME TRATAVA IGUAL**”, “**QUANDO ATÉ HOJE**”, “**HOJE SOU CASADA**”, “**A 8 ANOS**”, “**SOU CAMAREIRA A 3 ANOS**”, “**MAS AGORA TENHO QUE**” e “**HOJE SEI COMO**”), com 3 impropriedades (“**POIS AQUELE TEMPO ELA**”, “**A 8 ANOS**” e “**SOU CAMAREIRA A 3 ANOS**”

Quanto aos marcadores espaciais, Narcy fez uso em 5 ocasiões (“**NA CIDADE DO CABO de SANTO AGOSTINHO**”, “**E LÁ NA ESCOLA**”, “**TRABALHAMOS NO ENOTEL**”, “**PORTO DE GALINHAS**” e “**A 3 ANOS NO HOTEL**”, com uma impropriedade (“**NA CIDADE DO CABO de SANTO AGOSTINHO**”), no que se refere a preposição “de” escrita em letra minúscula.

Verificamos o predomínio do discurso autonarrativo e foram expostos 12 fatos na autobiografia de Narcy, são eles: nome, data e local de nascimento, aos 5 anos deixada para morar com a avó, infância difícil, o trabalho da mãe, a separação da mãe, na escola conhece sua melhor amiga, amizade com a família da amiga, casada e com filho, ela e o marido trabalham em um hotel, está como camareira mas pretende melhorar, reconhece a importância do estudo e coisas que gosta de fazer.

6.5.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de Narcy

A produção final de Narcy foi escrita em caixa alta, embora observamos o uso de letras cursivas em algumas pequenas ocorrências. A paragrafação foi utilizada, principalmente na parte final do texto que permitiu a inclusão de marcadores temporais, estabelecendo uma ordem cronológica dos fatos e possibilitando maior fluidez na leitura do texto

Pudemos destacar, também, o aumento na produção textual em que houve um acréscimo de 213 palavras em relação a produção inicial.

Esse acréscimo foi justificado pelo aumento na utilização de todas as categorias de análise, das quais apenas nos marcadores espaciais tivemos uma elevação das impropriedades.

Essa ampliação do relato se deu pela inserção da data e local de nascimento e de fatos mais detalhados da infância, dos quais destacamos o episódio em que nos descreveu o motivo de sua mãe tê-la deixado com a avó ainda pequena.

Além do esforço que tem que fazer todos os dias para ir à escola, após o trabalho como camareira em um hotel (“MESMO MUITO CANSADA DO TRABALHO E MUITAS DAS VEZES COM MUITA DOR QUERO ME DEDICAR AS ESTUDO”). Só agora percebemos porque a aluna queixava-se de fortes dores nas costas, quase que diariamente, em sala de aula.

Seu plano de texto, a partir do uso de marcadores temporais no início de 3 parágrafos, estabeleceu uma cronologia temporal bem definida.

Várias informações foram acrescentadas à produção final, entre as quais destacamos aquela em que a autora ressaltou a forma como foi tratada pela mãe de sua melhor amiga, a qual chegava a chamar de “mãe vida”. O caráter emocional atribuído a esse episódio nos remeteu ao fato de sua mãe biológica tê-la deixado, ainda pequena, com sua avó e, dessa maneira, Narcy, ter projetado na mãe de sua amiga a mãe que gostaria de ter.

Constatações como essa atribuem à autobiografia um caráter íntimo e pessoal, e estabelece vínculos entre o autor e o interlocutor, características observadas em quase todos os gêneros autorreferentes.

Quanto a utilização de pronomes de 1º pessoa constatamos um acréscimo de 22 ocorrências entre a produção inicial e a final, aumento também evidenciado no uso de verbos do pretérito perfeito e imperfeito em que verificamos o incremento de 10 verbos, com apenas uma inconsistência (“**TINHASE** SEPARADO DO MEU PAI”) na produção final.

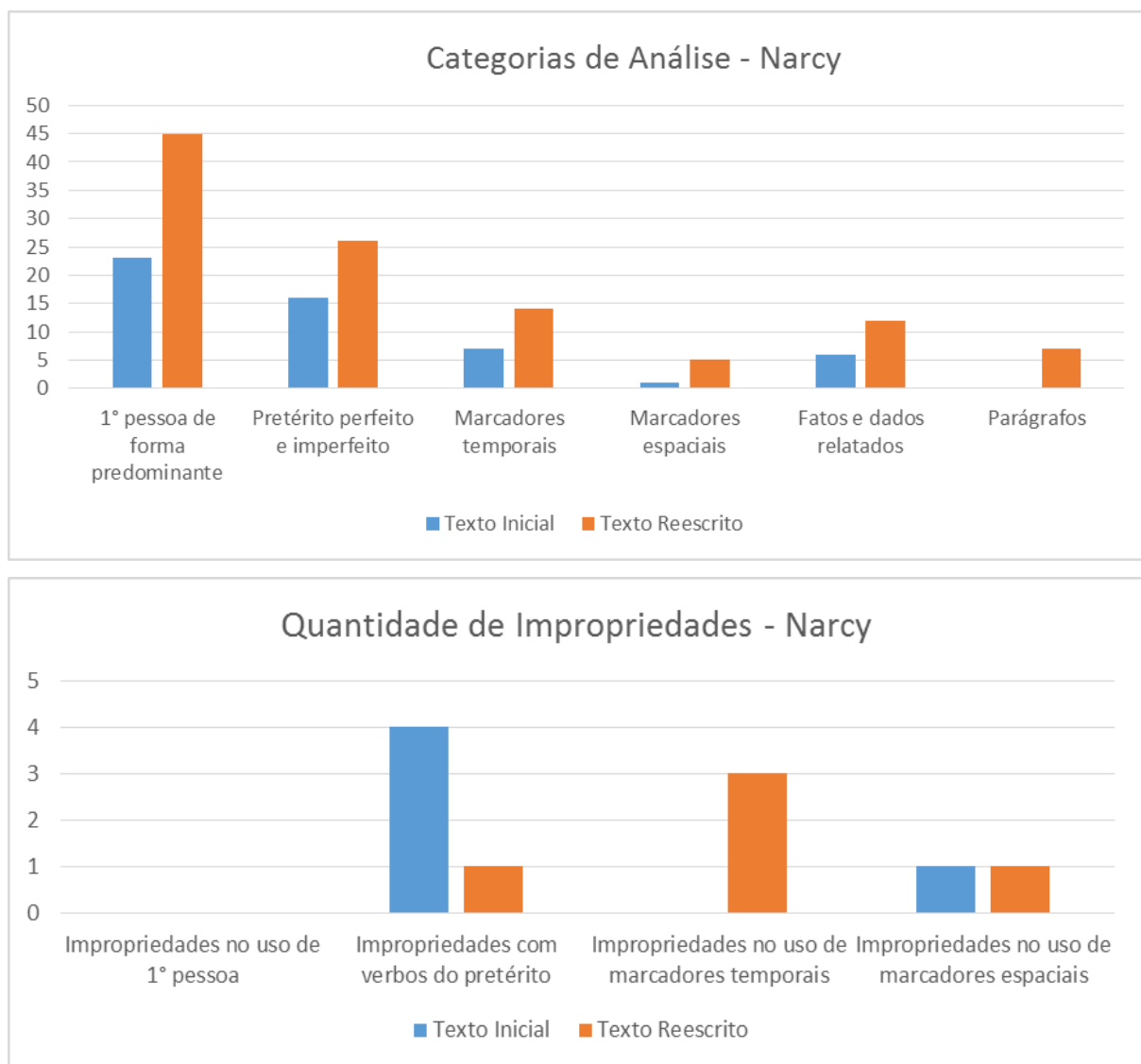
No que se refere aos marcadores temporais, foram verificadas 3 discrepâncias na produção final, contra nenhuma na produção inicial. Contudo, essa constatação não revela um regresso, visto que o uso desse marcador dobrou na produção final e suas inconsistências referem-se à imprecisão vocabular e não à grafia (“**POIS AQUELE TEMPO ELA**”, “**A 8 ANOS**” e “**SOU CAMAREIRA A 3 ANOS**”)

Os marcadores espaciais foram utilizados em 5 ocasiões na produção final de Narcy, contra apenas uma da produção inicial, e a única impropriedade verificada

refere-se à preposição “de” escrita em letra minúscula, quando o texto foi totalmente escrito em caixa alta. (“NA CIDADE DO CABO **de** SANTO AGOSTINHO”).

Não foi verificada a presença de outros discursos e foram expostos 5 fatos a mais na autobiografia final, mas nem todos os fatos expostos na produção inicial permaneceram na final. É o caso do abandono escolar, em razão da gravidez de Narcy. Episódio que a autora optou por não incluir na produção final.

Gráfico 5 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropriedades da aluna Narcy



Fonte: Produções autobiográficas de Narcy

6.6.1 Autobiografia de San

eu nasci no dia 1 de janeiro de 1972 nasce no municipio de Ipojuca fui criada no engenho topera quando completei 1 ano de idade viajei para o sertão com meus pais para a cidade de João Alfredo Passei 8 anos morando lá depois voltei para Ipojuca com 10 anos de idade comecei a trabalhar ajudando minha mãe a cortar cana quando podia ir para a escola não pude continuar devido o trabalho que era muito difícil com 14 anos me casei tive 2 filhos aos 17 perdi meu esposo. passou 4 anos casei novamente tive mais 2 filhos voltei a escola passei algum tempo estudando tive que deixar a escola pois necessitava trabalhar novamente para poder criar meus 4 filhos passou um tempo meus filhos cresceram aí voltei a escola novamente com objetivo de terminar Hoje tenho uma profissão de cozinheira estou estudando para aprimorar meus conhecimentos.

6.6.2 Análise da autobiografia inicial de San

A autobiografia inicial de San foi escrita com 153 palavras em bloco único (monobloco), sem a utilização de parágrafos e sem delimitação da margem direita da folha. Havia inúmeros erros de grafia e não foi observada qualquer pontuação. Ela não se identificou pelo nome e inicia seu plano de texto, em ordem cronológica, com a data e local de nascimento.

Em seguida nos informou que com um ano de idade viajou com seus pais para o sertão, especificando a cidade e o tempo que passou naquele local.

Aos dez anos, San retornou a Ipojuca e passou a ajudar a mãe no corte de cana. Nesse período, quando podia, ia a escola, mas teve que abandonar devido o trabalho “muito difícil”.

Aos 14 anos, ela casou-se e tem dois filhos, mas aos 17, seu marido falece e, após 4 anos, casa-se novamente e tem mais dois filhos.

Nesse período, San tenta voltar aos estudos, mas devido a necessidade de sobrevivência, deixa a escola para trabalhar.

Finalizou, informando que com os filhos crescidos retornou à escola, que hoje tem uma profissão e quer aprimorar seus conhecimentos

Na utilização de pronomes de 1º pessoa, constatamos 27 ocorrências, com 2 discrepâncias. (“primorar **mus** conhecimento” e “com 14 anos **ne** casei”)

No uso de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, constatamos 24 ocorrências, com 5 discrepâncias (“**nasce** no município”, “quando **compretei**”, “**viagei** para”, “meus filhos **creceram**” e “**voutei** a escola”)

Quanto a utilização de marcadores temporais, verificamos 13 ocorrências (“dia **1 de janeiro de 1972**”, “**quando** compretei **1 ano**”, “Passei **s anos**”, “**depois** voltei”, “com **10 anos de idade**”, “com **14 anos** ne casei”, “**os 17** perdi meu”, “passou **4 onas** casei novamente”, “passei **algus tempo**”, “trabalhar **novamente**”, “**passou um tempo**”, “a escola **novamente**” e “**Hoje** tenho”), com 4 inconsistências (“Passei **s anos**”, “**os 17** perdi meu”, “passou **4 onas** casei novamente” e “passei **algus tempo**”).

No que diz respeito aos marcadores espaciais, pudemos constatar a ocorrência de 7 marcadores (“no **engenho topera**”, “para o **sertão**”, “cidade de **João alfredo**”, “nora-ndo **la**”, “voltei para **Ipojuca**”, “ia para a **escola**”, “voltei a **escola**”, “deixar a **escola**” e “voutei a **escola**”) com 3 impropriedades (“no engenho **topera**”, “cidade de João **alfredo**”, “nora-ndo **la**”). Vale salientar que dos 9 marcadores espaciais utilizados por San, 4 deles referem-se ao mesmo local (escola).

Não foi observada a presença de outros tipos de discursos, além do autorreferente, e foram expostos 10 fatos em sua autobiografia, são eles: data e local de nascimento, local onde foi criada, mudança para o sertão, volta à Ipojuca, casamento aos 14 anos em que tem 2 filhos, perda do marido aos 17 anos, novo casamento e mais dois filhos, deixa a escola por necessidade do trabalho, volta a escola e tem uma profissão e que quer aprimorar-se.

6.6.3 Autobiografia reescrita de San

Olá meu nome é San XX YY.

Nasci 01-01-1972. Eu nasci em Ipojuca no engenho Tapera, comecei a estudar com 7 anos no engenho Tapera.

Minha família era muito umilde. Minha mãe teve 2 filhos não tive amigos, meus amigos era meus irmão.

Porque morávamos no Sitio, meus pais se separaram e teve que nos dá Aos nosso familiares pois eles não tião condição para nos criar mais depois eles voltaram e pegaram agente denovo.

Eu parei de estudar com 10 porque precisei trabalhar. Mim casei com 14 anos tive 2 filhos com 5 ano. Aos 17 anos perdi meu esposo com três anos de casada ai tive que para os meus estudo pra trabalhar para sustentar os meus dois filhos pequenos. meu primeiro emprego foi no restaurante no cabo de Santo agostinho passei 3 anos lá.

Depois fui trabalhar em Suape Passei 3 anos lá também. eu tinha um sonho eu queria Ser policial.

Mas infelizmente não deu minhas situações não permitia, então Só agora que eu estou tentando terminar os meus estudo em nome de Jesus.

Hoje tenho minha família. Sou casada e tenho 4 filhos, 2 meninos e 2 meninas, no momento estou desempregada mais sou feliz.

6.6.4 Análise da autobiografia reescrita de San

A autobiografia reescrita de San foi composta por 201 palavras escritas em 8 parágrafos e respeitando as margens da folha. Erros de grafia ainda são observados, mas em menor incidência.

A autora passou a utilizar sinais de pontuação (vírgula e ponto), nem sempre de forma adequada, contudo, evidenciamos, em alguns momentos no texto, uma melhor progressão textual.

Ela passou a identificar-se com seu nome completo o que demonstrou a compreensão sobre o contexto de produção, pois só identificando-se pela aposição do nome completo, local e data de nascimento é que os interlocutores poderão inferir informações sobre o autor.

San iniciou seu plano de texto a partir da data e local de nascimento e nos informou que aos 7 anos dá início a vida escolar, fato não mencionado na escrita inicial.

Em seguida, nos relatou que sua família é de origem humilde e que seus amigos eram seus irmãos. Nos contou que após a separação dos pais ela e seus irmãos foram “dados” a familiares, pois sua mãe não tinha condições de criá-los, mas, logo após, os “pegaram de volta”. Fatos também não relatados na escrita inicial.

Mais uma vez, nos contou que parou de estudar aos 10 anos para ajudar sua mãe, aos 14 anos casou-se e aos 17 perde seu marido. Momento em que para novamente os estudos para trabalhar em um restaurante.

Logo depois passa a trabalhar em Suape onde trabalha por 3 anos. Revela-nos o sonho de ser policial e que agora pretende “terminar os estudos”.

Finalizou, informando que está casada, desempregada, mas feliz.

A autora utilizou pronomes de 1º pessoa em 30 situações, com 1 discrepância. (“**Mim** casei com 14 anos”)

No que se refere à utilização de verbos do pretérito perfeito e imperfeito, observamos 25 ocorrências com 2 discrepâncias (“**era** meus irmão” e “**tião** condição”).

Os marcadores temporais foram utilizados 14 vezes, sem impropriedades.

Já os marcadores espaciais foram utilizados 7 vezes (“em **Ipojuca no engenho Tapera**” “anos no **engenho Tapera**”, “no **Sítio**”, “no **restaurante no cabo**

de Santo agostinho”, “3 anos lá”, “em Suape” e “3 anos lá também”) com 2 impropriedades (“no Sitio”, “no restaurante no **cabo de Santo agostinho**”).

Não foi observada a presença de outros tipos de discursos e foram expostos 15 fatos em sua autobiografia, são eles: nome completo, data e local de nascimento, início na vida escolar, situação e composição familiar, separação e abandono dos pais pela necessidade, retorno dos pais, abandono da escola para ajudar a mãe, casamento aos 14 anos em que tem 2 filhos, perda do marido aos 17 anos, novo abandono escolar pelo trabalho, primeiro emprego, trabalho em Suape, sonho de ser policial, volta a escola e hoje casada desempregada, mas feliz.

6.6.5 Comparação entre a autobiografia inicial e a reescrita de San

A autobiografia final de San foi escrita com 48 palavras a mais que a produção inicial, o que demonstrou um avanço significativo. A utilização de 8 parágrafos, sendo 3 deles iniciados por marcadores temporais, evidenciaram a compreensão sobre a importância no uso desses recursos que possibilitam ao interlocutor localizar-se temporalmente no texto. Além disso, outros avanços foram observados no texto, que não diziam respeito às categorias de análise, mas às atividades desenvolvidas em sala de aula regularmente. Foi o caso da pontuação (vírgula e ponto final), que na produção final foi utilizada, enquanto que na escrita inicial, ela mal fez uso do ponto final.

Observamos, por meio de um pequeno sombreamento no texto, que a autora utilizou lápis grafite, inicialmente, para só depois fazer uso da caneta esferográfica, o que certamente, associada à atividade de reescrita, a fez perceber e corrigir alguns erros gráficos. Vale salientar que esse procedimento fez parte do comando dado na oficina de proposição (reescrita).

Ao seu plano de texto final foram acrescentados 5 fatos, entre eles destacamos o abandono dos pais, após separação, e o sonho de ser policial. Fatos que desvelam sentimentos contidos na primeira produção, mas que, após a execução das oficinas, em que foi experimentado o compartilhamento histórias e experiências de outros alunos, a autora decidiu registrar.

Houve também um acréscimo na utilização de pronomes de 1ª pessoa. Na primeira produção foram constatadas 27 ocorrências, contra 30 na produção final,

além do fato dos erros terem diminuído. Na primeira versão verificamos duas impropriedades enquanto que na final observamos apenas 1.

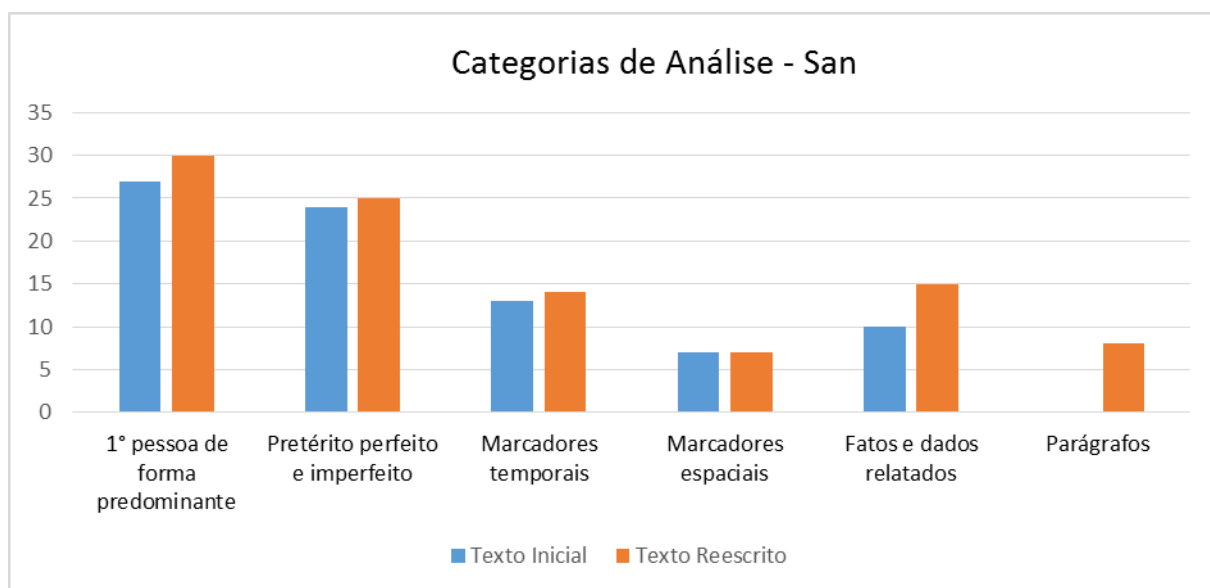
Embora não tenha havido um acréscimo significativo no uso dos verbos do pretérito, visto que foi observado um aumento de apenas 1 verbo em relação a versão inicial, evidenciamos a diminuição das impropriedades. Na produção inicial constatamos 5, enquanto que na autobiografia final foram encontradas apenas 2.

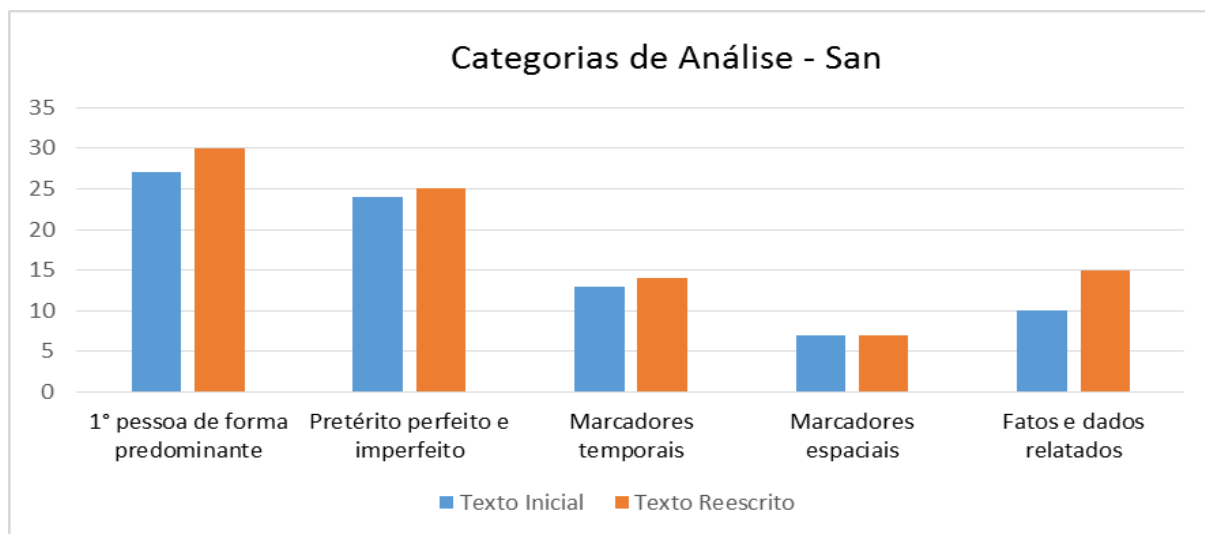
Da mesma forma, não constatamos acréscimos significativos no uso dos marcadores temporais. Na produção inicial, verificamos 13 ocorrências, enquanto que na produção final observamos 14. No entanto, no que se refere as impropriedades deste item, destacamos uma considerável diminuição, visto que na primeira versão constatamos 4 inconsistências e na escrita final não foram observadas impropriedades.

Seguindo essa mesma analogia, no uso dos marcadores espaciais, pudemos constatar a ocorrência de 7 marcadores tanto na produção inicial, quanto na final. Todavia, houve uma diminuição quanto ao número de impropriedades na versão final, em que foi constatada apenas 2, contra 3 da versão inicial.

Não foi verificada a presença de outros discursos. Foram expostos 5 fatos a mais na autobiografia final, e alguns os fatos expostos na produção inicial foram subtraídos da escrita final.

Gráfico 6 - Categorias de Análise e Quantidade de Impropriedades da aluna San





Fonte: Produções autobiográficas de San

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

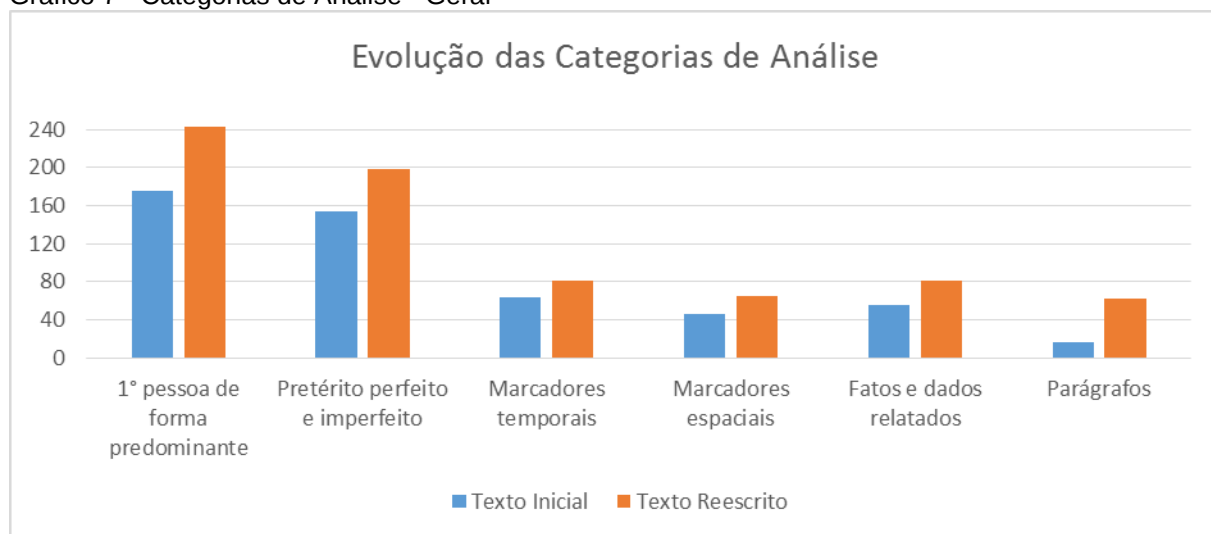
Este trabalho construiu-se em uma prática pedagógica com o gênero textual autobiografia que visou desenvolver uma metodologia de ensino que favorecesse o desenvolvimento da escrita, pois entendemos que esse gênero promove uma prática da escrita efetiva e proporciona condições para uma aprendizagem significativa, por meio da reflexão sobre a identidade do discente e sua história de vida, construída pelo eu.

Para alcançarmos esse objetivo, utilizamos as Oficinas como instrumento de ação pedagógica, pois nela a construção e a produção de conhecimentos teóricos e práticos acontecem de forma ativa e reflexiva.

Por fim, para alcançarmos todos os objetivos propostos neste trabalho, organizamos um livro que comportou as produções autobiográficas confeccionadas pelos alunos durante a execução das oficinas de escrita.

Os resultados obtidos, após as análises comparativas entre a produção inicial e a reescrita dessas produções, evidenciaram avanços em todas as categorias de análises elencadas, o que comprova que o ensino sistemático de um gênero, associado às práticas sociais de escrita de que os alunos fazem uso, em consonância com atividades baseadas em um modelo didático, e por meio de um instrumento de ação pedagógica adequado, proporcionam o desenvolvimento da escrita.

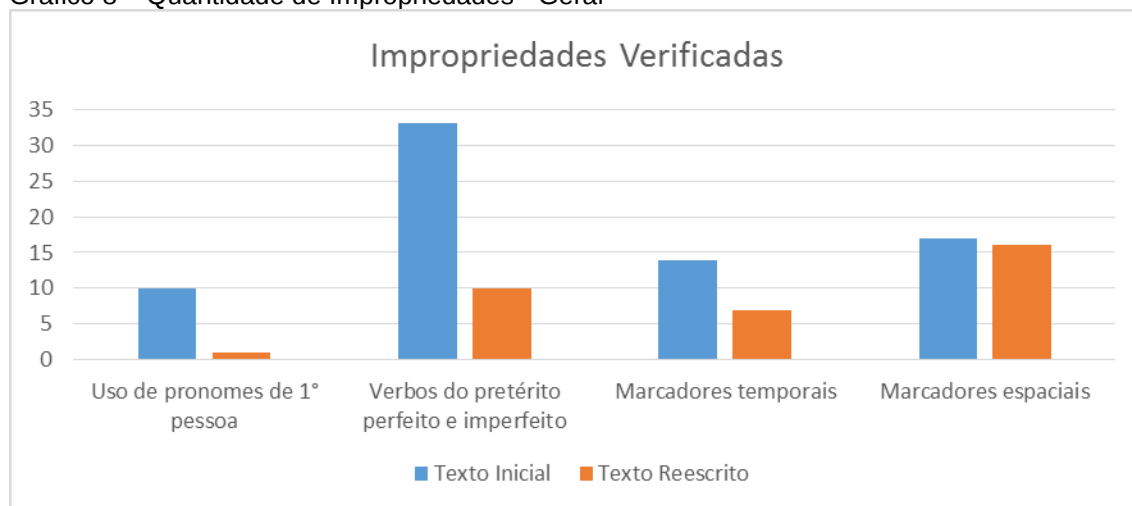
Gráfico 7 - Categorias de Análise - Geral



Fonte: Pesquisador

Esses avanços não foram percebidos apenas nos aumentos das produções e categorias de análise, mas, inclusive, no número de correções gráficas verificadas nessas categorias.

Gráfico 8 – Quantidade de Impropriedades - Geral



Fonte: Pesquisador

Além disso, pudemos perceber outros avanços observados durante a execução desse projeto, mas que não diziam respeito às categorias de análise elencadas.

- As autobiografias reescritas apresentaram maior fluidez textual caracterizadas, principalmente, pelo uso dos parágrafos, em grande parte iniciados por marcadores temporais, e pelo uso da pontuação, que, embora não tenha disso objeto de ensino nas oficinas, são assuntos abordados em sala de aula;
- Mesmo aqueles alunos que não participaram efetivamente das oficinas, ficaram empolgados com os resultados e a confecção do livro, externando o desejo de participação futura;
- Durante a atividade de reescrita, alunos que optaram por não participar das oficinas demonstraram efetivo interesse pela leitura das produções autobiográficas produzidas e, inclusive, sugerindo modificações e correções, o que nos permitiu inseri-los nas atividades; e
- Um outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que, após concluídas todas as etapas das oficinas, transcritas as produções finais, e apresentadas aos respectivos autores, os discentes identificaram em suas produções diversos erros, sobretudo de grafia, pelo fato de os textos estarem digitalizados.

Nos deparamos também com alguns percalços. Entre os quais, destacamos:

- A ausência de alunos durante a execução das oficinas, devido a compromissos familiares e de trabalho, o que minimizou participação efetiva nas atividades; e
- Alunos sem a devida apropriação da escrita alfabética.

Apesar dos percalços, esse trabalho possibilitou ampliar o nosso olhar acerca da prática docente, principalmente no que diz respeito à produção textual e o quão é necessário um planejamento sistematizado e respaldado por aportes teóricos.

Motivo pelo qual submetemos nosso trabalho à avaliação do Conselho de Ética da Universidade de Pernambuco que analisa pesquisas envolvendo seres humanos de forma que atendam aos fundamentos éticos e científicos pertinentes; nesse sentido, foi emitido o parecer de aprovação de nº. 2.881.190 (anexo M).

Entendemos que esta pesquisa não traz inovações quanto ao uso do instrumento (oficina), mas carrega consigo um planejamento com atividades voltadas especificamente para a EJA e que irão contribuir para busca de materiais/métodos específicos para essa modalidade.

Embora consideremos concluídos os objetivos propostos nessa pesquisa, entendemos que novos horizontes de busca podem ser realizados com base no tema aqui proposto.

8. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M, H, M, B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas**. In: A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 36. ed. – São Paulo: Saraiva, 1989.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Gramática contextualizada: limpando “o pó” das ideias simples** - 1ª ed.- São Paulo: Parábola editorial, 2014

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BRASIL. Lei nº 9394/96. LDB – **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. – Brasília, DF: MEC, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. – Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF: MEC, 2000.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental. Brasília, DF: SEF, 2002.

BRASIL. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2014-2024 e dá outras providências**. Brasília, DF: MEC, 2014.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa. Tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo, Loyola, 2000.

_____; STUBBS, Michel; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: Letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Orgs. DIONÍZIO, Angela Paiva; Trad. HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, Gênero e Interação Social**. Orgs. HOFFNAGEL, Judith Chambliss e DIONÍZIO, Angela Paiva. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Gêneros Textuais**. Charles Bazerman, Carolyn Miller; orgs. Angela Paiva Dionísio, Carolyn Miller, Charles Bazerman, Judith Hoffanagel; tradução Benedito Gomes Bezerra, Fabiele Stockmans De Nardi, Darío Gómez Sánchez, Maria Auxiliadora Bezerra, Joice Armani Galli. 1. ed. Recife: [s.n.], 2011.

BEATO-CANATO. **Possíveis contribuições de um trabalho com narrativas de vida para o desenvolvimento pessoal e profissional de alunos do ensino médio**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/8514/9886>>. Acesso em agosto de 2018.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no Contexto Brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. São Paulo, Parábola Editorial, 2017.

CARVALHO, Sibéria Regina. **A escrita autobiográfica: por uma didática do ensino-aprendizagem**. Curitiba, Appris, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo, Contexto, 1998.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”**. IN: LANDER, Edgardo. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Coleção SUR SUR, Clacso, Buenos Aires, Argentina: setembro de 2005.

Chevallard, Y. (1991). **La transposition didactique**. Grenoble: La Pensée Sauvage Editions.

COUTINHO, Ana Carolina Faria. **Escola da Vida: conhecimentos de adultos analfabetos sobre a escrita**. Tese (Mestrado em Educação), 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/52005710-Escola-da-vida-conhecimentos-de-adultos-analfabetos-sobre-a-escrita.html>>. Acesso em Maio de 2017.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Trad: Roxana Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Mercado das Letras. Campinas, 2004.

FAYOL, Michel. **Aquisição da escrita**. Trad: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna – aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GARCIA, Inez H. M. **Jovens e Adultos em Processo de Alfabetização: Voz e Vida, Revelações e Expectativas**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. Texto disponível em: <https://pt.scribd.com/document/60060136/monografia>. Acesso em junho de 2017.

GARBÚGGIO, Jefferson e PINTO, Aparecida Marcianinha. **O Programa Correção de Fluxo no Paraná: História e Resultados**, 2001. Texto disponível em: www.ppe.uem.br/dissertacoes/2006-Jefferson_Garbuggio.pdf. Acesso em junho de 2017.

GASPAR, Mônica. **Acompanhamento do memorial de formação: entre formar e formar-se**. Tese (Doutorado em Educação) – UFRN, Natal, 2014.

GONZÁLEZ MONTEAGUDO, José. **As hitorias de vida em educação: Entre formação, pesquisa e testemunho**. In. Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente. Elizeu Clementino de Souza (Org.). Salvador: EDUFBA, 2011, p. 59- 95.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 3.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem escrita e poder**. 5.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2009.

INEP. **Relatório do 1º ciclo de monitoramento das metas do PNE: biênio 2014-2016**. – Brasília, DF: Inep, 2016. <http://download.inep.gov.br/outras_acoes/estudos_pne/2016/relatorio_pne_2014_a_2016.pdf>. Acesso em 27 jul. 2017.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**, 2005. < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/2005.pdf>> Acesso em 27 jul. 2017

JACINTO, Josenei A. **Atividades de Revisão na Produção do Gênero Autobiografia: 2015**. Dissertação (PROFLETRAS) Universidade Estadual de Maringá. Texto disponível em: http://www.profletras.uem.br/dissertacoes/2015/Josenei_Aguinaldo_Jacinto.pdf. Acesso em Julho de 2018

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação, ano XXX, p. 413-438, 2007.

_____. **Experiência e vida e formação**. 2º Ed. revista e ampl. Natal, EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica Educação. Clássicos das Histórias de Vida)

KATO, Mary. A. **O Mundo da Escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de letras, 1995.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LEAL, Telma Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia e MORAES, Artur Gomes. (Org.) **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARCUSCHI, Beth. **Escrevendo na escola para a vida**. OLIVEIRA, de E.; ROJO, R. H. R. In: Coleção Explorando o ensino, v.19: Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. RJ: Lucena, 2002. Disponível em: <[https://pt.scribd.com/doc/61404180/Gêneros - textuais - definição -e-funcionalidade-Luiz-Antônio-Marcuschi](https://pt.scribd.com/doc/61404180/Gêneros-textuais-definição-e-funcionalidade-Luiz-Antônio-Marcuschi)>. Acesso em 20 jun. 2017.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. in: KARWOSKI, Acir. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2012.

MELLO, Suely Amaral. **O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). *Linguagens infantis: outras formas de leitura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MILLER, Carolyn. **Gêneros Textuais**. Carolyn Miller; Charles Bazerman, orgs. Angela Paiva Dionísio, Carolyn Miller, Charles Bazerman, Judith Hoffanagel; tradução Benedito Gomes Bezerra, Fabiele Stockmans De Nardi, Darío Gómez Sánchez, Maria Auxiliadora Bezerra, Joice Armani Galli. 1. ed. Recife: [s.n.], 2011.

MONTEIRO, A. (Org.). **Professores em formação: Novas práticas pedagógicas na EJA**. Fortaleza: Edições IPDH, 2013.

NOGUEIRA, Maraléia S.; DALVI, Maria Amélia; SILVA, Talita O. **A EJA e a alfabetização: uma visão sociolinguística**. Revista Saberes Letras: Linguística, língua, literatura. Faculdade Saberes. v.7, n.1. Vitória: Saberes Instituto de Ensino Ltda., 2009.

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para EJA do Estado de Pernambuco, 2012. Disponível em: < http://www.educacao.pe.gov.br/porta1/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_eja.pdf> Acessado em 20 set. 2017

PASSEGGI, M. **O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. Revista Investigación Cualitativa 2016.

Disponível em: <<http://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ricEducação>> Acessado em 29 set. 2017

PAVIANI, N. B. S.; FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência.** Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago, p. 77-88, 2009.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos e AGUIAR, Paula Alves de. **Práticas de letramento na educação de jovens e Adultos.** Fórum Linguístico, Florianópolis, v.6, n.2 (55-65), jul-dez, 2009.

PEREIRA, Luísa Álvares; BARBEIRO, Luís Filipe. **A revisão textual acompanhada como estratégia de ensino da produção escrita.** In: LUNA, Maria José de Matos; SPINILLO, Aline Galvão; RODRIGUES, Siani Gois (Eds.), Leitura e produção de texto. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 51-80

PERONI, V. M. V. **Parcerias entre prefeituras e esfera privada: estratégias privatizantes para a oferta da educação pública em São Paulo** In: ADRIÃO, T. (Org.); PERONI, V. (Org.). Público e privado: novos elementos para o debate. 1. ed. São Paulo: Xamã, 2008.

RIBEIRO, A. O. **Alfabetização e letramento: os impactos da prática docente no contexto das séries iniciais do ensino fundamental.** Salvador: UNEB, 2009.

RICHARDSON, R. J. (Org.). **Pesquisa-ação: princípios e métodos.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

RODRIGUES, L. A. R. **Pesquisa-ação em educação.** In: FALCÃO e SCHURSTER. **Educação Políticas e outras histórias.** Editora Edupe. Recife, 2016.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso.** São Paulo: Parábola, 2008. p. 73-108.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** Parábola Editorial. São Paulo, 2009.

SAEMI – **Revista Pedagógica – Escrita, Produção de Texto e Ditado – EJA I, II, III e IV:** CAEd, 2015. Disponível em:< http://www.saemi.caedufjf.net/wp-content/uploads/2016/07/IPOJUCA-SAEMI-2015-RP-ESC_PT-EJAI_II_III_IV - WEB.pdf > Acesso em agosto de 2017.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, E. C. **Memória, (auto) biografia e diversidade: questões de métodos e trabalho docente.** Salvador: EDUFBA, 2011.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____ **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade', outubro de 2003. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/document/101654340/Street-Traduzido>>. Acesso em maio de 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Apêndice A - Oficina Fomento

MUNICÍPIO DE IPOJUCA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESCOLA AGRO URBANA

Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA

1 *

FINALIDADE

Apresentar o projeto intitulado - Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA - que tem por objetivo elaborar uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, com ações pedagógicas alinhadas às práticas sociais dos alunos da EJA.

2 *

CRONOGRAMA

- 1 – Apresentação (2h/a);
- 2 – Oficina 1 (3h/a);
- 3 – Oficina 2 (3h/a);
- 4 – Oficina 3 (3h/a);
- 5 – Culminância.

3 *

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O TCLE é um documento que esclarece e protege o sujeito da pesquisa, assim como o pesquisador. Nele deve constar: qual é a pesquisa; por que será feita, quais os objetivos e como será desenvolvida (metodologia); se existem riscos ou desconfortos; quais são os benefícios esperados para o participante e a comunidade em geral, a possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa, entre outros.

4 *

Objetivos Específicos

- Elencar as principais características do gênero autobiografia são necessárias para a elaboração de um modelo didático;
- Propor uma metodologia de aprendizagem, por meio da elaboração de oficinas de escrita, tendo como base o modelo didático do gênero autobiografia; e
- Organizar um livro coletivo com as autobiografias escritas, a ser disponibilizado na biblioteca da escola.

5 *

Autobiografia – o que é?

= EU
= VIDA
= ESCRITA

Autobiografia = A história de sua vida escrita por você

6 *

Características do Gênero:

- O tema é a vida individual e coletiva da própria pessoa;
- Predominam os pronomes da 1ª pessoa (eu e nós);
- Discurso Narrativo (relato/história);
- A ordem cronológica (da infância aos dias atuais);
- Verbos mais utilizados: pretérito perfeito e imperfeito;
- Marcadores temporais: "dois meses depois", "naquela época"; e
- Marcadores espaciais: "no sítio", "na escola" e etc.

7 *

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lá versos, eu tinha que decorar para ouvir. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

8 *

Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, improvisado e recitado, quando alguém me convida para este fim.

Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré e pediu à minha mãe para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, tratando-me como se tratasse um próprio filho.

Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei. De volta do Ceará, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai.

Nasceu a 5 de março de 1908. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçadeira, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará.

(Excerto do Prof. José Siqueira, de "Meu tempo", Autobiografia de Pedro de Assaré)

9 *

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lá versos, eu tinha que decorar para ouvir. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Pronomes 1ª de Pessoa

10 *

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lá versos, eu tinha que decorar para ouvir. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Ordem Cronológica

11 *

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lá versos, eu tinha que decorar para ouvir. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Verbs de Pretérito

12 *

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Sai da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lá versos, eu tinha que decorar para ouvir. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Marcadores Temporais e Espaciais

13 *

Produção Inicial

Vamos produzir?

14 *

Material para o próximo encontro: Oficina 01

- Trazer algum material/objeto que tenha relação com sua vida/infância (ex: foto, documento, quadro, móvel, lugar, etc)

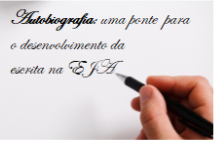
15 *

Apêndice B – Oficina Comentário



MUNICÍPIO DE IPOJUCA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESCOLA AGRO URBANA

Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA




OFICINA 01 - 2h/a

- 1 – Resgate de nossa memória;
- 2 – Leitura do texto autobiográfico;
- 3 – Análise do texto;
- 4 – Discussão;

Apresentação das fotos enviadas



1

2

3

Texto Autobiográfico de Monteiro Lobato

Nasceu José Renato Monteiro Lobato, em Taubaté-SP, aos 18 de abril de 1892. Falei tarde e aos 5 anos de idade ouvi, pela primeira vez, um importante ditado... Concordei. Aos 9 anos resolvi mudar meu nome para José Bento Monteiro Lobato desejando usar uma bengalia de meu pai, gravada com as iniciais J.B.M.L. Foi Juca, com as minhas mãos Judite e Esther fazendo bolos de chuchu com palitos nas pernas. Por isso, cada um de meus personagens: Pedrinho, Narzinho, Emília e Visconde representam um pouco do que fui e um pouco do que não pude ser.

Aos 14 anos escrevi, para o jornal "O Guarani", minha primeira crônica. Comecei-me em Direito em 1904, pela Universidade de São Paulo. Em maio de 1907 fui nomeado promotor em Araras - SP, casando-me no ano seguinte com Maria Precada Natividade, com quem tive o Edgar, o Guilherme, a Marta e a Rute. Vivi no interior, nas pequenas cidades, sempre escrevendo para jornais e revistas.

Em 1911 montei o meu avô, Visconde de Tremembé, e dele herdei a fazenda Boquira, passando de promotor a fazendeiro.

Comprei a "Revista do Brasil" e comecei, então, a editar meus livros para adultos. Quisaram me levar para Academia Brasileira de Letras. Recusei. Tive muitos convites para cargos oficiais de grande importância. Recusei a todos.

Dediquei-me à Literatura Infantil já em 1921. E, retornei a ela, anos depois, despretensiosos dos adultos.

Com "Narzinho Amarelado", lancei o "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Um reino cuja rainha a D. Benta. Uma rainha democrática, que reina pouco. Uma rainha que permite liberdade absoluta aos seus súditos. Súditos que também governam. Um deles, Emília, temosa, persistente não nega os seus desejos e projetos. Narzinho e Pedrinho são as crianças de ontem, de hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, comparando suas experiências com o que os mais velhos dizem, mas sempre acreditando no futuro.

Mas eu precisava de instrumentos do mundo real para que o fantástico fosse possível, pois, como ir à Grécia? Como ir à Lua? Como alcançar os anéis de Saturno? Surgiu o "Opô de Pirilimpimim" que transportaria para todo e sempre, os personagens de um lugar para outro, vindo do "ESPÁÇO".

Como disse a Emília: "é um absurdo terminar a vida assim, arralibado". Eu poderia ter escrito muito mais, perdi muito tempo escrevendo para gente grande. Precisava ter aprendido mais.

Hoje aos 4 de julho de 1948, vítima de um colapso, na cidade de São Paulo parto para outra dimensão.

Mas o que tinha de essencial, meu espírito jovem, minha coragem, está vivo no coração de cada criança. Viverei para sempre, enquanto estiver presente a palavra inconfundível de "Emília".

1) Quem escreveu o texto?

a – Um narrador
b – Monteiro Lobato
c – O pai de Monteiro Lobato
d – Narzinho

2) Quem era ele?

a – Escultor
b – Alor
c – Escritor
d – Médico

3) O texto descreve que fase de sua vida?

a) Infância
b) Adolescência
c) Adulthood
d) Todas elas

4) O texto relata o que?

a – As aventuras de Pedrinho
b – A história de Narzinho
c – A vida de Monteiro Lobato
d – O mundo das crianças

5) Por que Monteiro Lobato utilizou várias datas em seu texto?

a – Porque são fatos irão ocorrer
b – Para situar o leitor em vários momentos de sua vida
c – Para que possamos acreditar nele
d – N.D.R.

6) Esse texto relata acontecimentos que?

a – Irão acontecer
b – Estão acontecendo
c – Já aconteceram
d – São do imaginário

Brinquedoteca – Rubem Alves

Eu nasci, faz muito tempo, no dia 15 de setembro de 1933, numa cidade do sul de Minas. Boa Esperança. Fazem as contas para saber quantos anos tenho agora. Meu pai foi muito rico, perdeu tudo, fomos pobres, morei numa fazenda velha. Não tinha nem água, nem luz e nem privada dentro de casa. A água, a gente tinha de pagar na mina. A luz era de lamparina a querosene. A privada era uma casinha fora da casa. Casinha do lado de fora. Não precisava de brinquedos. Havia os cavalos, as vacas, as galinhas, os ratinhos, as peixes.

Depois mudei para cidades: Lameira, Três Corações, Varginha. Me divertia fazendo meus brinquedos. Brinquedo que a gente compra pronto não tem graça. Enjoa logo. Fazer o brinquedo é parte da brincadeira.

Poi fazendo brinquedos que aprendi a usar as ferramentas, martelo, serrote, alicate. Gostava de andar de carrinho de rolimã. Brincava de soltar papagaio, bolinhas de gude, pisa. Como a gente era pobre nunca tive velocipede ou bicicleta. Ainda hoje não sei andar de bicicleta.

Depois nos mudamos para o Rio de Janeiro onde sofri muito. Os meninos cantores cantavam de mim por causa do meu estoque de dinheiro da roça.

Gostava de ler Gibi. Nunca fui um bom aluno. Não me interessava pelas coisas que ensinavam nas escolas. Estudei piano porque queria ser pianista. Mas eu não tinha talento. Desisti. Pensei ser engenheiro, médico.

Fui ser pastor porque queria cuidar dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas, porque é daí que surgem nossas ações. Se a gente tem pensamentos bons a gente faz coisas boas. Se tem pensamentos ruins faz coisas ruins.

Morei e estudei nos Estados Unidos. Voltei para o Brasil. Um morar em Campos. Fui ser professor numa universidade. Tinha 3 filhos. O mais velho se chama Sérgio e é médico. O segundo se chama Marcos, é biólogo. E a Raquel, minha última filha, que vai ser arquiteta.

Sou também psicanalista, que é um tipo de médico que cuida dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas.

Cosas que me dão alegria, ouvir música, ler, conversar com os amigos, andar nas matas, olhar a natureza, tomar banho de cachoeira, brincar com as minhas netas, arrumar quebra-cabeças, empilhar pilas, cachorrinhos. Fazer os próprios brinquedos é arrumar quebra-cabeças ajuda a desenvolver a inteligência. Cuidado com os brinquedos comprados prontos: eles podem enturmar!

1) Quem escreveu o texto?

a – Um narrador
b – Boa Esperança
c – Monteiro Lobato
d – Rubem Alves

2) Quem era ele?

a – Escultor
b – Alor
c – Escritor
d – Médico

3) O texto descreve que fase de sua vida?

a) Infância
b) Adolescência
c) Adulthood
d) Todas elas

4) O texto relata o que?

a – Ele era inventor de brinquedos
b – A história dos brinquedos
c – A vida de Rubem Alves
d – O mundo das crianças

5) Por que Rubem Alves se utiliza de verbos no passado (nasci, mudei, aprendi, morei)?

a – Porque são fatos irão ocorrer
b – Para falar de fatos que estão ocorrendo
c – Para falar de fatos que ocorreram
d – N.D.R.

6) Ele utiliza a palavra DEPOIS em dois momentos no texto, por quê?

a – Para parar de falar
b – Para inserir algo que aconteceu após alguma coisa
c – Para justificar algo
d – Para esconder algo

Próximo Encontro

• Pesquisar informações que possam ajudá-los a acrescentar em sua produção.

Ex: álbum de família, conversa com amigos de infância, pais, parentes, etc.



7

8

9

Apêndice C - Oficina Apresentação

MUNICÍPIO DE IPOJUCA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESCOLA AGRO URBANA

Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita na EJA



1

OFICINA 02 - 3h/a

- 1 – Conhecer as características do gênero;
- 2 – Identificá-las no texto;
- 3 – Criar um questionário; e
- 4 – Produzir.

2

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

Modelo Didático do Gênero Autobiografia	
Aspectos Formais do Gênero	
Pessoa Predominante	1ª pessoa
Tempo Verbal Característico	Presente perfeito e imperfeito
Marcadores Temporais	Localizar no tempo (quando)
Marcadores Espaciais	Localizar os fatos (onde)
Aspectos Funcionais do Gênero	
Finalidade (o que você lê)	Contar a própria história
Intencionalidade de Produção (onde vai circular)	Escola / Comunidade
Interlocutor (para quem escrever)	Amigos e familiares
Estabelecimento de Tema	Percurso de vida
Discurso	Autorrativo
Levantamento dos Fatos	Mais marcantes
Cronologia	Dois fatos mais remotos da infância aos dias atuais

3

Aspectos Formais	Monteiro Lobato	Rubem Alves
Pessoa predominante (1ª pessoa)	Eu mesmo, por intermédio... Eu poderia ter escrito... Eu precisava de... (Eu) Nasco, Faio, etc.	Eu nasco, faz muito tempo... Eu não tinha talento... Eu sou também... (Eu) Mudei, tive, sou, etc.
Presente Perfeito (passado)	Nasco José Renato Monteiro Faio tarde Sempre amei a leitura Vivi no interior	Eu nasco, faz muito tempo perdeu tudo Depois mudei para cidades sotris muito
Presente Imperfeito (passado)	Eu queria Mas eu precisava de... Precisava ler aprendia... fugia a primeira editora	Não precisava de... Havia os cavalos... Me divertia fazendo... Gostava de andar de...

4

Aspectos Formais	Monteiro Lobato	Rubem Alves
Marcadores Temporais	Aos 9 anos resolvi mudar Em maio de 1907 fui nomeado Durante 10 anos, gritei essas Hoje aos 4 de julho de 1948	Eu nasco, faz muito tempo no dia 15 de setembro de 1903 Ainda hoje não sei andar... Depois nos mudamos
Marcadores Espaciais	Nasco, ... em Taubaté-SP nomeado promotor em Areias-SP Pomeima, Universidade de SP Vivi no interior, nas ... cidades	numa cidade do sul de Minas para cidades: Lambert... Morei e estudei nos EUA Voltei para o Brasil

5

Aspectos Funcionais	Monteiro Lobato	Rubem Alves
Levantamento dos Fatos	Nasco, ... em Taubaté-SP resolvi mudar meu nome escrevi, para o jornal... Vivi no interior Formei-me em Direito fui nomeado promotor em... Compri a "Revelação"... Convinos acadêmicos e políticos vítima de um colapso	Eu nasco, sul de Minas pai rico, mas perdeu tudo morei numa fazenda velha mudei para cidade: Lambert, Três Corações, Varginha fiz meus brinquedos no RJ zombavam dele Fui professor Sou também psicanalista
Cronologia	Infância – em Taubaté Juventude – Lila e escrevia Adulto – Direito, Promotor, Cirurgião e Dotor de Revista Velho – Literatura infantil - Colapso.	Infância – Boa esperança – fazenda com animais Juventude – Rio de Janeiro – muitos combates Adulto – Casou, filhos Velho – o que gosta

6

O que é um Parágrafo?

Parágrafo é um bloco de texto, cuja primeira linha inicia-se em margem maior do que a margem normal do texto. Nele, está concentrada uma ideia (central) relacionada ao tema que se quer desenvolver e a ideias secundárias.

Parágrafo

Fui aos poucos porque queria cuidar dos pensamentos e das sentimentos das pessoas, porque é daí que surgem nossas ações. Se a gente tem pensamentos bons a gente faz coisas boas. Se tem pensamentos ruins faz coisas ruins.

7

Exercício de Paragrafação

Texto Autobiográfico de Lucy

Minha História se resume em alegria e ao mesmo tempo em tristeza porque a vida no sítio, naquela época, era mais difícil. Quando eu tinha os meus 11 anos eu trabalhava bastante. Eu socinha lavava muitas roupas na casimba para 11 pessoas de família. Quando eu terminava já era para cuidar, para ir pra escola. Com de 16 anos comecei a namorar e fugi com de 19 anos. Fui morar no sítio da minha sogra. Com 6 meses engravidou do meu primeiro filho, depois fui morar na casa da usina no engenho e quase 2 anos depois tive um outro filho. Meu pai me deu um terreno em camela para poder construir a minha casa, fui fazendo aos poucos e levei um bom tempo para deixar ela pronta. Depois veio Supte com um monte de serviços, aí meu esposo foi trabalhar lá. Ele passou a ganhar melhor do que antes, porque ele trabalhava no campo. Com um ano ele reformou a casa. Parei de estudar com 10 anos e voltei em 2017. Hoje tenho os meus dois filhos de 17 e 10 anos e tenho uma neta. Tenho mãe falecida há 9 anos e tenho pai vivo. Agradeço a Deus por ter saúde e por ele existir na minha vida.

8

Texto Autobiográfico de Lucy

Minha História se resume em alegria e ao mesmo tempo em tristeza porque a vida no sítio, naquela época, era mais difícil. Quando eu tinha os meus 11 anos eu trabalhava bastante. Eu socinha lavava muitas roupas na casimba para 11 pessoas de família. Quando eu terminava já era para cuidar, para ir pra escola. Com de 16 anos comecei a namorar e fugi com de 19 anos. Fui morar no sítio da minha sogra. Com 6 meses engravidou do meu primeiro filho, depois fui morar na casa da usina no engenho e quase 2 anos depois tive um outro filho. Meu pai me deu um terreno em camela para poder construir a minha casa, fui fazendo aos poucos e levei um bom tempo para deixar ela pronta. Depois veio Supte com um monte de serviços, aí meu esposo foi trabalhar lá. Ele passou a ganhar melhor do que antes, porque ele trabalhava no campo. Com um ano ele reformou a casa. Parei de estudar com 10 anos e voltei em 2017. Hoje tenho os meus dois filhos de 17 e 10 anos e tenho uma neta. Tenho mãe falecida há 9 anos e tenho pai vivo. Agradeço a Deus por ter saúde e por ele existir na minha vida.

(O texto foi dividido em parágrafos a partir das frases de vida do autor e/ou acontecimentos importantes, observados pelos alunos).

9

Atividade

Vamos criar um questionário?



10

Quais informações vocês julgam importantes para compor uma autobiografia?

- 1 – Nome completo?
- 2 – Onde nasceu?
- 3 – Como era sua família?
- 4 – Como foi a sua infância?
- 5 – Locais onde morou?
- 6 – Onde estudou?
- 7 – Preciso parar? Porque?
- 8 – Como foi sua adolescência?
- 9 – O que pensava em ser?
- 10 – Casou? Tem filhos?
- 11 – Trabalha? Em que?
- 12 – O faz hoje? Quais seus sonhos?

11

Até o próximo encontro!

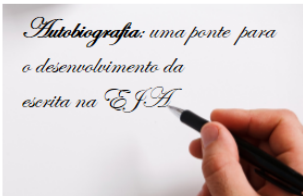


12

Apêndice D - Oficina Proposição

 **MUNICÍPIO DE IPOJUCA**
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESCOLA AGRO URBANA

*Autobiografia: uma ponte para
o desenvolvimento da
escrita na EJA*





1 ★

OFICINA 03 - 3h/a

- 1 – Elaborar um questionário;
- 2 – Revisar o texto; e
- 3 – Reescrever;

2 ★

Quais informações vocês julgam importantes para compor uma autobiografia?

- 1 – Nome completo?
- 2 – Onde nasceu?
- 3 – Como foi a sua infância?
- 4 – Como era sua família?
- 5 – Locais onde morou?
- 6 – Onde estudou?
- 7 – Preciso parar? Porque?
- 8 – Muitos amigos na adolescência?
- 9 – O que pensava em ser?
- 10 – Trabalha? Em que?
- 11 – Casou? Tem filhos?
- 12 – O faz hoje? Quais seus sonhos??
- 13 – Dividiu o texto em parágrafos?

3 ★

Atividade

- Formar duplas;
- Analisar o texto do outro;
- Propor modificações.



4 ★

*Vamos
Reescrever!*



5 ★

Apêndice E - Atividade 01

1) O texto abaixo conta parte da história do poeta Patativa do Assaré. Estão faltando algumas palavras e expressões que tem o objetivo localizar o leitor no tempo. Complete com as palavras entre parênteses, encaixando-as da melhor forma possível:

(NAQUELE TEMPO - QUANDO - DESDE QUE – HOJE)

Eu, nasci aqui, no sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré.

_____ completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito.

Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois _____ eu já improvisava.

De volta do Ceará, casei-me com uma parenta e sou _____ pai de uma numerosa família.

_____ comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará. (Autobiografia de Patativa do Assaré -fragmento)

2) Conjugue os **verbos** entre parênteses e complete as frases:

- Antigamente, eu sempre _____ (comprar) camisas naquela loja.
- Ontem, eu _____ (comprar) uma camisa naquela loja.
- Há algum tempo, os voos _____ (partir) todos os dias.
- Hoje _____ (partir) voos para o Rio de Janeiro.
- Eu não _____ (entender) nada.
- Ela explicava, mas eu não _____ (entender) nada.

3) Leia o texto abaixo e **reescreva substituindo ou excluindo** o termo grifado, evitando sua repetição excessiva:

Os **cangurus** são perseguidos, porque os **cangurus** atacam as plantações. A caçada ao **canguru** não é muito fácil: o **canguru** é rápido, o **canguru** ouve de longe o inimigo e o **canguru** nada otimamente.

Apêndice F - Atividade 02

1) Complete o texto com um dos **marcadores espaciais** abaixo:

SÍTIO – ESTADO – VILAREJO – PERNAMBUCO – EM OUTRO LUGAR – LÁ

Eu nasci em _____. Naquele _____ vivi por 10 anos. Depois fui morar _____ com meus filhos.

Minha família mora em um _____, _____ no Nordeste, onde temos um _____.

2) Conjugue os **verbos** entre parênteses e preencha o texto da melhor forma possível:

Um dia na feira

Ontem _____ (**decidir**) ir à feira com alguns amigos. O dia _____ (**estar**) frio e, por isso, _____ (**decidir**) que era um bom fazer as compras.

Quando _____ (**estar**) no caminho _____ (**ver**) que muitas pessoas tinham decidido ir para lá, conseqüentemente, o trânsito _____ (**estar**) um caos. _____ (**Levar**) duas hora e meia para conseguir chegar ao centro da cidade.

_____ (**Ficar**) na feira durante todo a tarde. Mas, _____ (**aproveitar**) para assistir ao pôr-do-sol, pois era próximo à praia, e _____ (**assistir**) a tudo de camarote. Depois de um longo dia, _____ (**voltar**) para casa.

3) Leia o texto abaixo e **reescreva substituindo ou excluindo** o termo grifado, evitando sua repetição excessiva:

Eu moro em Jaboatão e **eu** trabalho em Olinda. **Eu** não gosto de trabalhar lá, mas **eu** preciso; por isso, **eu** vou todos os dias.

Anexo A

Texto autobiográfico de Monteiro Lobato

Nasci José Renato Monteiro Lobato, em Taubaté-SP, aos 18 de abril de 1882. Falei tarde e aos 5 anos de idade ouvi, pela primeira vez, um importante ditado...Concordei. Aos 9 anos resolvi mudar meu nome para José Bento Monteiro Lobato desejando usar uma bengala de meu pai, gravada com as iniciais J.B.M.L. Fui Juca, com as minhas irmãs Judite e Esther, fazendo bichos de chuchu com palitos nas pernas. Por isso, cada um de meus personagens; Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde representam um pouco do que fui e um pouco do que não pude ser.

Aos 14 anos escrevi, para o jornal "O Guarani", minha primeira crônica.

Formei-me em Direito em 1904, pela Universidade de São Paulo. Em maio de 1907 fui nomeado promotor em Areias - SP, casando-me no ano seguinte com Maria Prezada Natividade, com quem tive o Edgar, o Guilherme, a Marta e a Rute.

Vivi no interior, nas pequenas cidades, sempre escrevendo para jornais e revistas.

Em 1911 morreu o meu avô, Visconde de Tremembé, e dele herdei a fazenda Boquira, passando de promotor a fazendeiro.

Comprei a "Revista do Brasil" e comecei, então, a editar meus livros para adultos. Quiseram me levar para Academia Brasileira de Letras. Recusei.

Tive muitos convites para cargos oficiais de grande importância. Recusei a todos.

Dediquei-me à Literatura Infantil já em 1921. E, retomei a ela, anos depois, desgostoso dos adultos.

Com "Narizinho Arrebitado", lancei o "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Um reino cuja rainha a D. Benta. Uma rainha democrática, que reina pouco. Uma rainha que permite liberdade absoluta aos seus súditos. Súditos que também governam. Um deles, Emília, teimosa, persistente não nega os seus desejos e projetos.

Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, de hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, comparando suas experiências com o que os mais velhos dizem, mas sempre acreditando no futuro.

Mas eu precisava de instrumentos do mundo real para que o fantástico fosse possível, pois, como ir à Grécia? Como ir à Lua? Como alcançar os anéis de Saturno? Surgiu o "Opôs de Pirlimpimpim" que transportaria para todo e sempre, os personagens de um lugar para outro, vencendo o "ESPAÇO".

Como disse a Emília: "é um absurdo terminar a vida assim, analfabeto!". Eu poderia ter escrito muito mais, perdi muito tempo escrevendo para gente grande. Precisava ter aprendido mais...

Hoje aos 4 de julho de 1948, vítima de um colapso, na cidade de São Paulo parto para outra dimensão.

Mas o que tinha de essencial, meu espírito jovem, minha coragem, está vivo no coração de cada criança. Viverá para sempre, enquanto estiver presente a palavra inconfundível de "Emília".

Adaptado pelo Prof. José Edson Bentzen, do texto original autobiográfico de Monteiro Lobato
Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/52530174/Texto-autobiografico-de-Monteiro-Lobato>

Anexo B

Brinquedoteca - Texto autobiográfico de Rubem Alves

Eu nasci, faz muito tempo, no dia 15 de setembro de 1933, numa cidade do sul de Minas, Boa Esperança. Façam as contas para saber quantos anos tenho agora. Meu pai foi muito rico, perdeu tudo, ficamos pobres, morei numa fazenda velha. Não tinha nem água, nem luz e nem privada dentro de casa. A água, a gente tinha de pegar na mina. A luz era de lamparina a querosene. A privada era uma casinha fora da casa. Casinha do lado de fora. Não precisava de brinquedos. Havia os cavalos, as vacas, as galinhas, os riachinhos, as pescarias.

Depois mudei para cidades: Lambari, Três Corações, Varginha. Me divertia fazendo meus brinquedos. Brinquedo que a gente compra pronto não tem graça. Enjoa logo. Fazer o brinquedo é parte da brincadeira.

Foi fazendo brinquedos que aprendi a usar as ferramentas, martelo, serrote, alicate. Gostava de andar de carrinho de rolimã. Brincava de soltar papagaio, bolinhas de gude, pião. Como a gente era pobre nunca tive velocípede ou bicicleta. Ainda hoje não sei andar de bicicleta.

Depois nos mudamos para o Rio de Janeiro onde sofri muito. Os meninos cariocas zombavam de mim por causa do meu sotaque de mineiro da roça.

Gostava de ler Gibi. Nunca fui um bom aluno. Não me interessava pelas coisas que ensinavam nas escolas. Estudei piano porque queria ser pianista. Mas eu não tinha talento. Desisti. Pensei ser engenheiro, médico.

Fui ser pastor porque queria cuidar dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas, porque é daí que surgem nossas ações. Se a gente tem pensamentos bons a gente faz coisas boas. Se tem pensamentos maus faz coisas ruins.

Morei e estudei nos Estados Unidos. Voltei para o Brasil. Vim morar em Campinas. Fui ser professor numa universidade. Tenho 3 filhos. O mais velho se chama Sérgio e é médico. O segundo se chama Marcos, é biólogo. E a Raquel, minha última filha, que vai ser arquiteta.

Sou também psicanalista, que é um tipo de médico que cuida dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas.

Coisas que me dão alegria: ouvir música, ler, conversar com os amigos, andar nas matas, olhar a natureza, tomar banho de cachoeira, brincar com as minhas netas, armar quebra-cabeças, empinar pipas, cachorros. Fazer os próprios brinquedos e armar quebra-cabeças ajuda a desenvolver a inteligência. Cuidado com os brinquedos comprados prontos: eles podem emburrecer!

Adaptado pelo Prof. José Edson Bentzen, do texto original "Brinquedoteca" de Rubem Alves.
Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/brinquedoteca.htm>

Anexo C

Texto autobiográfico de Patativa do Assaré

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, a três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os turistas.

Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava.

Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, improvisado e recitado, quando alguém me convida para este fim.

Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré e pediu à minha mãe para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, tratando-me como se trata um próprio filho.

Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei.

De volta do Ceará, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai.

Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará.

Adaptado pelo Prof. José Edson Bentzen, do texto original "Autobiografia de Patativa do Assaré"

Fonte: <http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare/>

Anexo D - Fotos enviadas pelos alunos via *whatsapp*



Fotos enviadas pelos alunos Elma, Jose2 e Luca



Fotos enviadas pelas alunas Dany, Line e Nay



Fotos enviadas pelos alunos Narcy e Jeff

Anexo E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa: Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita, sob responsabilidade do pesquisador José Edson Bentzen, orientado pela Professora Dra. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz, tendo por objetivo desenvolver uma metodologia de ensino da escrita apoiada na prática social do aluno, por meio do gênero autobiografia.

Para realização deste trabalho faremos uso de Oficinas de Escrita, nas quais serão produzidas autobiografias, que servirão de base para análise dos dados, e, a partir das dificuldades apresentadas na execução desse gênero, serão propostas as atividades que nortearão nossa intervenção. As oficinas serão divididas em 4 momentos: Fomentar, Comentar, Apresentar e Propor. Cada um deles terá uma finalidade específica para o alcance do nosso objetivo. Após realizadas todas as etapas das oficinas, será solicitada aos alunos uma produção autobiográfica final que fará parte de um livro, o qual será depositado na biblioteca da escola.

Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo tais como filmagens, fotos, gravações, etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos, pelo fato da coleta de dados implicar uma produção textual autobiográfica que será objeto de análise e fará parte de um livro, não podemos deixar de mencionar a possibilidade de risco mínimo de constrangimento em compartilhar informações pessoais.

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências, tais como: diálogo para esclarecer e assegurar seu anonimato durante todo processo; redefinição da estratégia didático pedagógica que tenha causado o desconforto; ou a possibilidade de devolução de toda sua produção.

O benefício esperado com o resultado desta pesquisa é o de criar uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, com objetivos que promovam ações pedagógicas alinhadas às necessidades de alunos da EJA.

O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de que em caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar o pesquisador José Edson Bentzen, na Escola Municipal Agro Urbana, no distrito de Camela, Município do Ipojuca, ou por meio do telefone: (81) 991844402.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, localizado à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE, telefone 81-3183-3775 ou ainda através do e-mail comite.etica@upe.br.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Ipojuca, ____ de abril de 2018

Assinatura do Sujeito (ou responsável) Assinatura do pesquisador

Anexo F - Aprovação do Projeto pelo Conselho de Ética

UNIVERSIDADE DE
PERNAMBUCO/ PROPEGE/



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MESTRADIO - Autobiografia: uma ponte para o desenvolvimento da escrita

Pesquisador: JOSE EDSON BENTZEN

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 89871118.4.0000.5207

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.881.190

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, onde o autor descreve que apropriar-se da escrita como atividade de produção textual é um dos caminhos para inserção dos alunos no mundo letrado, pois a produção de textos, assim como a leitura possibilitam o registro do pensamento humano e a transmissão de conhecimento, características primordiais para o indivíduo em sociedade. Assim, alunos de Educação de Jovens e Adultos devem ser estimulados a produzirem textos, a escrever, e isso só é possível por meio de um trabalho sistemático e planejado. A pesquisa será desenvolvida com os 30 alunos do EJA IV, da escola Municipal Agro Urbana no distrito de Camela. Será realizado um encontro preliminar com a finalidade de esclarecer os objetivos e propostas do trabalho, assim como fazer a entrega do formulário de autorização para respaldar a adesão voluntária à participação nas oficinas, que terão como principal objetivo desenvolver a competência para a produção de textos. Nesse encontro, também, será apresentado o gênero que será trabalhado durante toda execução do trabalho: a Autobiografia. Nessa ocasião, ainda, será solicitado a todos a confecção de uma autobiografia, a qual servirá de parâmetro para as análises com a produção final da oficina.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Desenvolver uma metodologia de ensino que favoreça o desenvolvimento da escrita e sua produção, com objetivos que promovam ações pedagógicas alinhadas às necessidades de alunos

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.100-010

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)3183-3775

Fax: (81)3183-3775

E-mail: comite.etica@upe.br

UNIVERSIDADE DE
PERNAMBUCO/ PROPEGE/



Continuação do Parecer: 2.681.190

da EJA.

- Objetivos específicos
- Investigar os entraves relativos à produção textual e analisá-los, a partir do gênero autobiografia;
- Determinar quais características do gênero autobiografia são essenciais para a elaboração de um modelo didático
- Propor uma metodologia de aprendizagem, por meio da elaboração de oficinas de escrita, tendo como base o gênero autobiografia; e
- Organizar um livro coletivo com as autobiografias escritas, a ser disponibilizado na biblioteca da escola.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Descritos adequadamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa apresenta pertinência social e científica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as pendências e listas de inadequações:

- 1-Descrever os riscos, benefícios e as medidas protetivas - ATENDIDO;
- 2-Apresentar a carta de anuência da escola, termo de confidencialidade e o currículo lattes atualizado do pesquisador – ATENDIDO;
- 3-Descrever na plataforma Brasil o nome de todos os pesquisadores envolvidos – ATENDIDO;
- 4-Definir quais os instrumentos utilizados – ATENDIDO
- 5-Ajustar o cronograma conforme as pendências solicitadas - ATENDIDO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O pleno acompanha o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.105-010
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br

Página 10 de 10

UNIVERSIDADE DE
PERNAMBUCO/ PROPEGE/



Continuação do Parecer: 2.881.190

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1118698.pdf	21/08/2018 22:15:11		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto3.doc	21/08/2018 22:12:12	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
Outros	Curriculum2.pdf	21/08/2018 22:11:21	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao.pdf	21/08/2018 22:08:40	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	10/07/2018 21:35:29	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
Outros	Curriculum.pdf	10/07/2018 21:26:06	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
Outros	Anuencia.jpg	10/07/2018 20:39:13	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE.docx	26/04/2018 21:24:42	JOSE EDSON BENTZEN	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

RECIFE, 09 de Setembro de 2018

Assinado por:
Jaël Maria de Aquino
(Coordenador)

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br

Página 03 de 03

Anexo G – Produções Autobiográficas

Produção inicial e final de Luca

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu nasci em águas pretas no dia 30
2 de julho de 1972, meus pais
3 sempre foram entusiastas
4 na minha educação, começo
5 na escola foi muito bem
6 era bem dedicado aos estudos,
7 meu pai sempre fiz de
8 tudo pra nos dar o melhor,
9 pagamos a escola em
10 engenharia, não era muito bem
11 foi difícil no começo, tinha
12 que trabalhar e estudar
13 mesmo cansado do dia tinha
14 que emprestar e não desistir,
15 minha mãe existia comigo
16 e meus irmãos pra estudar
17 ela sempre queria o melhor
18 para nós, minha mãe
19 mudamos para o engenho
20 sabe isso atrapalhava tinha
21 que fazer transferência meu
22 pai era administrador da
23 usina Salgado era amada
24 do e tinha estas coisas

26 depois entregar 24 anos de
27 trabalho, viemos para Camela,
28 eu abandonei os estudos não
29 era fácil emprestar, depois
30 no campo e depois estudar,
31 depois alguns anos eu conheci
32 pessoas que passaram a se
33 meu amigo, foi uma amizade
34 muito verdadeira que permaneceu
35 até hoje, conheci a mulher
36 da minha vida nos casamos
37 no dia 27 de novembro de 1998
38 na igreja evangélica Assembleia
39 de Deus, ela existia pra que
40 eu voltasse a estudar, em 2005
41 voltei a escola e gostei em 2007
42 hoje por incentivo de minha
43 esposa estou terminando
44 os estudos, agradeço a Deus e a
45 esposa, está a minha história.

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu nasci em águas pretas, no
2 dia 30 de julho de 1972, meus
3 pais não tinham uma casa que não tinha
4 conforto, a luz era de candeeira
5 e a água era de poço, o pai era
6 de fora da casa, trabalhava
7 com a água de Calinda,
8 meu pai não tinha condições
9 de comprar brinquedos, eu
10 fazia barra de lata de leite,
11 brincava de balinhas de que
12 piaça, lá no polo, de ir para
13 para outro trabalho.
14 Depois nos mudamos
15 para o engenho Castelo, meu
16 pai trabalhava a trabalhar
17 lá, era muito esportado
18 para nós dar uma boa
19 educação, mudar no engenho
20 não era muito bem, foi
21 difícil no começo, tinha que
22 trabalhar e estudar, mesmo
23 cansado do dia tinha que
24 emprestar e não desistir,
25 minha mãe existia
26 comigo e meus irmãos
27 para estudar, ela sempre
28 queria o melhor para nós

Depois nos mudamos para
o engenho Salgado, isso atrapalhou
os pais tinha que fazer
transferência, meu pai foi
promovido para ser admini-
strador da usina Salgado,
e era assediado devido estas
coisas ele recebeu entregar
24 anos de trabalho.

Viemos para Camela, eu
abandonei os estudos, não era
fácil emprestar e depois no
campo e a parte estudar, não
tinha sonhos alguns, para
minha o trabalho do campo
era o único trabalho.

Após alguns meses, eu
conheci pessoas que passaram
a ser meus amigos, foi uma
amizade muito verdadeira
que permanece até hoje.

Conheci a Maria nos
casamos no dia 27 de novembro
de 1998 na igreja evangélica
Assembleia de Deus, não temos
filhos, mas queremos muito.

Hoje por incentivo de minha
esposa, estou terminando os
estudos, não sei ainda o que
quero fazer quando terminar,
agradeço a Deus e a minha
esposa.

Produção inicial e final de Val

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 eu sou Val Fala Galu minha
2 História quando eu nasci a minha
3 mãe foi Suspiro ela mim deu eu
4 com meu tio ele cuida muito bem de mim
5 de mim e meu pai com facilidade
6 para alimentar meu irmão e conta
7 eu fiz 3 anos minha mãe mim esculpe
8 no escudo eu em todo dia para
9 escola minha mãe mim leva para
10 igreja todo dia eu em para igreja
11 e mais depois eu sair da família
12 conta eu fiz 13 anos eu vou para
13 para igreja eu fiz para da
14 comunidade mais depois sair da
15 mãe da comunidade conta eu fiz
16 15 anos eu vou para igreja para
17 15 anos eu vou para igreja para
18 15 anos eu vou para igreja para
19 15 anos eu vou para igreja para
20 15 anos eu vou para igreja para

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 de quando
2 eu nasci a que em escola faz muito
3 tempo 19 de maio de 2001 quando eu nasci
4 a minha mãe foi Suspiro ela mim deu eu
5 com meu tio ele cuida muito bem de mim
6 meu pai trabalhava para alimentar
7 meu irmão ele trabalhava muito quando
8 ele chegou ele chegou muito cansado
9 eu morei aqui em escola
10 eu estudei no colégio Príncipe Luiz
11 mamãe na igreja e agora eu estudei
12 na escola municipal para escola
13 eu fiz muito amizade na escola
14 e com a mãe
15 Ohs para em ex, Ohs para no
16 Ohs me deu um trabalho
17 Ohs de ex
18 Casa com meus irmãos e com meus
19 irmãos eu não sei
20 Ohs mais na casa da minha mãe e
21 meus irmãos e Ohs eu morei na minha
22 casa e também Ohs trabalho e eu
23 trabalho
24 trabalho

Produção inicial e final de San

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 eu nasci no dia 1 de janeiro
2 de 1972 nasci no município de
3 Ipojuca fui criado na engenho
4 de Ipojuca quando comecei a
5 de idade fui para o colégio
6 com meus pais para o colégio de
7 de Ipojuca para o colégio de
8 de Ipojuca para o colégio de
9 de Ipojuca para o colégio de
10 de Ipojuca para o colégio de
11 de Ipojuca para o colégio de
12 de Ipojuca para o colégio de
13 de Ipojuca para o colégio de
14 de Ipojuca para o colégio de
15 de Ipojuca para o colégio de
16 de Ipojuca para o colégio de
17 de Ipojuca para o colégio de
18 de Ipojuca para o colégio de
19 de Ipojuca para o colégio de
20 de Ipojuca para o colégio de
21 de Ipojuca para o colégio de
22 de Ipojuca para o colégio de
23 de Ipojuca para o colégio de
24 de Ipojuca para o colégio de
25 de Ipojuca para o colégio de
26 de Ipojuca para o colégio de
27 de Ipojuca para o colégio de
28 de Ipojuca para o colégio de
29 de Ipojuca para o colégio de
30 de Ipojuca para o colégio de
31 de Ipojuca para o colégio de
32 de Ipojuca para o colégio de

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Olá, meu nome é
2
3 nasci 01-01-1972. Eu nasci em
4 Ipojuca no engenho Tapera, comecei a
5 estudar com 7 anos no engenho Tapera.
6 Minha família era muito unida.
7 minha mãe teve 12 filhos não
8 teve amigos, meus amigos era meus
9 irmãos.
10 Porque morávamos no sítio, meus
11 pais se separaram e teve que nos dar
12 das coisas familiares para eles
13 não ficou nada para nos e eu
14 mais depois eles voltaram e ficaram
15 agindo de novo.
16 Eu comecei a estudar com 10 anos
17 porque precisei trabalhar. mim casei
18 com 14 anos tive 2 filhos com
19 15 anos. Aos 17 anos perdi meu
20 espaço com três anos de casado
21 aí tive que para os meus estudos
22 pra trabalhar para sustentar os
23 meus dois filhos pequenos. meu
24 primeiro emprego foi no restaurante
25 no Pólo de Santo agostinho passei 3
26 anos lá.
27 Depois fui trabalhar em Super
28 Passei 3 anos lá também eu tinha
29 um sobrinho eu queria ser policial.
30

mas infelizmente não deu minha
situação não permitia então eu
agora que eu estou tentando terminar
os meus estudos em nome de Jesus.

Agora tenho minha família e
sou casado e tenho 4 filhos, 2 meninas
e 2 meninos, no momento estou
desempregado mas sou feliz.

Produção inicial e final de Alina

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu me chamo
2 morei em Rio Formoso, dia 13 de janeiro de 2000. Ainda no útero
3 da minha mãe, que se chama Roseli Maria Gomes Teixeira,
4 meu pai biológico, Edilson Amaro da Silva, foi pego
5 por uma doença e morreu, seu pai e muito
6 perigoso, logo levaram ele para o hospital, depois
7 alguns dias ele voltou para casa, foi quando
8 ele e minha mãe tiveram relações, isso acabou
9 passando um pouco de tempo para o meu
10 corpo, ainda no útero da minha mãe, quando
11 morei meu corpo começou a se desenvolver por
12 toda a parte, em mim, minha mãe me
13 levou para todos os hospitais possíveis, mas
14 não teve muito resultado, meus pais cuidaram
15 da minha irmã, mais velha, chamada
16 Elene Teixeira da Silva, depois que eu estava
17 com 1 ano, morei, minha irmã Elene
18 nasceu da Silva, passaram-se 3 anos meu pai
19 engravidou minha mãe, foi nesse tempo
20 que ele faleceu, passaram-se um tempo,
21 minha mãe ainda grávida da meu irmão
22 Zinho Elton Júlio dos Santos, faleceu, meu
23 padrasto, Severino Júlio dos Santos, com
24 quem tiveram dois filhos, meus irmãos
25 Adriele Maria dos Santos e 4 meses depois

26 morei Rosely Maria dos Santos, então
27 mãe se separou, aos 27 meses para mãe
28 engravidar mais, com 10 meses de idade
29 morar em família, em família, em família,
30 na escola, depois de um ano, meu pai
31 engravidou e no dia 13 de maio, foi morar
32 com meus avós, família Teixeira da Silva e
33 Severino Gomes Teixeira, frequentei a
34 escola Centro Educacional Cristo Redentor
35 em Serinópolis.
36 Já no final do ano, conheci um rapaz, me
37 envolvi com ele e com um tempo, fomos
38 morar juntos, depois de um ano, fomos
39 para São Paulo, foi quando eu soubi
40 que estava grávida de Miguel.
41 Aos 15 meses fui mãe, ele nasceu no dia
42 06/12/2015, no Regional Sul em São
43 Paulo, após 15 meses de moradia, eu
44 me separei do pai de Miguel, e voltei
45 para Pernambuco, passaram-se mais
46 meses e eu me envolvi com um homem,
47 chamado José Augusto da Silva, com quem
48 estou juntos há, ele cuida de mim
49 e do meu filho como se fosse dele,
50 e estou estudando após 4 meses
51 afastado da escola frequentando a
52 escola municipal Aguiar Viana e
53 pretendo continuar a estudar,
54 espero que tenham gostado.

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu me chamo
2 morei em Rio Formoso, dia 13 de janeiro
3 de 2000. Minha mãe não foi muito boa,
4 pois ainda no útero da minha mãe, que
5 se chama Roseli Maria Gomes Teixeira e meu
6 pai biológico, Edilson Amaro da Silva, foi
7 pego por uma doença e morreu e seu pai
8 é muito perigoso, logo levaram ele para o
9 hospital, depois de alguns dias ele voltou
10 para casa, foi quando ele e minha mãe
11 tiveram relações, isso acabou passando
12 um pouco de tempo para o meu corpo,
13 ainda no útero da minha mãe.
14 Minha mãe era muito doente,
15 quando morei meu corpo começou a se desenvolver
16 por toda a parte do meu corpo, minha
17 mãe me levou para todos os hospitais
18 possíveis, mais não teve muito resultado,
19 meus pais com isso, eu não fiquei
20 cuidando da minha irmã mais velha,
21 chamada Elene Teixeira da Silva.
22 Depois que eu estava com 1 ano
23 morei minha irmã Elene Teixeira da Silva,
24 passaram-se 3 anos, meu
25 pai engravidou minha mãe, foi
26 nesse tempo que ele faleceu.
27 Passaram-se um tempo, minha
28 mãe ainda grávida da meu irmão
29 Zinho, Elton Júlio dos Santos, faleceu,
30 meu padrasto Severino Júlio dos Santos

com quem tiveram dois filhos, meus
irmãos Adriele Maria dos Santos e 4 meses
depois morei Rosely Maria dos Santos,
então mãe se separou aos 27 meses para
mãe engravidar mais.
Ainda pequena minha família e
eu, estávamos morando em um sítio
em Eucalipto, após alguns anos, fomos
morar em família, eu e meus irmãos, na
escola Aguiar Viana, na cidade de Aguiar
Viana, em Alimônia da Costa Seca, aos
13 meses fui morar com meus avós,
família Teixeira da Silva e Severino
Gomes Teixeira, frequentei a escola Centro
Educacional Cristo Redentor em
Serinópolis.
Já no final do ano, conheci
um rapaz, me envolvi com ele e com
um tempo, fomos morar juntos, depois
de um ano, fomos para São Paulo,
fomos do meu pai acompanhando, passaram-
se uns tempos, fomos para São Paulo,
foi quando eu soubi que estava
grávida de Miguel.
Aos 15 meses, fui mãe, ele nasceu
no dia 06 de dezembro de 2015,
no Regional Sul em São Paulo, após
15 meses de moradia, eu me separei
do pai do meu filho, e voltei para
Pernambuco.
Passaram-se mais meses e eu
me envolvi com um homem, chamado
José Augusto da Silva, com quem
estou juntos há, ele cuida de mim
e do meu filho como se fosse dele,
estou estudando após 4 meses afastado
da escola, voltei para os estudos
estou frequentando a escola Aguiar Viana
e pretendo continuar a estudar.

Produção inicial e final de Nay

Autobiografia *Minha vida, Minha história!*

1 Eu nasci em 18/12/2000 no
2 Recife. Eu nasci no Hospital das Clínicas
3 Por ser 2 meses internada minha mãe
4 sofreu muito não tinha ninguém pra
5 ficar comigo. Ela ficava com as pernas
6 embebada de tanto ficar comigo era
7 difícil minha situação e hoje ainda
8 sinto muito meu pai e minha mãe não
9 não entende a minha irmã também
10 não é muito ruim esse jeito de viver
11 minha vida sempre sofreu nunca foi
12 fácil meus pais não gostavam de mim
13 por ser muito difícil crescer lá
14 embora minha com minha irmã mais
15 velha sem saber que fazia sofrer
16 bastante minha mãe não não não
17 entendia dizia coisas mais sempre fui
18 alegre, carinhosa, amável, sorridente com
19 os pais por onde eu passava tinha
20 gente que dizia coisas que não deviam
21 dizer, ninguém dava nada pra mim
22 quando eu era pequena eu chorava muito
23 quando eu ia pra igreja com minha
24 mãe eu chorava pra tomar mingau eu
25 tomava e ia dançar. Ela não aceitava

26 deixo da Banda Farnava um povo e não
27 deixava não. Eu chorava e não. Hoje não
28 sinto. As pessoas não gostavam
29 não chorava daquelas coisas feias e eu
30 não ligava pra isso, mais hoje ando
31 feliz com meus amigos. Minha mãe
32 muito mais está tão feliz tão alegre
33 hoje vejo feliz por meus amigos que não
34 ajudam eu não tinha amigos mais hoje
35 eu tenho. Minha mãe passou muito
36 tempo doente e eu fiquei muito triste
37 eu nunca pensei que ela ia ficar bem
38 daquela enfermidade chorei muito porque
39 pensei que ela ia morrer mais não
40 deixou e está feliz.
41 meu pai passou 5 dias internado
42 no Hospital de dom Helder Câmara e
43 nunca pensei que ele estaria pra casa
44 ele estava muito doente mais ele está
45 em casa. Bem melhor minha vida
46 minha história. Foi assim.
47 Amo minha família. Essa história
48 não foi bem porque sofreu muito
49 mais hoje está bem. Essa é minha
50 história de vida.
51 minha mãe sofreu muito 9 meses
52 na barriga quando nasci eu não
53 não. Boa de saúde foi internada
54 levei muita furada na vida. Tentei
55 muito não fiquei muito doente mesmo
56 mais hoje está aqui limpa e com
57 saúde.
58 Essa é minha história.

Autobiografia *Minha vida, Minha história!*

1 Eu nasci em 18
2 de dezembro de 2000, no Recife. Nasci no
3 Hospital das Clínicas, por ser 2 meses
4 internada, minha mãe sofreu muito
5 pois não tinha ninguém pra ficar comigo.
6 Ela ficava com as pernas inchadas de
7 tanto ficar comigo, era difícil minha
8 situação e hoje ainda sinto muito.
9 meu pai e minha mãe não não
10 entendem a minha irmã também
11 não, e muito ruim esse jeito de viver.
12 minha vida sempre sofreu, nunca foi
13 fácil, meus amigos não gostavam de mim,
14 por ser momentos difíceis, quase ninguém
15 não entendia mais hoje entende,
16 quando eu tinha 10 anos comecei a estudar
17 e aprender, não foi bom minha vida
18 quando eu era pequena, porque ninguém
19 tinha paciência comigo.
20 mais hoje está com 14 anos e está
21 estudando pra aprender muito mais.
22 hoje posso dizer não: alegre, carinhosa,
23 amável e sorridente com o povo, por onde
24 eu passava, tinha gente que dizia coisas
25 que não deviam dizer. Ninguém dava
26 nada pra mim. Quando eu era
27 pequena, eu chorava muito, quando eu
28 ia para igreja com minha mãe eu
29 chorava pra tomar mingau, eu
30 tomava e ia dançar.

31 Ela não aceitava deixo da Banda,
32 Farnava um povo e não deixava.
33 Nasci evangélica e não. Hoje não sinto.
34 As pessoas me chamavam, daquelas coisas
35 feias e eu não ligava para isso, mais
36 hoje onde eu estou com meus amigos na minha
37 vida, estou muito, mais estou tão
38 feliz, tão alegre. Hoje sinto feliz por
39 meus amigos que não ajudam eu não
40 tinha amigos mais hoje eu tenho.
41 minha mãe passou muito tempo
42 doente e eu fiquei muito triste. Eu
43 nunca pensei que ela ia ficar bem
44 daquela enfermidade chorei muito porque
45 pensei que ela ia morrer, mais o meu
46 Deus não deixou ela morrer e está feliz.
47 meu pai passou 5 dias internado no
48 Hospital de dom Helder Câmara e nunca
49 pensei que ele estaria pra casa, ele não
50 estava muito doente mais ele está
51 em casa. Bem melhor minha vida
52 minha história. Foi assim.
53 Amo minha família, essa história não
54 foi bem porque sofreu muito, mais
55 hoje está bem, essa é minha história
56 de vida.
57 mais minha mãe sofreu muito 9
58 meses na barriga, quando nasci eu não
59 não. Boa de saúde. Foi internada,
60 levei muita furada na vida, tentei
61 muito não fiquei muito doente, mas
62 hoje está aqui limpa e com saúde.
63 Essa é minha história.

Produção inicial e final de Dany

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Oi meu nome é
2 matei em 01/06/1996 sou filha de Maria Pardo
3 de sou José Joaquim de Souza, dos pais 12 anos
4 fui evoluta de casa para de estudo por que não
5 é um homem.
6 dos meus 13 anos fui mãe de um lindo menino
7 com os meus 14 anos fui mãe novamente de
8 uma linda menina, de sou exporci dele e fui
9 mais com minha mãe em 2012 quando ia fazer
10 8 anos que eu estava morando com minha mãe
11 eu vendi muitas para ele mas com 3 meses que
12 eu tinha voltado para ele eu fui embora mais
13 muito, daí o tempo passou e eu mais uma
14 vez voltei para ele e aos 17 anos eu tive mais
15 outra filha que foi minha filha mais nova
16 e o tempo foi passando minha mãe pegou
17 meu filho para criar porque eu era muito
18 nova com 3 filhos e eu não tinha dando conta
19 das 3 crianças pequenas mas com 3 anos o
20 outro com 2 anos e uma com 1 mês de idade
21 da, e o pai não me ajudava em nada.
22 Ele não era um bom pai ele não usava
23 amoroso com as crianças quando minha filha
24 mais nova fez 2 aninhos ele começou a me
25 maltratar a me xingar aí peguei minhas filhas

1 e fui embora de casa para casa da minha
2 mãe mas uma vez peguei dois meus irmãos
3 com ela, quando conheci o homem morei
4 com ele 5 meses até casada com ele já faz
5 um ano e ele me ajuda muito e um pai
6 para os meus filhos que eles nunca tiveram
7 meu grato adoro por ter colocado ele em meu
8 meu edinho.

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Meu nome é
2 matei em 01 de junho de 1996, sou filha de Maria
3 dos pais e de José Joaquim de Souza.
4 dos meus 12 anos, fui embora de casa,
5 para de estudar por que conheci um homem
6 dos meus 13 anos, fui mãe de um lindo
7 menino e com os meus 14 anos fui mãe novamente
8 mãe de uma linda menina.
9 Min exporci e fui morar com minha mãe
10 em 2012. Quando ia fazer 2 anos que eu estava
11 morando com minha mãe eu vendi muitas
12 para meu marido com 3 meses que tinha voltado
13 para ele, eu fui embora novamente. Daí um
14 tempo passou e eu mais uma vez voltei para
15 ele.
16 Aos 17 anos eu tive mais outra filha que
17 foi minha filha mas não ele o tempo foi
18 passando, minha mãe pegou meu filho para
19 criar por que eu era muito nova com 3 filhos
20 pequenos e eu não tinha dando conta
21 das 3 crianças pequenas, mas com 3 anos o
22 outro com 2 anos e uma com 2 meses de idade
23 o pai não me ajudava em nada.
24 Ele não era um bom pai, ele não usava
25 amoroso com as crianças. Quando minha filha
26 mais nova fez 2 aninhos, ele começou a me
27 maltratar a me xingar, aí peguei minhas
28 filhas e fui embora de casa para casa da
29 minha mãe, daí uma vez peguei dois meus
30 irmãos com ela.

1 Conheci o homem, morei com ele
2 5 meses e até casada com ele já faz
3 um ano, ele me ajuda muito e um pai
4 para os meus filhos que nunca tiveram.
5 Sou grata Deus por ter colocado ele em meu
6 família.

Produção inicial e final de Line

Autobiografia

*Minha vida
Minha história!*

1 Quem sou eu?
2 Eu sou:
3 nasci no dia 04/01/1989 no Centro de
4 Saúde Leonardo Buhlman da Cruz em
5 Camela.
6 Sou filha de Maria José do Nascimento
7 e Jailton Eduardo da Silva.
8 Sou a mais nova de 4 irmãos.
9 Sempre morei aqui em Camela com
10 minha mãe e meus irmãos.
11 Meus pais separaram-se quando
12 eu tinha 2 anos e 7 meses.
13 Comecei a estudar com 7 anos no
14 Educandário São Fernando onde fiz
15 a alfabetização de lá fui para a
16 Escola São Urbano onde fiz de 1º ao
17 5º ano. De lá fui para o Colégio
18 Estadual Almirante da Costa Soares onde
19 fiz 6º e 7º ano.
20 Meus irmãos ficaram minha mãe e eu
21 sempre fomos para o engenho Monte de
22 Deus, para a casa de nossos avós
23 paternos. Lá nós nos divertíamos
24 muito, fazíamos barba de rio brincávamos
25 muito.

26 no do Estado e fui para a escola
27 Jônatas Passarinho onde fui fazer a
28 7ª e 8ª série do fundamental.
29 Foi que no meio do ano eu desisti de
30 estudar.
31 No ano seguinte fiz minha matrícula
32 mais eu simplesmente desisti de novo.
33 Nesse passarinho e anos
34 perdidos de matrícula e desistência.
35 Foi que não queria estudar e passei
36 8 anos afastada da escola.
37 Mais neste ano de 2018 resolvi
38 terminar os estudos.
39 Entrei com 29 anos, gosto de ler,
40 não tenho filho e permanço morando
41 com minha mãe.
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58

Autobiografia

*Minha vida
Minha história!*

1 Quem sou eu?
2 Eu sou:
3 nasci no dia 04 de Janeiro de 1989, no
4 Centro de Saúde Leonardo Buhlman da Cruz
5 em Camela.
6 Sou filha de Maria José do Nascimento
7 e Jailton Eduardo da Silva.
8 Sou a mais nova de 4 irmãos.
9 Sempre morei aqui em Camela com
10 minha mãe e meus irmãos.
11 Meus pais separaram-se quando
12 eu tinha 2 anos e 7 meses.
13 Comecei a estudar com 7 anos
14 no Educandário São Fernando onde fiz
15 a alfabetização de lá fui para a
16 Escola São Urbano onde fiz de 1º ao
17 5º ano. De lá fui para o Colégio
18 Estadual Almirante da Costa Soares onde
19 fiz 6º e 7º ano.
20 Meus irmãos ficaram minha
21 mãe e eu sempre fomos para o
22 engenho Monte de Deus, para a casa de
23 nossos avós paternos.
24 Lá nós nos divertíamos muito, fazíamos
25 barba de rio, brincávamos muito.
26 Já do Estado e fui para a
27 escola Jônatas Passarinho, onde
28 fui fazer a 7ª e 8ª série do ensino
29 fundamental, por que no meio do ano
30 eu desisti de estudar.

No ano seguinte, fiz minha
matrícula, mas eu simplesmente desisti
de novo.
Nesse passarinho e anos
perdidos de matrícula e desistência.
Foi que não queria estudar e
passei 8 anos afastada da escola.
Mas neste ano de 2018 resolvi
terminar os estudos.
Durante minha adolescência
fiz alguns amigos, que tenho contato
até hoje.
Na minha adolescência tive
duas grandes paixões que foi o
futebol do meu pai e no ano
seguinte minha avó materna também
faleceu.
Entre com 29 anos, gosto de
ler, não estou trabalhando no momento,
não tenho filho, estou solteira e permanço
morando com minha mãe.

Produção inicial e final de Jeff

Atividade de Língua Portuguesa

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 NASCI EM 19/01/1990
2 BOM É A MINHA ADOLESCÊNCIA
3 NÃO FOI FÁCIL TIVE QUE
4 TRABALHAR PARA AJUDAR
5 A MINHA MÃE NESTA ÉPOCA
6 COM 12 ANOS CASEI E FUI
7 PAI DE DOIS FILHOS, NESSE
8 TEMPO TIVE QUE PASSAR
9 POR UM MOMENTO MUITO
10 DIFÍCIL NA MINHA VIDA
11 QUE FOI A DOENÇA DA
12 MINHA MÃE, QUE FOI QUANDO
13 ELA DESTORRIL QUE TEVE CANCER
14 E JA NÃO TINHA MAIS JEITO E FOI
15 UMA LUTA MUITO GRANDE E TIVE
16 QUE CONVIVER COM ELA MAS
17 TIVE UM GRANDE APOIO DA
18 MINHA ESPÓSA PARA FOMENTAR
19 ESSA LUTA NA MINHA VIDA..
20 MAIS DEUS SABE BI TUDO
21

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 NASCI EM 19 DE JANEIRO DE 1990
2 NOVECENTO E NOVENTA.
3 BOM, É A MINHA ADOLESCÊNCIA NÃO
4 FOI FÁCIL, TIVE QUE TRABALHAR PARA
5 AJUDAR A MINHA MÃE
6 NESTA ÉPOCA, COM 12 ANOS, CASEI
7 E FUI PAI DE DOIS FILHOS.
8 NESSE TEMPO TIVE QUE PASSAR POR
9 UM MOMENTO MUITO DIFÍCIL NA
10 MINHA VIDA.
11 QUE FOI A DOENÇA DA MINHA MÃE,
12 QUE FOI QUANDO ELA DESTORRIL
13 QUE TEVE CANCER E JA NÃO TINHA
14 MAIS JEITO FOI UMA LUTA MUITO
15 GRANDE.
16 TIVE QUE CONVIVER COM
17 ELA, MAS TIVE UM GRANDE APOIO
18 DA MINHA ESPÓSA PARA FOMENTAR
19 ESSA LUTA NA MINHA VIDA.
20 É NA MINHA INFÂNCIA
21 TIVE MOMENTO MUITO MUITO
22 FELIZ.
23
24

Produção inicial de Siel

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 EL NASCI EM 19 DE JANEIRO
2 DE 1990, MAS Tinha um
3 plano na minha vida, e estava aqui
4
5 Estou aqui na casa de meu
6 no qual temo ao a gente não
7 tinha com di sair para comprar
8 livros para a escola da filha
9 no qual temo ao a escola
10 a gente tinha que ir a
11 casa para meir da filha
12 as fugas
13
14 El gostei muito de estudar
15 a plan de a escola e a escola
16
17 El se de na que no que trabalho
18
19 Para mim mais ter com meus
20 que temo a minha família
21 El nasci a que um amigo
22 na qual da família por que
23 El era de quem da qual
24 na qual da qual
25 do trabalho por que El era de quem no

26 EL JOGAVA BOLA NO
27 TIA GALHEI MAS MEUS DOIS
28
29 NAGI A BOLA EL Tinha
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Produção inicial e final de Gui

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 MINHA vida é assim eu
2 Vou contar um pouco da minha
3 História eu fui criado com
4 meus Pais em um Engenho e
5 com meus irmãos eu quando
6 Era jovem não me interessei por
7 os estudos porque muitas
8 vezes eu tinha que trabalhar,
9 Também eu tenho 16 irmãos
10 Tenho uma boa convivência
11 com todos eles,
12 A minha Praxiseo eu deu
13 Pedreiro e deu graças a
14 Deus por estar empregado
15 pois eu tenho uma filha pequena
16 de apenas 4 anos e li com
17 desempregado não seria nada bom
18 nada bom porque eu e minha
19 família poderíamos passar
20 por dificuldades, tenho uma
21 esposa que com ela construir
22 a maior parte da minha vida
23 eu tenho um gosto muito
24 grande por passar o
25 tempo com a família e
26 com a esposa e os filhos.

26 Agradeço a Deus por tudo
27 que ele fez em minha vida
28 obrigado meu Deus.
29
30

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 minha vida é assim,
2 eu vou contar um pouco da
3 minha história. Eu fui criado
4 com meus Pais em um Engenho,
5 junto com meus irmãos.
6 Eu quando era jovem não
7 me interessei a estudar porque
8 muitas vezes eu tinha que
9 trabalhar.
10 Eu tenho 16 irmãos e tenho
11 uma boa convivência
12 com todos eles.
13 A minha Praxiseo é Pedreiro e
14 deu graças a Deus por estar
15 empregado.
16 Pois eu tenho uma filha pequena
17 de apenas 4 anos e li com
18 desempregado não seria nada bom
19 porque eu e minha família
20 poderíamos passar por dificuldades.
21 Tenho uma esposa que com
22 ela construiu a maior parte
23 da minha vida.
24 Eu tenho um gosto muito grande
25 por passar o tempo
26 com a família e com a esposa
27 também gosto de estar para a família
28 Agradeço a Deus por tudo
29 que ele fez em minha vida.
30 obrigado meu Deus.

Produção inicial e final de Josy1

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Data de nascimento 03/03/79
2 Eu nasci no Engenho ARIMBI.
3 meu pai não teve tempo de procura
4 carro para mim não ter o carro e
5 parasse eu nasci em casa era
6 no sítio e hoje eu estou aqui para
7 contar um pouco da minha história
8 quando eu tinha 3 anos minha mãe
9 separou do meu pai e foi trabalhar
10 ela não deixou com minha tia
11 ela era muito jovem e não tinha
12 experiência com criança nascido
13 da ela foi para o Rio lavar
14 roupa e não levou com ela
15 chegando lá eu fui tomar banho
16 e fiquei doente minha mãe chegou
17 do trabalho e não levou para o
18 médico e ele não deu um
19 medicamento e falou que era
20 sarampo e que tinha recolhido
21 para dentro de mim. minha mãe
22 ficou preocupada e falou para o meu
23 pai e voltaram para o Rio e
24 foram morar no Engenho São
25 Carlos chegando lá as pessoas
26 perguntaram se ela tinha filhos
27 e ela respondeu sim uma filha.

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu nasci em 03 de março de 1979
2 no Engenho ARIMBI.
3 meu pai não teve tempo de
4 procurar carro para mim não ter
5 o carro por isso eu nasci em casa
6 era um sítio e hoje eu estou
7 aqui para contar um pouco da
8 minha história.
9 quando eu tinha 3 anos minha
10 mãe separou do meu pai e foi
11 trabalhar ela não deixou com
12 minha tia, ela era muito jovem
13 e não tinha experiência com
14 criança, um certo dia ela
15 foi para o Rio lavar roupa
16 e não levou com ela chegando
17 lá eu tomei banho e fiquei
18 doente, minha mãe chegou do
19 trabalho e não levou para o
20 médico e ele não deu um
21 medicamento e falou que tinha
22 recolhido o sarampo que ele estava
23 para dentro de mim.
24 minha mãe ficou preocupada
25 e falou com o meu pai e voltaram
26 para o Rio e foram morar no Engenho São
27 Carlos, chegando lá as pessoas
28 perguntaram se ela tinha filhos
29 e ela respondeu sim uma filha.

26 perguntavam que ela tinha filhos
27 e ela respondia sim, uma filha
28 ficava surpresa? Porque eu
29 não vejo ela? Ela é doente
30 do viro e deixada eu ganhei um
31 bebado e falou para meu pai
32 si ele queria que eu ficasse
33 na ele disse Sim vai em casa
34 e a pra um remédio para ela
35 como é o nome desse remédio
36 Trite e po' deante que era
37 para para as feridas que formam
38 e serviu aquele remédio e eu fiquei
39 boa. Eu também nasci aliada
40 meu pé era grande como a perna
41 do médico colocou uma bota
42 de ferro e eu melhorei de meu pé
43 minha vida foi muito triste
44 quando ainda pequena meu pai
45 não tinha escândalos de sim
46 da os coisas que eu queria
47 Eu com uma menina que era difícil
48 pra trabalhar ficava dura assim
49 mesmo Eu tinha que fazer de
50 não Eu ficava com vontade para
51 as rias pisa pite e não tinha
52 coragem para colocar no cano
53 com a água branca e o Sal hoje
54 tem muitas pessoas que não sabe
55 como era as coisas antigas que
56 as coisas que não são E ME LHO
57 Si ARREPENDER por as coisas antigas
58 não Era Assim hoje é tudo bom!

Ficava com medo porque eu
não vejo ela? É doente?
do viro e deixada. Chegou um
bebado e falou para meu pai que
si ele quisesse que eu ficasse
boa, ele queria ir em casa
e a pra um remédio para mim,
o nome desse remédio era Trite e
po' deante que era para para
as feridas que formam e serviu
aquele remédio e eu fiquei boa.
Eu também nasci aliada
adulterência eu fiquei aliada
do meu pé, ele era grande
com a perna do médico colocou
uma bota de ferro e eu melhorei
de meu pé.
eu tinha não tem 12 filhas.
Eu sou mais velha de todas.
A minha vida é muito sofrida,
meu pai é diferente visual,
eu ando com ele para resolver
as problemas com ele.
ele tem 6 netas que são Pedro,
Erla, Fabiana, Fabia, Eliane,
Fessia e Eloiza.
São 5 mulheres e um homem
minha irmã que é mais nova
do que eu ela mora em São
Agostinho. Melhorando a minha
violinista e meu pai tem casa de
aluguel. E eu tenho uma vida
mais ou menos. Porque que me espanta
esta doente.
E ele não agradele as coisas
que eu resolvo para ele e por isso
eu não com essa indiferença.
não é fácil meu pai e eu.

pagara na minha alface
Eu sou muito diferente
porque o jeito de minha
não minha Educação foi diferente
da educação das minhas irmãs.
Eu era diferente porque meu pai
mandava eu fazer serviço na
colheita dos frutos, eu ajudava
as irmãs na colheita e ele
nunca mandava minhas irmãs
fazer o que eu fazia e ainda
hoje muito forte em mim.
um dia eu demorei ir fazer
o que ele mandava.
ele chegou em casa e me
perguntou o por que? Que
eu não tinha mais ido fazer
as coisas e me deu muito
forte ficou doente no meu corpo
e eu não fui porque minha
irmã me mandou lavar as pratos
como era que eu ia e eu
estava ocupada
mais hoje eu falo que não
arrepentido.
e também as minhas irmãs
são muito privilegiadas,
porque elas fazem o que querem
e eu não. Educação como minha
Educação e por isso que eu digo
que eu sou diferente, elas
respondem como que a eu e
minha irmã e não colada.
hoje é diferente como o
tempo era o tempo as filhas
eram educadas mais hoje é
diferente de antes.

Produção inicial e final de Josy2

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

Eu

1 nasci no dia 24.03.1974
2 Tive minha infância no litio mais
3 meus pais e irmãos. meu pai
4 Paulo Ramiro da Silva e minha
5 mãe, Antonia Maria da Silva
6 Os dois tiveram dez filhos eu
7 Sou a quarta filha e tenho muito
8 orgulho de meus pais pois foram
9 muito guerreiros desde cedo come
10 ci trabalhar na roça fazíamos
11 farinha, andava a cavalo, tãmau
12 banco de rio, estudava mais
13 Eu era filiz e não sabia ao quina
14 anos sai de casa em busca de
15 melhor um pouco a vida mais
16 impulsionado de que brei a cara a
17 única coisa boa que restou foi
18 meus dois filhos que são a razão
19 da minha vida eu morava em
20 teve meu primeiro filho que se
21 chama Valdeir no ano noventa
22 e dois tive a minha filha Jersica
23 no ano noventa e quatro eu min
24 deparei do pai dos meus filhos e
25 comecei a minha luta. Valdeir pro

cara dos meus pais depois

26 de um ano só eu casa eu de
27 dei de lá fui trabalhar em casa
28 de família, o pai deles nunca deu
29 nada para as crianças, mais
30 como pobre eu fiz o que pudei.
31 Por eles com o apoio de meu pai
32 e minha mãe, eu tive muito apoio
33 deles, até que eu noventa e sete
34 no acidente eu perdi meu pai, eu
35 meu mundo caiu. Valteí para
36 casa e fiquei cuidando de meus
37 filhos, e de minha mãe e meus
38 irmãos. eu luto Valteí a estudar
39 pois tinha papado na quarta -
40 serie. eu dois mil seis outro tar
41 mento um barranco caiu em
42 cima da casa eu que não vivia
43 e matou dois autistas meus que
44 eu cuidava junto com minha
45 mãe e meus irmãos, e meus dois filhos
46 Então nesse acidente saíram
47 do litio com a roupa do
48 corpo fomos morar na barra
49 eão. do engenho cabado mora
50 mas lá de fazer para dois anos
51 mais deus e tão bondoso que
52 o ludo teve por lá e ressuruiu
53 certo o engenho eu por cima
54 pra os moradores como a minha
55 família estava na pior foram
56 centenas de pessoas com duas porção
57 uma pra minha mãe e a outra
58 pra meu irmão, hoje não preciso

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

Eu

1 nasci na cidade dos palméis no
2 dia 24 de março de 1974 no hospital
3 Regional dos palméis, tive toda
4 minha infância no litio com
5 meus pais, Paulo Ramiro da Silva
6 e minha mãe Antonia Maria da
7 Silva
8 Tenho dez irmãos ao todo,
9 são quatro irmãos e seis irmãs.
10 Eu sou a filha quarta e tenho muito
11 orgulho de meus pais, pois foram
12 muito guerreiros.
13 Desde cedo comecei trabalhar
14 na roça, fazíamos farinha, andava
15 a cavalo, tãmau banco de rio,
16 estudava no Engenho mãozinha
17 e morava no Eng. Cabado da Urima
18 Santo Terezinha, município de Agua
19 Preta. eu era filiz e não sabia.
20 Aos quinze anos, já no ano
21 de 1989, comecei a minha vida fora
22 de casa, fui viver com o meu namora
23 do, pensando eu ter uma vida melhor
24 mais foi só ilusão que brei a cara
25 ficamos juntos por a única coisa
26 boa que ficou, foi meus dois filhos
27 Jersica Peire da Silva, hoje com
28 25 anos e meu filho primogenito
29 Valdeir Ferreira da Silva, hoje
30 com 27 anos. de pais disso, pai,

como a morar com meu

31 pai, e trabalhar em Boa Vigen.
32 deixei meus dois filhos com meus
33 pais em Cabado e depois. Venha toda
34 quizesa ver eles, e não pra redim
35 ter com eles.

36 Eu não tive tudo que eu queria
37 mais tentei fazer o melhor pelo
38 meus filhos, eu trabalhei no ano 1994.
39 No ano de 1997, meu mundo
40 caiu, perdi no acidente o meu rei
41 meu pai que era o meu porto seguro,
42 daí em diante comecei minha luta.
43 Valteí de Boa Vigen onde eu ia residir
44 na favela beira rio, próximo ao
45 Shopping Center e Valteí morando
46 pro vida no litio mais de lá.

47 Fomei a viver de lavar e consertar
48 para minha família, minha mãe e meus
49 irmãos e dois pubélicas e meus dois
50 filhos.

51 Em dois mil outro pesadelo,
52 no dia 31 de julho do ano 2000
53 mil caiu um barranco em cima
54 da casa e eu tive a infeliz sorte de
55 vir tudo sem poder fazer quase
56 nada, estava em uma casimba
57 euclando pra não entrar a gua
58 de chuva e vi quando o barranco
59 desabou de ladear abaixo, gritei
60 muito até que minha mãe saiu
61 dentro da casa junto com
62 apenas duas crianças onde
63 avia sete crianças e elas a minha
64 mãe.

65 Resumindo salvamos todos
66 os meus irmãos, e meus dois filhos
67 mais meus dois pubélicas que
68 era legar e sergio de alto e mare

meus pais tiveram a mesma sorte. Pais o Sérgio correu pro o fundo da casa e ficou debaixo da porta da cozinha e o outro correu pro frente da casa mais ficou preso nos pau, pais a casa e de taipa e quebrou o porcoço. e eu assisti tudo tentando ajuda-lo Pais não conseguiu. Deus sabe o quanto sofri mais ainda fui processada por intimação da justiça mais alguns da família não acreditava em mim pelo fato de meus dois filhos não terem morrido.

No dia 03 de agosto fiz o enterro e ficamos na rua com as roupas do corpo a casa já não existia e nada que tivesse sobrado, eu jama mais no barbação do Engenho Cabado.

Depois de um dois meses a Rui dos Valcides Tereza Valtado pro São Paulo onde ele e alguns irmãos meus já tinham alguns anos mandam um bon de móveis, roupas e sota-barricas, daí lidantes as coisas melhoraram.

Depois, no ano de 2002 dois mil e dois. O Inero entrou no Engenho Cabado e Terezinha e contou eu裴lar. então eu lutei muito até fui pro debaixo da lona mais não fui contemplado por que no época eu não era casada. mais fiquei feliz por que a minha mãe e meu irmão Daniel foram contemplado cada um tem uma parcela. hoje sou casada, estudo, já criei cinco filhas do meu ente.

Produção inicial e final de Narcy

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Olá meu nome
2 tenho 28 anos,
3 sou filha única. Quando eu era
4 pequena minha mãe me dizia
5 mostrando com minha mão,
6 não era fácil uma criança crescer
7 sem a companhia da mãe e do pai.
8 minha vida mudou quando eu
9 comecei a estudar porque também
10 uma menina o nome dela também
11 é Adriana, ela se tornou minha
12 irmã e amiga. Certo dia tive que
13 parar de estudar porque fiquei
14 gravida nascendo para estudar
15 com uma criança pequena assim.
16 2 anos em minha companhia e quando
17 faltou pouco tempo minha mãe
18 faleceu, tive que aprender a superar
19 a saudade que era grande. Ela
20 sempre esteve ao meu lado nos
21 momentos mais difíceis. Hoje sou
22 casada novamente meu filho já está
23 com 11 anos, está estudando, está feliz
24 com tudo o que conquistou.
25 Camela, 06 de Junho de 2018

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 MEU NOME É
2 NARCY FAZ MUITO TEMPO QUE AOS
3 DIAS DE 1989 NA CIDADE DO RIO
4 DE SANTO AGOSTINHO QUANDO EU TINHA
5 5 ANOS MINHA MÃE ME DEIXOU MORANDO
6 COM A MINHA AVÓ. MINHA INFÂNCIA
7 NÃO FOI MUITO FÁCIL SEMPRE TIVE
8 MUITAS DIFICULDADES, MINHA MÃE TEVE
9 QUE TRABALHAR E NUNCA TINHA
10 TEMPO PARA BRINCAR OU FICAR
11 COMIGO, POIS AQUELE TEMPO ELA
12 ERA MUITO NOVA E TINHA SE
13 SEPARADO DO MEU PAI, MESMO
14 SABENDO QUE ERA PARA O MEU
15 PROPRIO BEM, ELA PREGUNTOU
16 IR EU NÃO QUERIA ENTENDER POIS
17 EU ERA MUITO PEQUENA NÃO ERA
18 FÁCIL UMA CRIANÇA CRENCER
19 SEM A COMPANHIA DA MÃE. E DO
20 PAI. QUANDO COMPLETEI 14 ANOS,
21 COMECEI A ESTUDAR E LÁ NA
22 ESCOLA CONHECI UMA MENINA,
23 O NOME DELA TAMBÉM ERA
24 ADRIANA, ELA SE TORNOU MINHA
25 IRMÃ. ELA TEM 3 IRMÃS QUE SE
26 CHAMA ELIANE, SELMA, SOLENE.
27 NEDE E A MÃE DELA DONA ALAIDE
28 NÃO FAZIA DIFERENÇA ENTRE
29 EU E AS FILHAS ELAS SEMPRE ME
30 TRATAVAM IGUAL QUANDO ATÉ HOJE

ELA ME CHAMA DE MINHA MINHA
FILHA DE CRIANÇA E EU ACHAMO
DE MÃE VIDA. EU ERA UM MENINO
MUITO SO E GANHEI 6 IRMÃS
TODAS ELAS TEM 2 FILHOS E ELA
ME CHAMA DE TIA NARCISA.
HOJE SOU CASADA A 8 ANOS
COM FABIANO DA SILVA TENHO
1 FILHO DO MEU PRIMEIRO
CASAMENTO ELE TEM 11 ANOS.
EU E MEU MARIDO TRABALHAMOS
NO ENOTEL PORTO DE GALINHAS.
SOU CAMAREIRA A 3 ANOS NO
HOTEL, NÃO ERA BEM O MEU
SONHO, ESSA PROFISSÃO MAS EU
NÃO TIVE MUITA OPÇÃO PORQUE
EU NÃO TERMINEI MEU ESTUDO
TIVE QUE PARAR MAS AGORA
TENHO QUE TERMINAR PARA
TER UM EMPREGO MELHOR.
HOJE SEI COMO É IMPORTANTE
TER ESTUDO MESMO MUITO
CASADA DO TRABALHO E MUITAS
VEZES COM MUITA DOR
QUERO ME DEDICAR AO ESTUDO
PORQUE TANTO RUIM NÃO SABER.
EU TENHO O MAIS IMPORTANTE
E MEU ESPÍRITO JOVEM, MINHA
CORAGEM DE TERMINAR.
COISAS QUE ME DÃO ALEGRIA
É OUVIR MÚSICA, VER, COMVERSAR
COM AMIGOS, ANDAR DE MOTO E
OLHAR A NATUREZA, BRINCAR
COM MEU FILHO, IR A IGREJA,
FICAR COM MINHA FAMÍLIA.
EM FIM, ESSA É UM POUCO DA
MINHA HISTÓRIA.

Produção inicial e final de Lucy

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

231051

23/10/98

1. Qual em primeiro lugar?

2.

3. Tenho 40 anos. nascida em Sinabon Pe

4. Nasceu no dia 11/03/58

5. Moro em Camela: cidade Ipoema

6. Sou filha de Zena e Francisco

7.

8. Minha vida, minha história.

9.

10. Se tudo me em alegria, e ao mesmo tempo

11. em tristeza. Porque a vida no meio naquilo

12. a vida é mais difícil. Quando eu tinha os

13. meus 14 anos eu trabalhava bastante. Porque

14. os pais eram muito difícil. Eu paginha lavava

15. muitas roupas no cozinheiro Para 14 pessoas

16. da família. E eu era a filha com um baldi

17. Para poder lavar, assim Pagar de baldi, em baldi

18. Não era fácil: imaginei mãe lavando roupa

19. Para um mês de mês.

20. Mas quando eu terminava foi um Para cuidar

21. Para a fim escola.

22. Tinha que ir pra escola Para dois de 12:30 h

23. Para chegar no engenho de 12:30 h Para

24. pagar a escola dos estudantes e chegava em casa

25. de noite de 7 horas da noite.

26. Quando era em outro dia. Já era Para pagar

26 morando no caso de João. Fui muito
27 dos vizos na mendicância na cidade e tinha
28 Termino, Fui para São Paulo. E a vida era
29 assim da vida, a vida, da minha vida e de outros
30 pessoas.
31 Fui com de 16 anos comecei a trabalhar e
32 mais com de 19 anos. Fui muito muito da
33 minha vida. Com a minha responsabilidade da minha
34 primeira vida, depois fui morar na casa da minha
35 no engenho, onde com 2 anos fui muito muito
36 vida. E foi assim. Foi assim de um tempo
37 em família. Para poder sustentar a minha
38 casa fui passando no pouco e fui um bom tempo
39 para deixar a vida. E a vida é quanto à vida.
40 Primeiro, depois disso, depois disso, depois disso.
41 Depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
42 e in a meu tempo foi trabalhar lá. E foi assim
43 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
44 com com, com um ano de trabalho e com.
45 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
46 e depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
47 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
48 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
49 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
50 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
51 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
52 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
53 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
54 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
55 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
56 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
57 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.
58 depois disso, depois disso, depois disso, depois disso.

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1. Meu pai
2. Nasceu em São João del-Rei no dia 11/03/49.
3. Minha infância foi muito difícil,
4. Quando eu tinha 15 anos eu trabalhava
5. bastante, as coisas eram muito diferente
6. de hoje.
7. Na casa de
8. Eu não souber, então, tinha medo para
9. poder trabalhar, estava morando na cabana
10. para casa de família, e muito mais.
11. A minha família vive em números de 15
12. do tipo que nos vivíamos era muito
13. complicado, mais com algumas coisas, assim mesmo.
14. O local onde eu morei foi no Rio,
15. Faria de Jaca, Bragança, Maracá e
16. tratava de estudar em São João del-Rei, foi a
17. minha primeira experiência e 6 anos.
18. Fui porque com 2 e 3 anos depois não
19. quis que estudasse mais. Por isso eu falei
20. agora voltei a estudar, tive muitos amigos
21. não me adaptei, fui humilhado, mas
22. bastante paudável, naquele tempo não
23. fui, mas que eu trabalhava em por. +
24. Eu trabalhava bastante nas tarefas
25. da casa, com o pai, meu vovô e
26. irmãos mais velhos, e tenho um casal de
27. filhos que se chama Gabriel que tem 20
28. anos e Gabriela que tem 18 anos.
29. O que eu faço hoje é cuidar dos
30. meus filhos e mais tarefas da casa.

e estudas a noite. Pórsos senhores e' ten
algo para ajudar os meus dois filhos
mas que eles fructuarim.

Davidi Pim Tantei, e isto e' a minha
historia, agradecida por tudo que Deus em
todas as momentos Deus intervém de meus
lados e até hoje ele está.

Produção inicial e final de Elma

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu
2 filha de
3 nasci no dia 16 de fevereiro de 1989
4 na cidade de Jaqueira.
5 Eu morei até engenho Bicho com
6 os meus pais e muitos irmãos, o meu
7 pai trabalhava de pedreiro e não per-
8 dia o emprego, eu tinha ele de quinze
9 a quinze dias. A minha mãe também
10 trabalhava no tempo eu passava
11 a maioria do tempo com meus irmãos
12 nos domingos e muito.
13 Um certo dia minha mãe se casou com
14 um homem de tempo de trabalho e com-
15 prou uma filha na sua de idade
16 fiquei muito triste porque não tinha
17 os meus amigos da escola e entre
18 eles tinha um menino muito especial
19 que eu gostava muito mais eu tinha
20 que não era minha mãe. Quando
21 chegou na sua era tudo muito es-
22 tranho, pois eu tinha que conviver
23 tudo de novo.
24 Depois de algum tempo comecei a
25 estudar no Colégio Agro Urbana

26 fiz logo muitos amigos, certo dia
27 ao longo da escola vi um rapaz
28 que trabalhava em uma fabrica-
29 ria, olhando para mim de um
30 modo me impeli, mais todos os
31 dias ele falava me olhando, um
32 dia ele pediu para falar comigo em-
33 tra falamos conversando que todos
34 os dias um dia ele pediu para namo-
35 rar comigo eu falei que não queria
36 mais ele não desistiu. Depois de al-
37 gum tempo comecei a namorar,
38 depois de quatro anos casamos. Da-
39 poi diante a minha vida mudou
40 totalmente porque eu engravidou
41 eu engravidou a ser mãe com isso tive
42 que interromper os estudos, pois não
43 tinha como continuar com uma
44 criança pequena. O tempo passou
45 e tive mais dois filhos depois que
46 eles cresceram voltei a estudar, por-
47 quero estudar profissionalmente.
48 Hoje sou casada, tenho três filhos
49 estou concluindo os meus estudos
50 também sou professora da escola
51 pública na cidade em que vivo
52 hoje. Sou muito feliz com tudo que
53 eu fiz.
54

Autobiografia

*Minha vida,
Minha história!*

1 Eu
2 filha de
3 nasci no dia 16 de fevereiro de 1989, na cidade de Jaqueira.
4 Eu morei na engenho Bicho
5 com os meus pais e muitos irmãos, o
6 meu pai trabalhava de pedreiro, não
7 ficava em casa, eu não via ele de qui-
8 nze a quinze dias. A minha mãe
9 também trabalhava no tempo eu
10 passava a maioria do tempo com
11 meus irmãos e brincamos muito.
12 Um certo dia, minha mãe se casou
13 com um homem de tempo de trabalho e
14 comprou uma casa em Jaqueira. De-
15 pois fiquei muito triste porque
16 não tinha os meus amigos da es-
17 cola e entre eles tinha um menino
18 muito especial que eu gostava muito,
19 mas eu não via ele com os meus pais.
20 Quando chegou na sua era tudo
21 muito diferente do engenho pois
22 não tinha amigos e não tinha
23 nem tranquilidade de um pouco
24 para mim de tudo.
25 Depois de algum tempo comecei a
26 estudar no Colégio Agro Urbana,
27 fiz logo muitos amigos.
28 Certo dia ao longo da escola vi um
29 rapaz que trabalhava em uma
30

31 fabrica, olhando para mim. Um
32 dia me impeli mais todos
33 os dias ele falava me olhando. Um
34 dia ele pediu para conversar comigo
35 então falamos conversando que
36 todos os dias. Ele pediu para namo-
37 rar comigo, eu falei que não queria,
38 mas ele não desistiu.
39 Em dois meses a namorar, depois
40 de quatro anos decidimos casar. Da-
41 poi diante a minha vida mudou to-
42 talmente naquele tempo eu ainda es-
43 tava estudando.
44 Em dois meses meu primeiro filho
45 Diego filho de Andrade, nasceu. Da-
46 pois eu continuei a estudar. Em dois
47 anos mais um filho, Vitor Gabriel de
48 Andrade, nasceu. Com isso tive que inter-
49 romper os estudos, pois não tinha como
50 continuar com duas crianças pequenas.
51 O tempo passou e tive mais um
52 filho o João Pedro de Andrade. Depois
53 que eles cresceram voltei a estudar
54 pois quero estudar profissionalmente.
55 Hoje sou casada com a esposa
56 e tenho três filhos, estou concluindo
57 os meus estudos e também sou pro-
58 fessora das crianças na escola pú-
59 blica na cidade em que vivo hoje.
60 Sou muito feliz com tudo que eu
61 fiz.